

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DO PANTANAL**

GIOVANNI FRANÇA OLIVEIRA

**“NAS BOCAS DA CIDADE DE CORUMBÁ-MS; O COMÉRCIO DE
DROGAS NA FRONTEIRA BRASIL/BOLÍVIA”**

**CORUMBÁ - MS
2013**

**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CAMPUS DO PANTANAL**

GIOVANNI FRANÇA OLIVEIRA

**“NAS BOCAS DA CIDADE DE CORUMBÁ-MS; O COMÉRCIO DE
DROGAS NA FRONTEIRA BRASIL/BOLÍVIA”**

Dissertação de Mestrado Apresentada ao Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal.

Linha de pesquisa: Identidade e Fronteira.

Orientador: Dr. Gustavo Villela Lima da Costa

**CORUMBÁ - MS
2013**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Este documento corresponde à versão final da dissertação intitulada “**NAS BOCAS DA CIDADE DE CORUMBÁ-MS; O COMÉRCIO DE DROGAS NA FRONTEIRA**” e apresentada por GIOVANNI FRANÇA OLIVEIRA à Banca examinadora do Programa de Pós-Graduação Mestrado em Estudos Fronteiriços da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal, tendo sido considerada _____

Banca Examinadora

Orientador:

Prof. Dr. Gustavo Villela Lima da Costa
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

1º Avaliador

Prof.Dr. Michel Misse
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

2º Avaliador

Prof. Dr.TitoCarlos Machado de Oliveira
(Universidade Federal de Mato Grosso do Sul)

Dedico a presente Dissertação ao meu avô, **Francisco Benvindo França**, (*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu amigo e orientador Gustavo Villela Lima da Costa que ao final do meu curso de graduação em História foi à pessoa que acreditou em meu potencial, se dispondo a orientar-me no pré-projeto, resultando nesta dissertação de mestrado. Muito obrigado por todo o apoio que me deu em todos os momentos desta dissertação. Certamente esta dissertação é resultado do desafio que você me propôs em certo dia na sala do Mestrado, você se lembra? Isto é fruto do nosso trabalho em conjunto Gustavo.

Agradeço à banca de defesa, composta pelos professores Michel Misse (UFRJ) e Tito Carlos Machado de Oliveira (UFMS), pelos valiosos comentários, críticas e sugestões feitos durante o exame de qualificação e que enriqueceram e aprimoraram este trabalho.

Agradeço à minha família, em especial a minha mãe Marilce e a minha avó Ana que sempre estiveram presentes em minha vida, rezando por mim em minhas idas a campo, mesmo sem saber em qual momento eu faria estas incursões pela cidade.

Meu sincero agradecimento à amiga/companheira que fiz Andrea Ferrão, que sempre esteve ao meu lado me dando conselhos e me propiciando muitos momentos felizes no decorrer destes dois anos.

Aqui vai um singelo agradecimento para *Dio*, *Alterna* e *Contrasteos* “interlocutores” (não revelarei seus nomes, mas quando lerem o resultado final deste trabalho vão se sentir orgulhosos, pois isso é fruto também de seus esforços) que foram fundamentais em minha entrada em muitos locais restritos para a maioria das pessoas, como também agradecer a todos aqueles que confiaram em conceder entrevistas tão importantes para a confecção deste trabalho.

Agradeço ao pessoal da biblioteca da UFMS em especial ao Leopoldo e Valcir que sempre me ajudaram desde a época da graduação até o fim deste trabalho, na procura de livros e nas “conversas de corredor”, meu muitíssimo obrigado.

Agradeço à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus do Pantanal e ao Mestrado em Estudos Fronteiriços, pela possibilidade de ter me integrado à turma desse mestrado ao qual me sinto feliz e honrado.

Agradeço à Capes por ter me contemplado com a bolsa de mestrado tão necessária para a realização deste trabalho.

Agradeço ainda a todos aqueles que direta ou indiretamente tiveram participação nesta caminhada, seja através de palavras de incentivo, seja na realização das pesquisas, ou simplesmente pelos momentos compartilhados durante o avanço desta trajetória.

Llevamos un mundo nuevo en nuestros corazones. De igualdad y de justicia, de ciencia y "sin poder" Libertad en armonía, orden y gobernar Bajo el cielo un nuevo sol: Es la idea libertaria. (la Idea – Sin Dios)

OLIVEIRA, Giovanni França. “NAS BOCAS DA CIDADE DE CORUMBÁ-MS; O COMÉRCIO DE DROGAS NA FRONTEIRA”. 126p. 2013. Dissertação de Mestrado (Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Em Nível de Mestrado em Estudos Fronteiriços, Universidade Federal de Mato Grosso Do Sul – Campus do Pantanal, Corumbá, MS).

RESUMO

A presente dissertação tem por objetivo central demonstrar e compreender as dinâmicas específicas do comércio fronteiriço de drogas ilícitas, assim como os processos de integração funcional que possibilitam as peculiaridades deste comércio nas cidades de Corumbá (Brasil) – Puerto Quijarro/ Puerto Suárez (Bolívia). A metodologia de pesquisa utilizada foi a etnografia, o que possibilitou entender esses processos e práticas a partir da visão dos atores sociais envolvidos neste tipo de comércio. As implicações da pesquisa etnográfica, em situações de perigo, também são foco de reflexão deste trabalho, em que analisamos as condutas que norteiam a venda de drogas, tanto no atacado quanto no varejo desta região. A partir disso, buscaremos compreender também as consequências dessa economia ilegal no tecido social de Corumbá, rompendo com as dicotomias entre o legal e o ilegal. O principal foco desta pesquisa são as “bocas familiares” estruturadas a partir das relações de vizinhança e parentesco. Este estudo aponta, por fim, para algumas mudanças ocorridas a partir de 2006, com a entrada progressiva do Primeiro Comando da Capital (PCC) nesta região, a partir dos presídios. Esta presença do crime organizado vem transformando a dinâmica local de venda de drogas baseadas nas relações pessoais e de vizinhança, inserindo uma nova lógica de lealdades ao PCC, assim como apontando para sua possível transnacionalização.

Palavras-chaves: Fronteira; Tráfico de Drogas; Corumbá

OLIVEIRA, Giovanni França. “NAS BOCAS DA CIDADE DE CORUMBÁ-MS; O COMÉRCIO DE DROGAS NA FRONTEIRA”. 126p. 2013. Dissertação de Mestrado (Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Em Nível de Mestrado em Estudos Fronteiriços, Universidade Federal de Mato Grosso Do Sul – Campus do Pantanal, Corumbá, MS).

RESUMEN

Esta tesis pretende demostrar y entender las dinámicas específicas de comercio fronterizo de drogas ilícitas, así como los procesos de integración funcionales que permiten a las peculiaridades de este comercio en las ciudades de Corumbá (Brasil) - Puerto Quijarro / Puerto Suárez (Bolivia). Se utilizó la etnografía como metodología de investigación, lo que permite entender estos procesos y prácticas desde la perspectiva de los actores sociales involucrados en este comercio. Las implicaciones de la investigación etnográfica en situaciones peligrosas, también son un foco de reflexión de este trabajo, donde se analizan los comportamientos que impulsan la venta de drogas, tanto en la venta al por mayor y al por menor en esta región. De esto también trataremos de comprender las consecuencias de esta economía ilegal en el tejido social de Corumbá, rompiendo la dicotomía entre lo legal e ilegal. El objetivo principal de esta investigación son las “bocas” familiares (puntos de venta de drogas), estructuradas a partir de las relaciones de vecindad y parentesco. Este estudio tiene como objetivo, en última instancia, introducir algunos cambios que han ocurrido desde 2006, con la entrada gradual del Primer Comando Capital (PCC) en esta región, desde las cárceles. Esta presencia del crimen organizado ha transformado las dinámicas locales de venta de drogas sobre la base de las relaciones personales y vecinales mediante la introducción de una nueva lógica de lealtades a el PCC, así como señalar a su posible transnacionalización.

Palabras clave: Frontera, tráfico de drogas; Corumbá

OLIVEIRA, Giovanni França. “NAS BOCAS DA CIDADE DE CORUMBÁ-MS; O COMÉRCIO DE DROGAS NA FRONTEIRA”. 126p. 2013. Dissertação de Mestrado (Curso de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Em Nível de Mestrado em Estudos Fronteiriços, Universidade Federal de Mato Grosso Do Sul – Campus do Pantanal, Corumbá, MS).

ABSTRACT

This dissertation aims to demonstrate and understand the specific dynamics of border trade in illicit drugs, as well as the processes of functional integration that enable peculiarities of this trade in the city of Corumbá (Brazil) - Puerto Quijarro / Puerto Suarez (Bolivia). The research methodology used was the ethnography, allowing us to understand these processes and practices from the perspective of social actors involved in this trade. The implications of ethnographic research in dangerous situations, are also a focus of reflection in this work, in which we analyze the behaviors that drive drug sales, both wholesale and retail in this region. From this, we also seek to understand the consequences of this illegal economy in the social fabric of Corumbá, breaking the dichotomy between legal and illegal. The main focus of this research are the familiar “bocas” (selling drugs spots) structured from neighborly relations and kinship. This study aims ultimately, to show some changes that occurred since 2006, with the gradual entry of the “First Capital Command”(PCC) in this region, from inside the prisons. This presence of organized crime has transformed the local dynamics of drug sales, based on personal and neighborhood relationships by entering a new logic of loyalties to the PCC, as well as pointing to its possible transnationalization.

Key Words: Border; Drug Traffic; Corumbá

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	13
2. A CIDADE E OS INTERLOCUTORES: ETNOGRAFIA NAS BOCAS.....	18
2.1 PELOS BARES DA CIDADE DE CORUMBÁ	23
2.2 BOCA BAR	30
2.3 SARABULHO DO CAPETA	32
3. DIFERENCIAL FRONTEIRIÇO- REDES ILEGAIS.....	40
3.1 PEQUENAS EMPRESAS, GRANDES NEGÓCIOS- A “MÁGICA” DAS BANCAS E DAS BOCAS, O COMÉRCIO NO ATACADO PARA O VAREJO EM CORUMBÁ	49
3.2 O ATACADO- REMESSA PARA FORA.....	58
3.2.1 O CORRERIA.....	59
3.2.1.1 O MULA	60
3.3 ATACADO EM PUERTO QUIJARRO- REAL, DÓLAR, O QUE MAIS SE ACEITA?...	61
3.4 FINANCIADORES E FINANCIADOS	63
3.5 MANDANDO PARA FORA- E A POLÍCIA?	65
4. O BAZAR CORUMBAENSE- ANÁLISE SOCIOLÓGICA DAS RELAÇÕES SOCIAIS QUE SE ESTABELECEM A PARTIR DO COMÉRCIO DE DROGAS.....	69
4.1 MUTAÇÕES DA CASA DE FAMÍLIA NO ESPAÇO URBANO NA CIDADE DE CORUMBÁ-MS	72
4.2 BOCAS FAMILIARES	76
4.3 AS RELAÇÕES DE VIZINHANÇA, PARENTESCO, PROXIMIDADE	83
4.4 CONHECENDO AS “FIGURAS” DO TRÁFICO- “VIRANDO” TRAFICANTE?	85
4.5 ESTRUTURAÇÃO DAS BOCAS- HÁ DISPUTAS POR TERRITÓRIOS?.....	89
4.6 RECEPÇÕES DE PRODUTOS ROUBADOS-INDICAÇÕES	93
4.7 CORRES SOBRE DUAS RODAS- A RAPIDEZ E A EFICIÊNCIA DAS MOTOS	94
4.8 LESÃO, EXAME E INCISÃO- TRANSCENDÊNCIA DAS RELAÇÕES DE VIZINHANÇA PARA MERCADORIA POLÍTICA	98
4.9 AS RELAÇÕES DE RECIPROCIDADE, DIVÍDAS MORAIS ENTRE O PRESÍDIO E A RUA: A CHEGADA DO COMANDO.....	103

4.10 PAZ, JUSTIÇA, LIBERDADE, IGUALDADE E UNIÃO: A EXPANSÃO DO PCC NO PRESÍDIO DE CORUMBA.....	104
4.11 O GANGUEIRO.....	110
4.12 PROCESSO DE EXPANSÃO DO COMANDO EM CORUMBÁ- ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
REFERÊNCIAS	121
GLOSSÁRIO.....	125

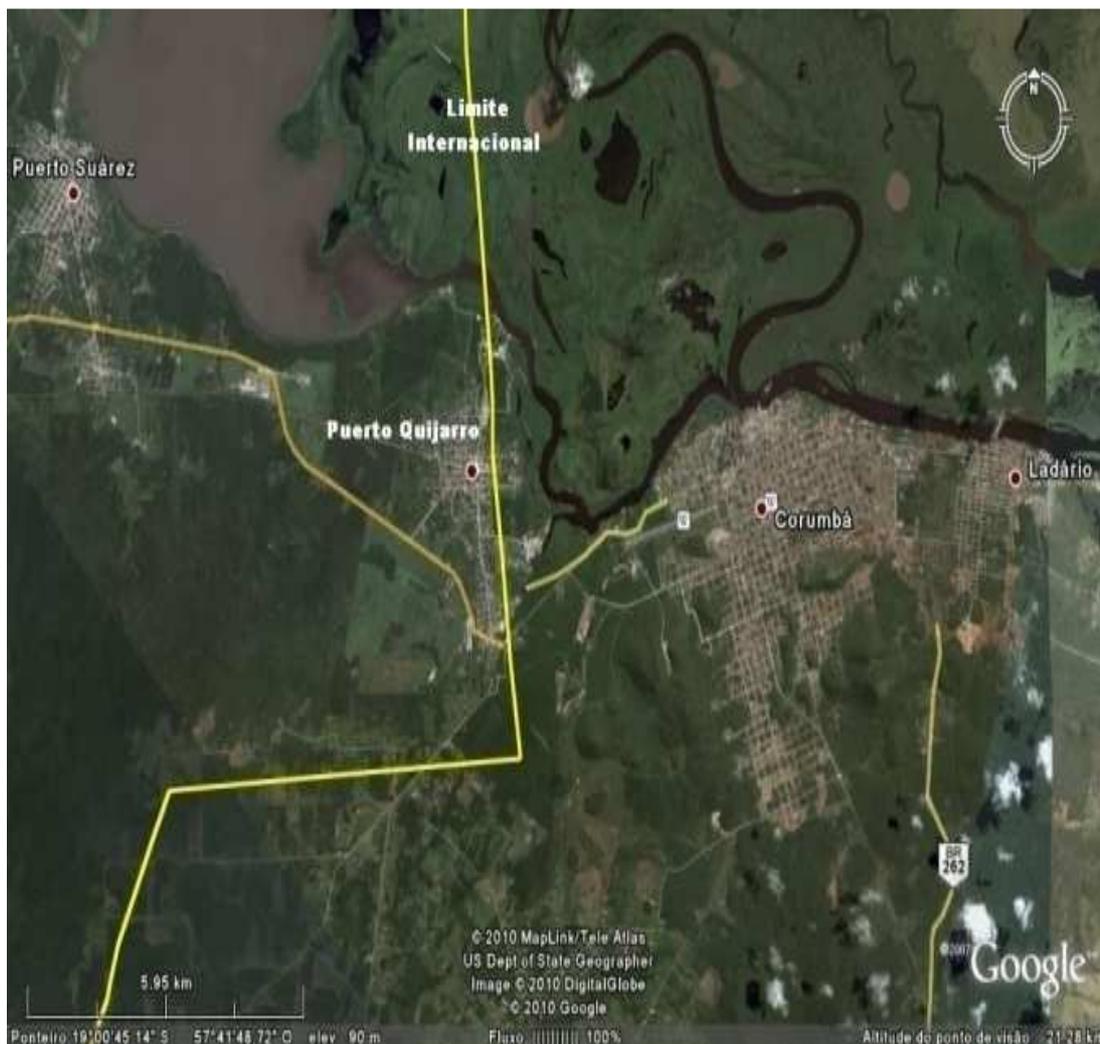
1 INTRODUÇÃO

Atualmente, vemos pelos meios de comunicação de massa o grande problema que o comércio de drogas ilícitas gera perante a sociedade, tanto no número crescente de dependentes químicos quanto no aumento da violência. Recentemente, vimos o poder bélico dos traficantes na invasão da polícia no morro do Alemão no Rio de Janeiro comandado pela facção criminosa denominada Comando Vermelho. No ano de 2006, foi amplamente divulgado a demonstração de força de outra facção criminosa chamada Primeiro Comando da Capital (PCC), que atacou inúmeros postos e delegacias policiais, incendiando diversos veículos em São Paulo mostrando assim toda sua organização e poder (ADORNO e SALLES, 2006). Grandes centros urbanos, como Rio de Janeiro e São Paulo, são as cidades mais noticiadas quanto a esse tipo de crime e também são as cidades mais estudadas no Brasil pela academia sobre o tráfico de drogas, como se percebe a partir do grande volume bibliográfico produzidos nesses locais (ZALUAR, 2009; MISSE, 1997, 2003 entre outros). No entanto o problema do comércio de drogas ilícitas, não se restringe apenas aos grandes centros urbanos, pois é um problema de ordem nacional, tanto no eixo da segurança pública quanto também na área saúde pública, não apenas no Brasil, mas também ao redor do mundo.

O que pensar do comércio de drogas ilícitas na cidade de fronteira? Quais as peculiaridades dos problemas dessa região? São os mesmo de uma cidade de outras partes do Brasil? O que há de diferente? Atualmente há um olhar crescente do estado e de grande parte da população brasileira para as fronteiras: fronteiras essas vistas sempre como o início do gigantesco problema que é o comércio de drogas ilícitas no Brasil.

Cidades fronteiriças são frequentemente estigmatizadas pelo olhar do Estado, como lugar das ilegalidades, tráfico de drogas, armas e pessoas. Essa visão distorcida do estado em relação à cidade de fronteira gera um pensamento negativo em grande parte dos indivíduos que vivem fora dessas regiões fronteiriças. Entendemos que a fronteira tem vida própria, mas que a fronteira como qualquer parte (região) de um território nacional tem suas peculiaridades, mas também tem os mesmo problemas de uma cidade de “interior” do território. O grande diferencial e que assume proporções “faraônicas” de um dado problema, é justamente a condição de localização dessas cidades na fronteira de um estado nação, vistas como áreas perigosas, como porta de entrada dos problemas (armas, drogas, contrabando) em território nacional.

Figura 1- Localização de Corumbá- Ladário (Brasil) e Puerto Quijarro- Puerto Suarez (Bolívia)



Fonte: Costa, Edgar A

O meu interesse pelo tema foi moldado a partir dos textos de antropologia urbana que tive contato no final de meu período de graduação em História pela UFMS (no ano de 2010), onde pude olhar Corumbá em outra perspectiva, e principalmente olhar a rua como uma possibilidade real de estudos, que até aquele momento não havia imaginado. Dessa maneira, o tema tráfico de drogas na fronteira, como foco de pesquisa, foi a consequência do desafio que tomei ajudado pelo meu orientador, fruto das leituras que tive.

Observando todo o potencial dessa região de fronteira para os grandes fluxos internacionais, junto com a fama de Corumbá como uma das principais portas de entradas de drogas da Bolívia e, por causa disso, existe um enorme esforço do próprio governo municipal em substituir o apelido (Cidade Branca) dado à cidade de Corumbá há muito tempo, que hoje soa muito mal devido a própria condição de porta de entrada de cocaína da Bolívia. Esse apelido, que originalmente se refere à presença do calcário, de cor branca, e vem sendo

substituído para o de Capital do Pantanal em um esforço da própria prefeitura e população local na tentativa de acabar o estigma de que Corumbá só aparece nos meios midiáticos como local de tráfico de drogas e dessa forma melhorar sua imagem nacionalmente.

Esta pesquisa analisa algumas das dinâmicas específicas do comércio fronteiriço de drogas na fronteira Brasil-Bolívia e os processos de integração funcional (OLIVEIRA, 2005) daí decorrentes na cidade de Corumbá/ Ladário (Brasil) – Puerto Quijarro/ Puerto Suárez (Bolívia). Além disso, a pesquisa buscou entender esses processos a partir da visão dos atores sociais envolvidos neste tipo de comércio. Esta pesquisa se justifica pelo fato de Corumbá se configurar não apenas como um ponto de passagem do comércio internacional de drogas (sobretudo da cocaína e da pasta base), mas também por se configurar como um mercado consumidor dessas substâncias ilícitas. Esta pesquisa é relevante por alguns motivos principais: ineditismo deste tema de pesquisa (cuja literatura consagrada trata deste tema nas grandes cidades brasileiras); os impactos sociais deste tipo de atividade nos municípios fronteiriços, não apenas entre vendedores, mas também entre os usuários; as relações entre o comércio local e o tráfico internacional de drogas.

Este estudo obteve elementos empíricos para elucidar algumas questões pertinentes e levantar novas hipóteses sobre esse comércio nessa região de fronteira: Qual a importância da economia da droga nesta fronteira? Como pensar o imbricamento entre a economia legal e ilegal? Quais são as drogas vendidas na região? Existem rivalidades entre as bocas dessa região de fronteira? De que forma a mão de obra é absorvida nesse comércio na fronteira? Como se organizam as bocas de fumo localmente, a partir das relações de vizinhança e parentesco? Dessa forma, ao expor essas possíveis vias de entrada da droga vinda da Bolívia por Corumbá, procuraremos conhecer quem são os personagens que assumem os riscos de serem presos na passagem dessa mercadoria; quem atravessa essa droga para Corumbá e como se articulam essas redes binacionais? Esta pesquisa, portanto, visa ampliar o conhecimento sobre as dinâmicas sociais desse comércio em Corumbá, a partir das redes na fronteira, para entender como, partir do “diferencial fronteiriço”, este comércio adquire um impacto econômico e social de grandes proporções em Corumbá. Neste sentido, podemos apresentar os objetivos dessa dissertação da seguinte maneira:

Objetivo Geral

- Compreender as dinâmicas do comércio fronteiriço de drogas e os processos de integração funcional daí decorrentes na cidade de Corumbá/ Ladário (Brasil) – Puerto

Quijarro/ Puerto Suárez (Bolívia), a partir da visão dos atores sociais envolvidos neste tipo de comércio.

Objetivos Específicos

- Constatar a importância de algumas causas para o envolvimento de pessoas com o comércio de drogas na fronteira;
- Analisar a importância que esta economia ilegal possui para a própria economia da cidade de Corumbá como um todo (assim como para as demais cidades fronteiriças da região);
- Compreender o processo de transição por que passa o comércio de drogas em Corumbá, que se reordena a partir do PCC nos presídios, instaurando progressivamente uma nova ordem local.

Metodologia

A pesquisa é aplicada do ponto de vista da sua natureza, porque pretendeu gerar conhecimentos para aplicação prática na resolução dos problemas locais identificados no decorrer do estudo. Do ponto de vista da forma de abordagem do problema, esta pesquisa é qualitativa, pois analisamos a percepção deste tipo de comércio ilícito a partir dos atores sociais envolvidos, a partir da etnografia. Do ponto de vista dos seus objetivos, a pesquisa possui caráter exploratório porque buscou produzir um conhecimento sobre a realidade dos comerciantes de droga e de outros atores sociais que participam desta cadeia comercial através da aplicação de entrevistas. Do ponto de vista dos procedimentos técnicos, a pesquisa é bibliográfica e participante, foi feito levantamento bibliográfico sobre o tema como também foi realizada pesquisa etnográfica, “in loco” para compreender o universo do comércio de drogas na fronteira, em que trabalham os “boqueiros”, “passadores” e “aliciadores”. A pesquisa procurou combinar uma análise detalhada de comportamentos, seus significados no dia-a-dia de interação social, esta metodologia será tratada por completo no primeiro capítulo esta dissertação. Algumas entrevistas foram gravadas, embora por se tratar de um comércio ilegal, envolvendo algum risco tanto para pesquisados quanto para o pesquisador, nem todas as entrevistas foram gravadas, dependendo da ocasião. Foi realizada uma discussão bibliográfica teórica sobre a fronteira e as peculiaridades do comércio fronteiriço, assim como dos processos de integração funcional (participação invisível) decorrentes de atividades ilegais ou informais que são praticadas por atores sociais, independentemente do Estado. Para

realizar esta pesquisa, foi imprescindível fazer um amplo debate com a bibliografia específica sobre o comércio de drogas no Brasil, no exterior e no estado de Mato Grosso do Sul.

No primeiro capítulo, dou ênfase ao trabalho etnográfico que desenvolvi, sejam com entrevistas, minhas “andanças” em lugares ditos “perigosos”, dando grande importância aos interlocutores que me ajudaram nesse processo de conhecer as “figuras” do tráfico, tanto na rua quanto nos lugares específicos de suas vendas. Neste capítulo problematizo não apenas a inserção do pesquisador neste universo, mas os limites da pesquisa etnográfica na cidade de Corumbá. Meu olhar diferente para a rua nesse momento foi fundamental para minha inserção nesses ambientes, devido às próprias sanções que eu poderia ter se “pisasse fora da linha”, demarcada por cada pessoa que conheci, ou seja, tive que “andar certo nos caminhos tortuosos” da rua, relatando alguns problemas de minha inserção nesses ambientes.

No segundo capítulo, procurei através da ideia de “diferencial fronteiriço” entender as formas de integração funcional da fronteira de Corumbá/Puerto Quijarro, compreendendo de que forma seus habitantes usam fronteira como um recurso econômico e social, ou seja, como seus habitantes usam a fronteira para seu próprio benefício, gerando a formação das redes ilegal através da complementaridade visível (OLIVEIRA, 2009).

No terceiro capítulo procurei utilizar o conceito de “bazar metropolitano” de Ruggiero & South (1996) e suas versões aprimoradas como a da “economia de bazar”, de Michel Peraldi (2008), para compreender a importância das transformações do trabalho na economia urbana da cidade de Corumbá, assim como a capilaridade deste fenômeno na vida social da cidade. Neste sentido busquei romper com as dicotomias entre o legal e o ilegal. Neste capítulo tratei das transformações do trabalho em Corumbá e suas “transversalidades cotidianas” (TELLES, 2010), tentando elucidar alguns pontos da estruturação das redes internas do comércio de drogas ilícitas dessa região, partindo do princípio de que as mesmas estão estruturadas a partir das relações de vizinhança e parentesco, em um primeiro momento, e que em sua história recente, essas relações passam a ser transacionadas como mercadorias políticas (MISSE, 1995). Ainda no terceiro capítulo, procurei compreender quais as transformações ocorridas com a chegada do “Comando” (PCC, principalmente e Comando Vermelho, em menor medida) nessa região, a partir do presídio de Corumbá. No cenário atual percebem-se importantes mudanças na estruturação do comércio ilícito na cidade, como também das lealdades que se forjam a partir da nova ética introduzida pelo “Comando” primeiramente no presídio e, posteriormente com seu transbordamento para as ruas da fronteira.

2 A CIDADE E OS INTERLOCUTORES: ETNOGRAFIA NAS *BOCAS*¹

Quando no início de 2010 me propus a pesquisar essa modalidade de trabalho ilícito na fronteira, percebi que estava pisando em um “barril de pólvora” e precisava de alguém que me indicasse por onde começar as pesquisas de campo, haja vista que na cidade de Corumbá e região há certo “silêncio” da população em relação aos pontos de comercialização de drogas. Este “silêncio” torna muito difícil saber quais são os locais certos ou as pessoas certas para tentar uma possível aproximação, e mesmo se eu soubesse qual a localização do ponto de venda, seria quase impossível estabelecer um contato com esse universo, pelo fato de eu ser uma pessoa estranha. Neste ponto da pesquisa eu era o “estranho” (e ainda sou, em muitos sentidos e lugares) e dificilmente conseguiria algum contato, a não ser que eu conhecesse algumas pessoas que trabalhassem com a venda de drogas na cidade, mas (in) felizmente não conhecia ninguém ou pelo menos até então.

Nesse momento entra em cena a figura do “interlocutor(a)”, muito necessária a minha inserção nesses ambientes ditos “perigosos”, que chamarei pelo pseudônimo de *Alternar*. Não me deterei em como eu conheci os “interlocutores”, mas sim em como ele (a) me possibilitou enxergar os ditos “submundos” da cidade de Corumbá e região, os espaços usados e “reusados” na forma que convém aos atores sociais envolvidos nesse tipo de comércio ilícito, que é o comércio de drogas. Dessa maneira, foi possível aprimorar o olhar para certos momentos e lugares que dificilmente se imagina que pudesse ser comercializado esse tipo de produto. Só a partir da ajuda dessas pessoas é que pude romper com a barreira do silêncio desses comerciantes e assim tentar entender as possíveis razões que lhes induziram ou não a realizar esse tipo de comércio (ZALUAR, 2009).

“[...] Nada mais adequado para romper a barreira da lei do silêncio do que a pesquisa etnográfica, que se monta na confiança entre entrevistador e entrevistado. Mas ela tem que estar solidamente baseada na ética de garantir o anonimato e o sigilo sobre quem disse o quê. A investigação de campo não tem os objetivos, os métodos e a ética da investigação policial. [...]” (ZALUAR, 2009, p.562).

Vale lembrar o trabalho etnográfico feito por Phillip Bourgois em seu livro “Em Busca Del Respeto”, que mostra com veemência a grande dificuldade que ele passou para se inserir entre os traficantes de heroína do bairro.

“[...] La primera vez que caminé a mi casa desde La estación Del subterráneo, atravesé um passillo marginal que resulto ser uma “zona de

¹ Derivado de boca de fumo são pontos de vendas de drogas ilícitas (pasta base, cocaína e em menor quantidade maconha).

capeo” de heroína. Allí, mediadocena de “campañias” competían por La venta de bolsas de \$ 10 selladas [...] Tan pronto puse um pie em La cuadra, desaté um vendaval de silbidos y gritos de “bajando”, los avisos em clave que utilizan los vigilantes para advertir a los “joseadores”, encargados de lãs ventasal por menor de La presencia de personas sospechas o posibles policíás encubiertos[...]” (BOURGOIS, 2010, p. 58).

O autor enfrentou inúmeras dificuldades para conseguir sua inserção no campo de pesquisa: por ser uma pessoa de fora do bairro e por ser branco emitia um estereótipo de policial e de dependente químico² que afastava de si, naquele local, todos em sua volta. A estratégia utilizada pelo autor foi fazer amizade na vizinhança de seu próprio conjunto habitacional, passando a conviver com os moradores locais e progressivamente deixando de ser uma figura “perigosa” para os envolvidos na venda de drogas. Este procedimento de convivência tão importante na pesquisa etnográfica é que propiciou ao autor o primeiro encontro com um gerente da casa de crack de seu prédio, que posteriormente prestaria um papel fundamental como informante.

“[...]Mi preocupación fundamental era convencer al administrador de una casa de crack de que yo no era uns policía encubierto.[...]Mi vicina Carmem[...] me llevó ante El salón y Le dijo em español: “primo, te apresento mi vicino Felipe. Éles de La cuadra y quiere conocerte”. Primo, soltó una risa nerviosa. Giró me Dio La espalda y escondio La cara.” Em qué precinto fue que lo cogiste?”, Le pregunto a Carmen em inglés, mirando hacia La calle. Com um tono entre avergonzado y recriminatorio, Le aclare que yo no era de La ‘ de La jara’ y que lo queria era escribir um libro sobre ‘La calle y El vencidario’[...]”(BOURGOIS, 2010, p.67).

A partir do primeiro encontro do autor com *Primo* é que houve o suporte necessário para que conseguisse permanecer no local e também ganhar o respeito de todos a sua volta, inclusive do chefe do comércio de crack daquela região. Este processo foi mediado por Carmen, sua vizinha, que por sua vez já conhecia *Primo* de longa data. Neste sentido, o pesquisador teve que mobilizar uma rede de pessoas, para conquistar sua confiança e respeito, para só então ser aceito na vizinhança e nos lugares de pesquisa. É fundamental analisar o papel da vizinha na inserção do autor no campo de pesquisa, pois é justamente através do intermédio dela que conseguiu, mesmo que de forma abrupta e tensa, o primeiro contato com o traficante da casa de jogos, que tanto almejava conhecer. Após o primeiro encontro, inicia-se todo um jogo de trocas simbólicas do autor em relação a *Primo*, a fim de ganhar sua confiança (bancando rodadas de cerveja e principalmente o esforço do referido autor em mostrar que não pertencia à corporação policial), para depois dar seu próximo passo, que seria a permanência no local de venda de heroína.

² O autor usa a expressão heroinumano.

De suma importância, também, os relatos etnográficos do autor Willian Foote Whyte em seu livro “Sociedade de Esquina”, onde cita toda a importância de seu informante chamado *Doc* e de sua gangue de esquina. Consegue contatos e acessos em diferentes ambientes em Cornerville e dessa forma pode traçar toda a estrutura de obrigações mútuas de uma gangue de esquina que era parte e reflexo de um contexto maior de obrigações mútuas e de relações de poder, que operavam cotidianamente em Cornerville. Novamente notamos a figura do informante como base inicial para estudos em locais ditos “perigosos”, tanto *Primo* quanto *Doc* foram fundamentais para a inserção nos ambientes pesquisados.

Quando iniciei meus trabalhos de campo não tinha ideia de como seria esse primeiro contato com esse “outro” tão estigmatizado por grande parte da população, que é o comerciante de drogas. *Alterna*, um dos “interlocutores” que desbrava caminho em minhas pesquisas, faz um papel também muito parecido com o de *Doc*, já que com ele (a), pude transitar e conhecer as mais diferentes pessoas de diferentes classes sociais que praticam esse tipo de comércio na cidade. *Alterna*, também faz um papel parecido com o de *Primo*, tendo em vista que propiciou minha ida à *fonte*³, conhecer a realidade de quem trabalha com esse tipo de comércio ilícito. Momentos antes do meu primeiro contato com um comerciante de drogas ilícitas, vinha-me ao pensamento a imagem de um traficante armado com fuzil, como veiculado tipicamente pelos meios de comunicação, filmes e programas de TV, oriundos das favelas cariocas. Como será esse primeiro contato? Qual seria o risco real para mim? Poderia ser vítima de retaliações na rua? Como escapar da violência sempre eminente para a manutenção “harmônica” desses meios?

A partir dessas incursões pela cidade, obtive o primeiro contato com um comerciante de drogas, quando então percebi que naquele momento teria que “saber entrar” e “saber sair” nos dizeres de Alba Zaluar, para conseguir ganhar a confiança daquele indivíduo. Em um bairro qualquer da cidade de Corumbá, o primeiro contato:

Pesquisador: Onde é o local *Alterna*?

Alterna: Calma, cara. É logo ali na frente.

A cena que eu vi era a seguinte: crianças brincando na rua, um senhor escutando rádio de pilha e carpindo seu quintal, outro construindo parte da parede de uma casa qualquer e a senhora com idade avançada sentada na porta de sua casa, na sombra se refrescando com Tereré, uma vida cotidiana, simples de um bairro qualquer de Corumbá, até que chegamos ao ponto de venda (*boca*).

³ Expressão nativa relacionada a algum local importante relacionado à venda de drogas.

Pesquisador: é esse o local *Alternata*?!
Alternata: é esse sim, cara. Vou chamar o cara!

Para minha surpresa (ou não), era uma casa de família qualquer, de um bairro qualquer da região, onde toda a rotina da casa se contrastava com a atividade ilegal que era praticada cotidianamente naquele local. E mais surpreendente ainda, o comerciante não era nada daquilo que imaginava outrora. Ele me recebeu em sua casa com um sorriso no rosto, sem qualquer tipo de arma na mão ou qualquer intimidação. O fato de que *Alternata* já o conhecesse facilitou um pouco a comunicação com aquele indivíduo e outros indivíduos que conheceria posteriormente. Os comerciantes de drogas que conheci, nunca praticaram nenhum tipo de violência contra mim. O que houve foi uma grande desconfiança, até mesmo entre aqueles que conheci por “acaso” nas ruas da cidade, nunca demonstraram nenhum tipo de agressividade ou intimidação contra minha pessoa até este presente momento.

Com esse primeiro encontro, pude perceber uma das minhas grandes dificuldades iniciais de pesquisa, que posteriormente seria ultrapassada em certos pontos de vendas: a entrada no local (intramuros), ou seja, para que pudesse entender a dinâmica interna da *boca*, teria que ganhar a confiança a ponto de ser reconhecido como uma pessoa próxima, já que estamos falando de uma casa de família e que, para entrar nesse recinto, teria que ganhar a confiança de todos da casa. Assim, caiu por terra a questão do traficante armado, violento pronto para uma guerra aberta com a polícia ou com quem quer que possa intervir nos seus negócios. Ou seja, por causa do “informante” pude andar pela cidade e entrar em contato com várias pessoas que comercializam esse tipo de produto ilícito e que ganham a vida com essas atividades.

Outra grande dificuldade que tive foi a questão de que poderiam suspeitar do fato de eu ser ou não um policial disfarçado. Muitos *boqueiros* que *Alternata* me apresentou nunca, no primeiro encontro, diziam que trabalhavam com a venda da mercadoria ilícita, sempre escutava a frase dita por eles (as) “já trabalhei há muito tempo, mas não faço mais essas *fitas*⁴”, ou “eu nunca trabalhei com isso, mas andava com quem trabalhava” ou ainda “você tá doido *Alternata* nunca fiz essas *fitas* não”, isso mostra a grande desconfiança que eu passava para essas pessoas e o medo delas de serem presas. Usava diversas estratégias para tentar conseguir a confiança desses atores sociais, mas logo percebi que por mais que justificasse os objetivos principais do trabalho de pesquisa, só com o tempo (vários encontros casuais ou não com esses atores sociais) é que talvez essas pessoas poderiam ou não se começar legitimar

⁴ É uma palavra nativa que pode ser usada em várias ocasiões, dessa forma mudando seu sentido, neste caso essa palavra está denotando “fazer algo errado”.

minha presença nesses diversos locais. “No jogo de conquista, na tentativa de levar o entrevistado a aceitar participar da pesquisa, desta relação de troca, usei de subterfúgios e manipulações.” (BARREIRA, 1998, p.25).

Outra estratégia que utilizei para minha inserção no campo, além da ajuda de *Alternas*, foi quando consegui o livro “Falcão: meninos do tráfico” de MV Bill e Celso Athayde, que teve grande repercussão na mídia, ainda mais por se tratar de um rapper famoso do Rio de Janeiro que tem legitimidade em comunidades carentes. Eu já o carregava em mãos em todos os lugares, percebendo o tamanho da repercussão do documentário no cotidiano dessas pessoas. Quando eu chegava ao local e mostrava o livro, todos queriam manuseá-lo mesmo que não fossem ler nem uma página sequer. Só o fato de poder tocar no livro e folheá-lo era a sensação de reconhecimento de sua própria realidade como traficantes. O livro também gerava nestes atores sociais a percepção de que talvez eu pudesse ser um interlocutor para o grande público, da mesma forma que o MV Bill e Celso Athayde conseguiram com o documentário e com o livro. Para não gerar falsas expectativas, que pudessem ameaçar os laços de confiança já conquistados, eu sempre dizia que o alcance do trabalho ficaria restrito à academia. Muito interessante como os diálogos começaram a fluir, depois que eu comecei a levar esse livro junto quando ia fazer o trabalho de campo com *Alternas*. Aqueles que outrora nunca tinham feitos as *fitas*⁵ começaram a falar sobre esses negócios (que fizeram e que estão fazendo até este presente momento), contando histórias de suas vidas, o que foi de suma importância para o entendimento da rotina de uma *boca* e a percepção das pessoas que moram ao redor desses pontos de venda.

Pude perceber através desse livro, que muitos desses comerciantes de drogas, de fato, gostariam de ter uma voz que pudesse ecoar dentro da sociedade em relação a sua opção em fazer esse tipo de comércio. Neste momento, muitos me viam como se eu, até certo ponto, pudesse dar essa voz a eles. Esta legitimidade conquistada no campo de pesquisa foi muito importante para a continuação das minhas pesquisas, porque através de um *boqueiro* pude conhecer outros *boqueiros*. Este é um claro sinal de que eu conquistava o respeito entre uma parcela desses comerciantes e, principalmente, adquiria sua confiança, o que era fundamental para a continuação do meu trabalho.

Entre os problemas práticos de pesquisar no meio do perigo, fugindo do tiroteio, driblando omissões, dissimulações e mentiras de quem tem que esconder suas atividades ilegais, está, pois, o da identidade que assumirá o pesquisador. Não se pode ser nem infiltrado (o que equivaleria a decretar a própria morte), nem iniciante (ardil posto ao que quer se tornar nativo e que

⁵ Começaram a falar como comercializam drogas, comentar em relação aos assaltos de veículos automotivos que são trocados na Bolívia por droga e também da organização das *bocas* nessa região de fronteira.

pode levá-lo a problemas com a lei, já apontados com regularidade na literatura citada, ou na própria morte do antropto-trafficante principiante ou antropto-assaltante de primeira viagem) (ZALUAR 2009, p. 566).

Por fim, é importante dizer que por mais que tenha conseguido a confiança com alguns desses comerciantes, a partir dos interlocutores, eu não estava livre de sanções por partes destes a qualquer momento, minhas idas nesses lugares sempre foram acompanhadas de muita tensão, por mais que o ambiente familiar da boca passasse uma atmosfera de “paz” no ambiente. Dessa forma, ressalto a citação acima, pois toda vez que entrava em um ambiente (boca) e mais contato que eu tinha com o *boqueiro*, sempre me colocava como uma alienígena nesses ambientes, uma auto-preservação como pesquisador, esse comportamento é que me propiciava ter um olhar clínico das possibilidades no campo quanto também às proposições éticas, até onde eu poderia ir nesse campo.

2.1 PELOS BARES DA CIDADE DE CORUMBÁ

Após mais uma tarde de trabalho de campo, eu e *Alterná* resolvemos sair à noite pela cidade e conversar a respeito de algumas informações coletadas a partir das entrevistas feitas no dia, marcamos um determinado horário para sairmos e cada um foi para sua casa. Depois de algumas horas nos encontramos, era um dia de sábado e mais uma noite movimentada na cidade. Chegando ao local combinado, estavam lá mais dois conhecidos de *Alterná*, *Contraste* e *Néder*, que estavam com um carro, após uma breve conversa (onde tive que explicar um pouco do trabalho de pesquisa que vinha desenvolvendo com a ajuda de *Alterná*), conhecendo assim *Contraste*, que logo ficou animado em relação à pesquisa e se prontificou a me ajudar também na pesquisa (me levando em outro momento em alguns lugares no lado boliviano da fronteira). Eu logo fiquei animado, pois não sabia como eu poderia ter um possível contato com o lado boliviano e *Contraste* logo se prontificou (por causa da “moral” da rua de *Alterná*), já que ele trabalha na Bolívia e também já atuou como passador há algum tempo e por isso conhecia alguns atacadistas bolivianos, disse que poderia tentar conseguir uma entrevista para mim, mas que não era certeza. Então saímos de carro eu, *Contraste*, *Néder* e *Alterná*, sem eu saber, *Alterná* já havia comentado do meu trabalho de mestrado com seus conhecidos e já tinha combinado de fazer um “tour” comigo por várias bocas de fumo da cidade para eu conhecê-las, principalmente, as bocas de cocaína, pois alguns de seus conhecidos eram dependentes químicos desse tipo de droga.

Começamos a andar pela cidade de carro e visitar alguns bares da cidade, sem muito compromisso de pesquisa (para mim), nos bares onde nos parávamos e sentávamos à mesa, *Alternia* me mostrava quem era *ocorreria*⁶ daquele local ou se existia alguém que vendia drogas no ambiente. Muitos o cumprimentavam e se aproximavam para conversar e iam embora ou voltavam para suas mesas, demorávamos pouco tempo de um bar a outro, até que saímos da rota dos bares que pretendíamos visitar, logo *Alternia* me disse que iríamos fazer um “tour” pelos submundos da cidade para eu conhecer vários pontos de venda de drogas que eu ainda não conhecia, disse para eu observar os lugares e que os dois conhecidos dele iriam comprar cocaína para seu consumo, de pouco em pouco, em várias bocas para, assim, eu conhecer as localidades delas e poder analisar suas territorialidades.

Neste ponto chegamos a um determinado bar, encontramos *Bruna*, conhecida de *Alternia* e de *Contraste*, logo sentamo-nos à mesa de *Bruna*, começamos a conversar, *Contraste* e *Néder* chamaram *Bruna* para outro local, para darem uns *tiros*⁷ juntos, ficamos eu e *Alternia* na mesa esperando eles voltarem. Após alguns minutos, *Contraste*, *Néder* e *Bruna* voltaram e começaram a conversar e logo *Alternia* disse que *Bruna* era da *correria* e pediu para ela contar como ela fazia os *corres* na noite.

Bruna logo iniciou dizendo que era uma garota de programa e que agenciava mulheres para trabalhar na Bolívia, que estava sempre viajando, levando garotas de Corumbá para trabalhar nas boates de Santa Cruz, mas havia tido uma briga com a dona da boate e tinha parado um pouco com os agenciamentos, estava só fazendo programa, e fazendo *correria* com drogas para algumas bocas em Corumbá. Perguntei a ela como ela fazia esses *corres*. Ela me disse que na hora do programa, oferece a droga para o cliente, se o cliente aceita, ela já está com a droga na bolsa, vai buscar ou manda alguém trazerno local que ela está com o cliente, também, dependendo do bar que ela esteja, as pessoas que frequentam o local já sabem que ela é da *correria*, então essas mesmas pessoas vão até ela e compram a droga. Disse também que muitos bares da cidade já atuam como bocas, fornecendo a droga para várias pessoas, por que é mais fácil disfarçar a procedência do dinheiro que arrecadam com o comércio, assim ninguém desconfia, e se desconfiam (polícia) fazem vista grossa. Após essa troca de ideias, *Bruna* pediu para que a levássemos para outro bar, depois, *Contraste* e *Neder* me levaram para minha casa, já às 6 horas da manhã de domingo.

Essa pequena experiência de campo (que eu nem esperava), anteriormente parafraseada em poucas linhas, abriu um novo caminho nas minhas pesquisas que eu ainda

⁶ Pessoa que vende a droga no local.

⁷ Ato de cheirar cocaína.

não havia me atentado, ou seja, sem imaginar, eu havia me deparado com outra modalidade de ponto de venda de drogas na cidade, a *Boca Bar*. Após alguns dias, encontrei novamente com *Alternar* e comentei com ele da noitada anterior, perguntando a ele se conhecia alguém que poderia nos levar a percorrer os “submundos” da noite na cidade e se ele poderia tentar conseguir uma entrevista com a *Bruna*, mas ele disse que seria difícil encontrá-la de novo, já que ela está sempre “andando sem rumo pela cidade”, mas que conhecia alguém que poderia nos mostrar a noite e com essa pessoa, de sua confiança, nós iríamos conhecer várias garotas de programa que também trabalham fazendo corres para as bocas.

Dessa forma, através de *Alternar* é que eu conheci *Dio*, que se tornaria mais um informante nessa modalidade de ponto de venda que, posteriormente, me forneceria importantes informações em relação à dinâmica das bocas *familiares*, das *bocas bares* e principalmente dos *corres* das garotas de programa, além de me levar em vários bares que fazem esse tipo de comércio.

Dio me apresentou para outro tipo de local de comercialização de drogas em Corumbá, que venho a chamar de *boca bar*⁸, locais esses que, dependendo de sua localização, há um grande fluxo de pessoas dos mais distintas classes sociais. Quando fui apresentado para o *boqueiro* (dono do bar) de um dos bares, também fui recebido “tranquilamente” e pude começar a fazer o trabalho de campo nesse também em outros bares que comercializam ou que funcionam apenas como ponto de *aviões* (subordinados às *bocas familiares*), mas que também lucram com o movimento da comercialização de drogas ilícitas por “terceiros”, que trazem a mercadoria para seu estabelecimento. Nos bares é que se percebe o número de pessoas que ganham a vida (in) diretamente com esse tipo de comércio nessa região, garotas de programa, moto táxis, clandestinos ou não, os *aviões*, os *correrias*, a *boca familiar* e, principalmente, o dono do bar, que normalmente têm duas ou três pessoas subordinadas diretamente a ele, que por sua vez também já conhecem as pessoas que estão vendendo o produto ilícito. Estes indivíduos também “ajudam” na hora da venda, indicando ao usuário (que não o julgam suspeito por medo da polícia) às pessoas que estão vendendo as *paradinhas* no local.

Após algum tempo e várias conversas, obtive a confiança necessária para que *Contraste* me levasse no lado boliviano da fronteira, *Contraste* me apresentou para *Lincoln*, filho de um *Pichicateiro* conhecido na região. Como esse campo ainda é muito recente dentro

⁸São diversos bares da região que funcionam como pontos de vendas de drogas ilícitas.

das minhas pesquisas⁹, ainda é necessário um pouco mais de tempo para fazer algumas análises a partir das informações colhidas. Entretanto, algumas informações já podem ser analisadas com um pouco mais de clareza, principalmente em relação a como são feitas as vendas de drogas na fronteira. Em primeiro lugar, a venda dessa mercadoria do lado boliviano da fronteira só ocorre no atacado. O comércio varejista praticamente não existe. Não é apenas dinheiro que é utilizado como moeda de troca nas compras no atacado, já que normalmente são aceitos produtos para fins de troca, como os veículos automotivos (são os mais visados) roubados das cidades do lado brasileiro da fronteira, e que são trocados pela droga (cocaína ou pasta base de cocaína). O ano do veículo e o estado de conservação é que vão delinear a quantidade de droga que vai ser trocada, essas trocas na maioria das vezes envolvem organizações criminosas como o PCC, que estabelecem conexões com outras cidades do país.

Ressalto que devido à minha transitoriedade nesses ambientes ditos “perigosos”, entrei em outro campo de pesquisa, que perpassou o comércio de drogas “independente” dessa região, comércio esse que não tem vínculo com o PCC, mas que respeita a “voz do comando” nas ruas. Nas entrevistas que realizei começaram a aparecer informações da atuação do PCC (Primeiro Comando da Capital) nessa região de fronteira. Uma das informações importantes que colhi, através de entrevistas com ex-presidiários, foi justamente em relação à fundação do PCC/MS e também a fundação de uma “filial” nessa região de fronteira a partir do Presídio situado na cidade de Corumbá, o que nos mostra uma interessante dinâmica social a partir das quais se percebe a existência de “vozes” intra-muros se irradiando nas ruas de Corumbá e Ladário.

Ressalto que a partir de pesquisas realizadas, primeiramente em material jornalístico na cidade de Corumbá, desde 2009 apenas uma única notícia sobre o envolvimento do PCC foi publicada. Nesta matéria¹⁰ noticiou-se o estouro de uma *boca* pela polícia em um bairro da cidade, onde supostamente morava o administrador do PCC na região, informação essa que pode ser alvo de críticas em relação à sua veracidade¹¹.

⁹Devido alguns problemas pessoais que *Contraste* passou e está passando, tive que interromper minhas pesquisas nesse campo, devido à impossibilidade de *Contraste* em poder me levar aos ambientes e nas pessoas certas onde poderia conseguir mais informações para serem acrescentadas nesta dissertação.

¹⁰Corumbá online, 4 de março de 2012. Disponível em: <<http://www.diarionline.com.br/index.php?s=noticia&id=42155>> Acesso em: 06 mar. 2012.

¹¹É difícil afirmar que exista apenas um administrador do PCC na região, devido à grande escassez de informações em relação à sua forma de atuação e por si só em sua organização nessa fronteira, essa informação noticiada em relação ao PCC, foi a primeira que puder apurar em arquivos de jornais nos últimos dois anos, pressupõe-se que o PCC já venha atuando nessa região de fronteira há mais de dez anos. Ver Oliveira e Costa, 2011.

A partir das minhas incursões nos vários pontos de vendas de drogas ilícitas na cidade de Corumbá, pude perceber diferenças (na estruturação das redes ilegais tanto no atacado quanto no varejo) entre o comércio de drogas dessa região de fronteira e os grandes centros urbanos do Brasil. Dessa forma, comecei a pensar o grau de periculosidade desses pontos de venda de drogas da região; qual sua influência nos níveis de violência (conflitos de *boqueiros* por tomadas de territórios) e como esses pontos de venda são percebidos por grande parte das pessoas da cidade de Corumbá. Primeiramente, identifiquei a modalidade de ponto de comercialização de drogas ilícitas que chamo de *boca familiar*, uma peculiaridade dessa região de fronteira, que é muito importante na dinâmica de vendas e também nas possíveis disputas por territórios, e que acaba se tornando ponto de referências para outros “jeitos” de se comercializar a mercadoria ilícita. Outro polo de comercialização de drogas ilícitas, identificado em minhas pesquisas, também já assinalado anteriormente, é a *boca bar*.

Misse (1997, 2003), fornece informações de grande relevância em relação ao comércio de drogas ilícitas no Rio de Janeiro. O referido autor analisa toda uma hierarquização que se desenvolveu em torno dos pontos de vendas de drogas, na organização do *movimento* pelo Comando Vermelho a partir dos anos de 1980, organização calcada em uma militarização para proteção do ponto de venda contra possíveis investidas policiais, traficantes rivais e posteriormente milicianos. No Rio de Janeiro não há uma preocupação em esconder esses pontos de venda, dessa maneira a visibilidade facilita a chegada do comprador ao ponto de venda. Devido a esse caráter território, político e militar que assumiu esse mercado ilícito no Rio de Janeiro, criou-se uma insegurança cotidiana nas comunidades dominadas pelos traficantes, como também em toda a cidade (ZALUAR 1985, 1994; MISSE, 2003). Dessa maneira, observamos todo o problema social que esse comércio provoca na cidade do Rio de Janeiro, tanto em questão de segurança pública quanto na área da saúde.

Hirata (2010) demonstra o papel da chamada *biqueira* (ponto de venda de drogas ilícitas) em um determinado bairro da periferia da cidade de São Paulo. Segundo este autor, a localização da *biqueira* tem relação direta com as altas taxas de violência no bairro em questão, gerando insegurança e o medo da morte que pairava na região em torno da *biqueira*. A partir do momento em que o Primeiro Comando da Capital (PCC) começa a dominar o comércio de drogas na região, inicia-se também a diminuição da violência nesses locais e também nota-se uma mudança de percepção da população local em relação à *biqueira*. Outrora a *biqueira* vista como um dos principais males do bairro, agora devido a ação de “pacificação” promovida pelo PCC, *abiqueira* é vista como instância de soluções de problemas locais mais corriqueiros, como briga de marido e mulher, até mesmo brigas do

futebol, soluções essas promovidas pelo chamado *debate*, realizadas pelo patrão ou pelo gerente da *biqueira*. Se a questão envolve morte, o debate assume outro caráter, que envolverão outras instâncias do PCC, ou seja, a violência outrora tão visível nas ruas do bairro, agora foi realocada e promovida com hora marcada através do *debate*, onde serão decididas as formas de violência (punição) contra o culpado, inclusive a morte, dependendo do caso em questão no *debate* (HIRATA, 2010).

O que eu gostaria de pontuar nesses dois casos de pontos de vendas supracitados é que os pontos de vendas de drogas ilícitas no Rio de Janeiro e em São Paulo são vistos apenas como locais de vendas das mercadorias ilícitas, tanto para quem pratica esse tipo de comércio e seus consumidores, quanto para os moradores da região. Esta realidade difere completamente dos pontos de vendas de drogas ilícitas em Corumbá. Como já foi dito anteriormente, em meu primeiro contato com um comerciante de drogas ilícitas, se não fosse pelo informante, eu dificilmente saberia qual era o ponto de venda de drogas naquela região, e qual eram as casas de moradores, ou seja, esses pontos de vendas preferem a invisibilidade para a venda da mercadoria ilícita do que a visibilidade, ao contrário dos grandes centros urbanos mencionados. Esse primeiro contato se deu na chamada *boca familiar*, como o nome já demonstra, o ponto de venda da mercadoria ilícita se encontra na casa do comerciante e isso de certa forma influencia diretamente na percepção dos moradores que habitam os arredores do ponto de venda. Primeiramente, para uma pessoa mais desatenta, a *boca* é uma casa de família, com crianças brincando no quintal, sua mãe lavando roupa e estendendo no varal, ou seja, tudo que denota uma rotina normal de uma casa de família. Em Corumbá, portanto, não há nenhuma organização hierárquica “militar” guardando o território pronto para um confronto e nenhuma hierarquia demarcada de funções como os “fogueteiros” e nem “campanas” olhando o movimento da rua, o que pode haver é a correria (que não são identificados em muitos dos pontos de venda que conheci) na frente da casa de família. Nesse sentido a venda de drogas na cidade tem, em geral, um caráter familiar e funciona como uma extensão da própria casa.

Um fato muito interessante que pude perceber em minhas pesquisas de campo, que afeta muito a vida da vizinhança (e que merece mais estudos) é a presença dos usuários de droga, chamados *zumbis ou pipeiros*. Esses compradores aparecem geralmente quando a *boca* tem como sua principal especialidade de venda a chamada *base*¹². Essas *bocas* atraem os

¹² É derivado de pasta base, é a droga mais usada na região devido ao seu valor muito baixo para venda, geralmente custando um real cada paradinha. “É a prima irmã do crack” como é conhecida pelas associações de apoio a dependentes químicos da região.

zumbis, que geralmente habitam os terrenos baldios da região, gerando discursos estigmatizantes e percepções por parte dos moradores de que os mesmos estariam “poluindo” a vizinhança através de sua presença, assim como por sua aparência. Além disso, essa percepção de insegurança nas vizinhanças se deve ao fato de que pequenos furtos, de fato, começam a ocorrer na região. Através dessas observações, o fator “poluição da vizinhança” tornou-se muito relevante para os estouros de *bocas* pela polícia na cidade de Corumbá. Dessa maneira, o *boqueiro* procura novas estratégias de venda da droga, para que os *zumbis* não cheguem perto da *boca*. A partir daí, o *boqueiro* passa a atuar como *avião* ou paga (com *paradinhas de base*) algum *zumbi* de sua “confiança” para que leve a droga para ser vendida na casa dos usuários de pasta base (*zumbis*). Isso evita principalmente a “identificação” do local da *boca* pela polícia e também evita o “stress” da vizinhança em relação aos *zumbis*, pois limita o vai e vem dos usuários de droga em torno da *boca* na vizinhança.

Se a *boca* é especializada na venda de cocaína, o ambiente da vizinhança é outro, devido ao não aparecimento dos *zumbis*, que não têm dinheiro para comprar essa droga. Assim, a cocaína é vista como a droga de “rico” e não traz consigo, aos olhares da vizinhança, a “poluição” visual e física que a *base* ocasiona. Geralmente a compra da cocaína é muito discreta e não ocasiona “transtornos” aos olhares da vizinhança, além do que os usuários de cocaína, em geral, não cometem os pequenos furtos para manter o uso da droga.

Nenhuma pessoa da região gosta de ter uma *boca* por perto ou ao lado de sua casa, mas devido às próprias relações de vizinhança que se configuram cotidianamente há certa “convivência” ou “tolerância” por parte dos vizinhos em relação à prática ilícita, desde que não haja aumento da violência ou presença ostensiva dos usuários de droga (*zumbis*). Há, de fato, um medo da vizinhança em relação ao comerciante, por mais que se configurem essas relações de vizinhança, a possibilidade de coerção pela violência é sempre constante nesse tipo de comércio devido ao medo constante do comerciante em ser denunciado pelos seus vizinhos para a polícia. Por mais que haja essa coerção embutida nessas relações, o comerciante tende a operar com certa tranquilidade cotidiana, inserindo-se na vida cotidiana, ajudando os vizinhos nas mais variadas dificuldades rotineiras¹³. Ou seja, devido a essas relações de vizinhança e parentesco, praticamente não se nota que ali é um ponto de venda da droga ilícita, a não ser para o observador mais atento. A movimentação é percebida a partir de pequenos detalhes, como um aperto de mão de uma pessoa estranha ou a presença de um carro

¹³Ajuda-se nas pequenas reformas na casa do vizinho (ajuda braçal), age como “guarda” das casas da redondeza evitando roubos (em muitos dos casos estudados).

ou moto até mesmo de bicicletas que, de passagem, fingem fazer uma visita rápida e vão embora tão rápido quanto chegaram.

Outra informação de extrema relevância e que está no “cotidiano” da cidade de Corumbá é o que venho a chamar de *bocas famosas*, o que é extremamente interessante e que mereceria mais estudos. Esses pontos de venda, devido ao seu grande movimento em venda, acabam recebendo um nome, geralmente o nome do *boqueiro* ou apelido junto com a região que está situada a boca, geralmente um nome de rua, nome de bairro ou qualquer outro ponto de referência. Ou seja, “todos” acabam o conhecendo como o principal *boqueiro* da região, quando chega nessa situação certamente sua *boca* está quase para ser estourada pela polícia, devido ao *boqueiro* estar muito *flagrantão*, ou seja, está saindo fora dos “padrões” de anonimato, transgredindo a “ordem” desse comércio na cidade.

A intenção não é de forma alguma romantizar, nem dizer que não exista violência relacionada a esse tipo de comércio ilícito nessa região de fronteira. É notório que a possibilidade de atos de violência está sempre presente nessas atividades ilícitas, mas a violência relacionada a esse tipo de comércio se manifesta em proporções bem diferentes dos grandes centros urbanos debatidos anteriormente. O que as pesquisas em curso apontam até o momento, é que se trata de um comércio de drogas específico das *bocas* da cidade de Corumbá, com características distintas dos grandes centros do Brasil. O comércio de drogas nesta cidade está baseado em formas de organização e hierarquia que obedecem a critérios de vizinhança e parentesco, preferindo a invisibilidade de seus pontos de venda. Além disso, percebe-se que prevalece a negociação, envolvida nessas relações face a face, em vez do uso da violência, sobretudo no que diz respeito aos possíveis assassinatos por dívida ou disputas armadas por pontos de venda de drogas, que de fato não são tão frequentes em Corumbá. Além disso, é preciso destacar, também, que alguns *boqueiros* estão envolvidos no negócio de remessa de drogas para outras partes do Brasil (atacadistas) e que essas grandes operações dependem do sigilo e da ausência de conflito explícito, o que se reflete também no varejo, ou seja, no comércio das ruas, seja nas *bocas familiares*, seja nas *bocas bares*.

2.2 BOCA BAR

Após ter conhecido *Dio* que se propôs a me ajudar a fazer essa pesquisa de campo em vários bares da cidade, marcamos uma data para iniciar as minhas “visitas” a esses lugares. É importante ressaltar que minha entrada nesse campo de pesquisa só se deu porque *Dio* se dispôs, após uma série de conversas, em me ajudar, porque dificilmente conseguiria as

informações necessárias para a análise dessa modalidade de *boca* se não fosse por esse informante. Estas informações me ajudaram a afinar meus olhares para pequenos gestos, os quais para muitas pessoas não significam nada além de gestos, mas para quem vive nesse mundo onde qualquer erro pode significar a morte ou a cadeia, quando de menos, significa uma questão de sobrevivência aos riscos que esse tipo de comércio os acarreta.

Lembro-me da minha primeira entrada em *umbocabar*, tudo na mais “perfeita tranquilidade”, o ambiente, pessoas tomando cerveja, refrigerantes, homens jogando sinuca, a música alta tocada por dois *Jukeboxes*, um afastado do outro, os atendentes levando as cervejas nas mesas dos clientes, vendedores bolivianos de CDs e DVDs e também vendedores bolivianos de relógios piratas em um vai e vem, tentando vender sua mercadoria para as pessoas sentadas às mesas e com o dinheiro de um produto ou outro vendido fazem uma “cotinha” e assim juntam-se aos seus clientes na mesa do bar para tomar uma “gelada” e logo voltar à rotina de vendas naquele local.

Apesar de estar com *Dio* e *Alterna*, eu estava muito receoso com o que estava por trás de tudo aquilo, não acreditava que aquele estabelecimento era um ponto de venda de drogas, mas logo *Dio* me apresentou para o dono do bar(*boqueiro*), após uma série de conversas, foi aceita minha permanência no local com algumas restrições¹⁴, me senti mais confiante para desenvolver o trabalho¹⁵.

Dio nem tocava no assunto venda de drogas, só pedia para eu observar o que se passava além dos vendedores e pessoas sentadas à mesa consumindo bebidas. É de suma importância pontuar que em todos os bares que pude frequentar com *Dio* e *Alterna* notei que *Dio* era bem conhecida por muitos dos frequentadores dos bares e também pelos donos dos bares, por ser figura muito conhecida nesse meio social, facilitou e muito para mim, já que depois varias saídas com *Dio* e *Alterna*, *Dio* começou a apresentar a mim e *Alterna* (para as pessoas que ela conhecia nos bares) como se nós fossemos seus primos, só veio-me um pensamento nesse momento, ganhei sua confiança, o que seria fundamental para as entrevistas que realizei com *Dio*, conseguindo assim outras informações que perpassavam meu olhar nos ambientes que visitamos, por causa dela comecei a ter uma visão “raio-x” das paredes que me limitavam o acesso.

¹⁴As restrições impostas eram para não bater foto de forma que expusessem ao bar ou aos seus clientes, a outra restrição foi a de não gravar conversas com ninguém naquele estabelecimento, se quisesse gravar alguma entrevista com alguém teria que ser fora dali.

¹⁵ Em outros bares que visitei, alguns não eram *bares bocas* mas sim bares que funcionam como ponto dos correrias das bocas familiares, ou seja, a droga é vendidas por terceiros sem ter “vínculo” com o dono do bar, o que é mais difícil observar a hora da venda da droga e também ter um contato com esse *correria*, devido a desconfiança do próprio. Ver (OLIVEIRA & COSTA, 2012).

Foram vários os bares que visitamos, variando o grau de estigmatização desses ambientes, desde os bares ditos “dos cachaceiros de plantão”, os bares que funcionam também como ponto de prostituição até os bares onde são frequentados por pessoas ditas “normais”. Dessa forma, comecei a observar quem eram os atores sociais que participavam da venda e suas respectivas funções nesses ambientes ao ponto de tentar traçar um fluxograma para tentar entender melhor essa dinâmica. É claro que essa estrutura apresentada logo a seguir do *boca bar* é extremamente mutável, pois varia diariamente no mesmo bar como também de bar para bar.

De todos os bares que eu frequentei com *Dio* e *Alternata*, teve um que me chamou mais a atenção e que vou discorrer mais a frente com algumas informações do episódio extraídas de meu caderno de campo. O que me chamou a atenção para esse bar foi a alta rotatividade de pessoas de vários estratos sociais da cidade, que vão desde fazendeiros (oligarquias da cidade) do trabalhador em mineração ao sapateiro e ambulante da praça como também advogados e agentes de segurança, todos dividindo o mesmo espaço, juntos sem distinções de classes. Também escolhi certo dia do meu trabalho de campo (propositalmente) já que nesse dia ficou muito claro, até para quem não tem um olhar mais atento ou para algumas pessoas que pela primeira vez entraria nesse bar naquele dia, saber o que está por de trás de um “simples” bar.

2.3 SARRABULHO¹⁶ DO CAPETA¹⁷

Certo dia *Dio* me disse que iria ter uma promoção em um determinado bar da cidade e que era para eu e *Alternata* comparecermos no local, porque nesse dia iria acontecer de “tudo” no bar, principalmente no final da promoção, já que “todo mundo” já estaria bêbado e a “coisa” ficaria mais exposta. *Alternata* ficou empolgado com o convite para a promoção e desde então sempre comentava a chegada desse dia. Eu fiquei animado, em vista que iria poder observar os mais variados transeuntes que passariam por aquele local, *Alternata* ficou mais animado por que já imaginava em “pegar” alguma mulher a baixo custo (roda pé, colocar que o bar era um ponto de prostituição) no final da *promoção*.

A dita *promoção*, é uma atividade econômica que faz parte da cultura das cidades de Corumbá e de Ladário e consiste primeiramente na organização familiar ou de amigos que se juntam para tentar vender algum tipo de comida (pavê, churrasco, sarrabulho, dentre outras

¹⁶ Comida típica da região. www.receitastipicas.com/receitas/sarrabulho.html

¹⁷ Nome dado pelos atores sociais nos dias que antecederam a promoção, devidos aos vários tipos de ilegalidades que ocorreriam no dia da promoção.

ofertas) em algum dia pré-determinado, que será colocado em cartões (cartões da promoção) que serão vendidos nas próprias redes de sociabilidades dos envolvidos na promoção. Fato é que as promoções são usadas tanto em vias legais como também nas ilegais, como será narrado adiante.

Chegado o dia da *promoção*, encontrei com *Altern*a às 10 horas da manhã e fomos ao encontro de *Dio*, por surpresa nossa, *Dio* já havia saído desde cedo, ela iria ajudar fazer o sarrabulho que iria ser vendido na promoção, assim caminhamos para o bar. Antes de chegarmos ao bar encontramos *Gordão* que estava tomando uma cerveja em uma conveniência, conversamos um pouco e marcamos um dia para entrevistá-lo e saímos da conveniência com uma entrevista marcada e com a promessa de *Gordão* ir à promoção, o que não aconteceu.

Chegando ao bar, notamos que havia uma bilheteria para entrar no bar e na promoção, achei muito estranho isso, resolvemos não pagar a entrada e pedimos para alguém chamar a *Dio*, após alguns minutos chegou a *Dio* e nos liberou a entrada. Depois *Dio* me disse que a bilheteria servia para limitar o acesso de pessoas naquele dia e que depois eu saberia o porquê disso.

Dentro do bar, ainda sem muita gente, ajudamos em pequenos serviços que ainda estavam faltando (arrumar algumas mesas e fazer algumas mudanças na posição do balcão do bar, além de ajudar a levar a gigantesca panela de sarrabulho para o fundo do bar, onde ficaria em um fogão improvisado para ser servido). Por causa desses pequenos serviços fiz “amizades” com algumas meninas que faziam programa naquele bar o que facilitou a minha entrada em alguns recintos que muitos não entravam. Chegando ao fundo do bar, já havia algumas pessoas arrumando o som, iria ter música ao vivo na promoção (pagode), muitas mesas espalhadas pelo ambiente e o balcão em forma de *éle(L)*, onde ficariam os atendentes que venderiam as bebidas e, bem mais ao fundo, existia uma mesa de sinuca e uma máquina de *jukebox*.

Já eram 13 horas da tarde quando o grupo de pagode começou a tocar, eu e *Altern*a sentamos bem mais ao fundo para olhar toda a movimentação do local, depois se sentou conosco *Dio* e *Estela*, amiga de *Dio* e que já havia conhecido há algum tempo¹⁸. Começa a chegar gente e o grupo de pagode tocando, quando percebi o ambiente já estava lotado, a

¹⁸Conheci Estela no mesmo dia que conheci *Dio*, mas devido à desconfiança dela em minha pessoa, ela se afastou de mim por um tempo, porém no decorrer da pesquisa iniciou-se um processo de reaproximação mediado por *Dio*.

maioriaera homens, e grande parte das mulheres que ali estavam eram garotas de programa, que logo se apressavam em se exhibir para os homens que ali estavam.

A música continuava (pagode)e logo já começa a sair as primeiras porções de sarrabulho (que custava 10 reais) nas mesas e os atendentes em um vai e vem frenético, passando as cervejas para os clientes no balcão. Mais garotas de programas chegam trazendo consigo mais homens, já eram quinze horas e não havia mais mesas para tanta gente. Homens e mulheres se misturando nas mesas, mulheres se oferecendo para um possível programa ou simplesmente arrancando dinheiro dos *pcna* gíria delas ou mesmo apenas sentadas em suas próprias mesas com outras colegas se divertindo com a música.

Então sai da mesa onde estava para dar uma volta no local, decidi ir ao banheiro, observei o vai e vem nos quartos, com os *prs* (programas) sendo feitos pelas meninas e o vai e vem masculino nos banheiros anunciava o início da bebedeira, voltei para minha mesa onde já havia sentado mais outra garota que se chama Leila, Dio a apresentou para mim e logo se apressou em me dizer que ela havia gostado de mim e que estava ali para ficar comigo de “graça”, era só pagar o quarto, fiquei um tanto assustado e comecei a enrolá-la pagando cerveja, até que depois de algum tempo Leila me chamou mais ao canto dizendo que queria falar comigo.

Leila: - ô cara, você tem 5 reais para me emprestar?

Pesquisador: Mas para que você quer 5 reais, já estou bancando você na mesa onde estamos.

Leila: bom, cara, vou falar a real para você, é que eu quero comprar um pó para eu cheirar com minhas amigas, eu sei que você é um cara gente boa e pode me dar esse dinheiro.

Pesquisador: comprar pó? Negativo, já estou te bancando na mesa e você ainda quer que eu banque esse seu vício? Negativo, não vou dar não.

Então eu e Leila voltamos para a mesa novamente, mas Leila estava brava por eu não ter pagado o “pó” para ela e logo saiu da mesa sentando-se em outra mesa à frente, depois de alguns minutos conseguiu o dinheiro para comprar cocaína e assim satisfazer seu vício. Dio me perguntou o que ela queria comigo e eu disse a Dio que a Leila queria dinheiro para comprar drogas,mas não dei o dinheiro para ela e por isso ela se zangou e saiu da mesa. Dio sorriu e disse que eu fiz o certo e não é para eu bancar ninguém, muito menos vício dos outros, se ela quer o “pó” ela mesma tem que *agir* para conseguir.

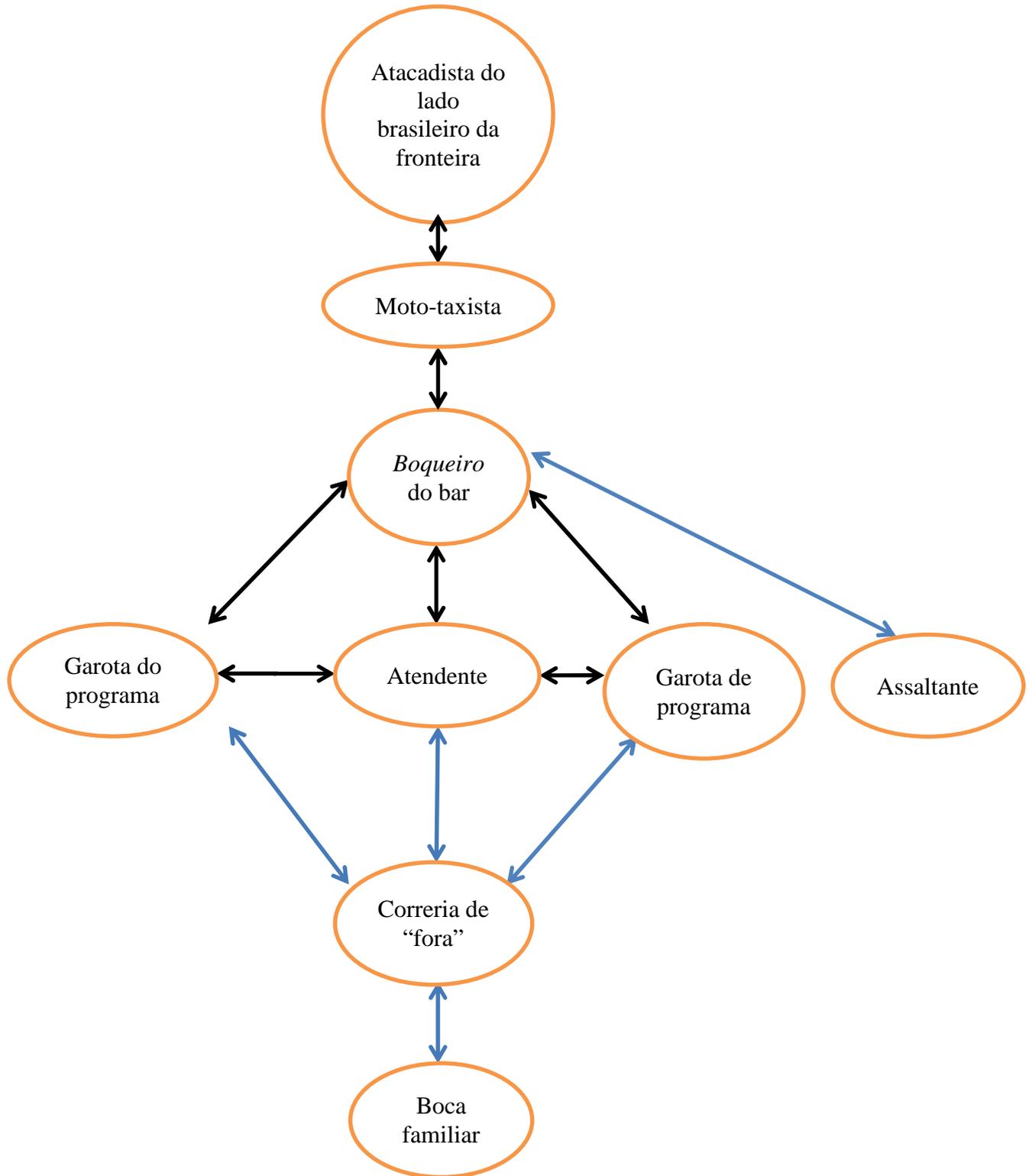
Em muitos momentos *Dio e Estela* saíam da mesa para conversar com seus “amigos” e agir algum dinheiro, ficava impressionado com a lábia das duas em seu meio, se elas não conseguiam dinheiro com os homens, elas conseguiam fichas de cerveja, sinceramente nunca perguntei para elas como elas conseguiam isso sem fazer programa algum, conseguiam até

mais dinheiro do que as meninas que estavam fazendo programa sem o fazê-lo, simplesmente iam xavecando um e outro homem, conseguindo trocados com um e outro, tratando todos os homens muito bem iam conseguindo seus trocados numa boa, fazendo por rodada essas incursões no meio do salão, sempre selecionando dos mais “bêbados” para os mais “conscientes”.

O tempo passava e o vai e vem de pessoas aumentando, já eram dezenove horas da noite, sem me dar conta já tinha passado sete horas naquele ambiente, as pessoas que ali estavam naquele momento começaram a fazer certas coisas que quando não estão bêbados (as) dificilmente fariam descaradamente. Saímos da mesa e ficamos no balcão, eu e *Altern*a, já que *Dio* e *Estela* estavam *agindo* o seu pão de cada dia na muvuca que se tornou a promoção. As meninas começaram a se oferecer descaradamente para os homens que ali estavam, baixando o preço de seu programa, chegaram a me oferecer um programa por dez reais, havendo minha recusa, muitas pedindo dinheiro para comprar cocaína, oferecendo até programa em troca da droga, homens que por ali estavam faziam um vai e vem frenético no banheiro do bar, muitas vezes não para fazer sua necessidade fisiológica, mas sim para consumir cocaína que naquele momento já estava sendo vendida e consumida descaradamente. Grande parte das garotas de programa dançavam em roda, mostrando suas partes íntimas sem se importarem com quem estava a redor, fazendo a alegria dos homens já embriagados. Vinte e uma horas da noite e fim da promoção que se iniciou às doze horas da tarde.

Muitos não queriam embora e ficaram no local, mas sem a música, eu e *Altern*a decidimos ir embora, *Dio* e *Estela* resolveram ficar mais um tempo no local para tentar ganhar mais alguns trocados, e assim eu e *Altern*a saímos do local e fomos cada um respectivamente para suas casas.

Fluxograma de Vendas de Drogas no Bar



→ Contato de alta intensidade
→ Contato de baixa intensidade

Remetendo à estrutura de venda de drogas do bar, foi possível perceber ao longo da pesquisa que não há uma organização hierárquica rígida entre esses atores sociais. A única rigidez desse comércio que pude notar ocorre na relação entre o *boqueiro* ou o dono do bar e os atendentes do bar que são contratados e podem estar de carteira assinada ou não, ou seja, há um contrato de relação empregatícia (legal) entre ambos, porém relacionado ao trabalho do bar como empreendimento legalizado. Aqui vale a afirmação de Telles e Hirata quando escrevem que:

O cenário urbano é atravessado pelos circuitos superpostos de ilegalismos novos, velhos ou redefinidos, entre expedientes de sobrevivência, o trabalho irregular, pequenos empreendimentos locais e os negócios do crime que gravitam em torno dos pontos de venda de drogas ilícitas (TELLES, 2010, p. 46).

Os atendentes geralmente são os de maior confiança, já que são eles que serão os primeiros a sofrer a ação de uma possível batida policial, geralmente são estes que sabem onde se encontra a droga escondida no estabelecimento, são os “olhos” do *boqueiro*, já que o *boqueiro* não fica o dia inteiro no bar, colocando assim as responsabilidades de cuidar do bar em cima dos atendentes. Os outros atores sociais que participam dessa trama conhecem o *boqueiro* e frequentam o bar, mas não tem um vínculo de subordinação a ele como os atendentes.

As *garotas do programa* são mulheres que ficam transitando pelo bar, agenciando as garotas de programa para os frequentadores do local e com esses agenciamentos ganham o seu “trocado” e também fazem o *corre*¹⁹ da droga para quem a procura, ganhando assim mais dinheiro com o ato de ir buscar a droga. Essas *garotas do programa* são mulheres mais “velhas”, antigas garotas de programa que continuam ou não na *vida*²⁰. São bem conhecidas nos bares da cidade tendo amizade, inclusive nas esferas mais altas da sociedade, como nos relataram algumas entrevistadas. De acordo com entrevistas, muitas dessas mulheres eventualmente trabalham como domésticas e, em geral, não possuem um grau de estudo elevado e, portanto, usam esses ganhos advindos dos *corres* da droga para complementarem sua renda em casa.

As *garotas de programa* também não mantêm um vínculo “forte” com o dono do bar (*boqueiro*), mas adquirem muito respeito junto ao mesmo, já que são elas que trazem os clientes para beber no bar e assim atuam como *aviões* do dono do bar. Através das conversas de mesa de bar com os homens (em sua maioria), essas garotas de programa logo identificam

¹⁹ Ato de ir buscar a droga para alguém ou para si própria em algum local de venda.

²⁰ Tanto as garotas de (o) programa referem-se à vida, como a sua forma de trabalho denegrada diante da sociedade que as veem.

um possível cliente para venda da droga e também podem lucrar com a venda. Além do programa, em cada *corre* que é realizado ganham uma porcentagem em cima da venda de droga. Se o bar for um ponto de prostituição, ela poderá ou não ganhar esse dinheiro, dependendo do acordo com o dono do bar, já que o que pode ocorrer é o dono do bar deixá-la fazer *pr* (programa) no local, em troca de vender o produto para o seu possível cliente, e assim não é cobrada a taxa de permanência no local.

Os *assaltantes* geralmente chegam ao dono do bar para tentar *empurrar* algum produto roubado, em troca de alguma quantia de dinheiro ou droga. A quantidade de dinheiro ou droga a ser paga pelo dono do bar pode variar bastante, dependendo do produto em questão. Muitos *boqueiros* preferem não fazer recepações de pessoas desconhecidas ou mesmo fazer recepações, já que isso chama a atenção da polícia. Por este motivo, quando fazem a recepação, o produto tem que ser de “passagem rápida”, ou seja, tem que ser algo que possa ser vendido rápido, cujo valor de troca possa auferir um lucro elevado. Muitos desses ladrões são os *zumbis ou pipeiros* que fazem pequenos furtos em residências.

Os *moto-táxis* são fundamentais para os *corres* da droga para o *boqueiro*, já que são eles que podem fazer com rapidez e de forma “silenciosa” a busca do produto no atacado. Muitos desses moto-taxistas fazem os *corres* para vários pontos de vendas na cidade, mostrando assim sua independência em relação aos pontos de venda. É comum também que alguns montem seu próprio “negócio” de venda de drogas, atuando nas portas de festas pela região ou buscando o produto na *boca* para algumas pessoas, ganhando assim uma porcentagem de venda paga pelo *boqueiro* e mais uma porcentagem cobrada da pessoa que mandou buscar. Os moto-táxis são de grande importância para agilizar e tornar eficaz o transporte da droga entre as redes. Por isso, muitos deles recebem o “título” de *correria*, devido à confiança passada pelo serviço prestado.

É preciso destacar que, obviamente nem todos os bares da cidade são pontos de venda de drogas, assim como nem todos os moto-taxistas da cidade estão envolvidos nesta atividade. Não queremos generalizar a disseminação dos pontos de vendas de drogas nesses estabelecimentos da região e nem estigmatizar toda uma categoria profissional da cidade de Corumbá, o que queremos mostrar é o quanto essa economia dita “ilegal” circula, em termos de ganhos econômicos, para diferentes atores sociais que dependem dessa atividade (ou não) para complementar sua renda e de que forma alguns desses atores sociais utilizam esse comércio, mesmo que “indiretamente”, para aumentar seus lucros vendendo mais bebidas em seu bar.

A estrutura do gráfico descrita anteriormente é apenas um esboço das diversas formas que esse comércio nesses estabelecimentos toma forma. De acordo com Peraldi, “Na lógica do criminoso ele é um “empreendedor” – agente da economia de mercado – como aquele que faz “renascer” a economia, de forma difusa na cidade.” (PERALDI, 2007, P.112). Através do *bar boca* foi possível perceber a movimentação de uma gama de atores sociais que dependem, de certa maneira, da comercialização da droga. Esses trabalhadores em sua maioria são pessoas de baixa renda, que circulam entre o “legal” e o “ilegal” em busca de oportunidades de sobrevivência e que viram nesse comércio mais uma forma de compensar seus “ganhos parcos e irregulares”, nos dizeres de Telles (2010).

Devido a essa estrutura mutável não rígida do *bar boca*, o bar não necessariamente poderá ter um *boqueiro* que mande no comércio de drogas em seu estabelecimento. O que acontece nas maiorias dos estabelecimentos que funcionam como bar é a convivência do dono em relação ao comércio de drogas em seu estabelecimento por motivos diversos. Primeiramente, em um bar que funciona como ponto de venda e que não tem um *boqueiro* que o comande, seu dono é mais um trabalhador que montou seu negócio e que também viu nesse comércio outra maneira de maximizar seus lucros através da venda de drogas por terceiros, *aviões* vinculados às bocas familiares que se situam nas redondezas, aos moto-taxistas que também fazem os *corres*, às garotas do programa, assim como às garotas de programa que vendem a droga como *aviões*.

Assim, esses donos de bares ganham duplamente com o grande movimento que se estabelece em seus bares, isto é, há a garantia de movimento durante todo o dia e à noite (dependendo do horário de seu funcionamento), vendendo muitas caixas de cervejas e *espetinhos de gato*. “[...] Os indivíduos transitam nas fronteiras incertas do legal-ilegal, sabem lidar com os códigos de ambos os lados, mas sabem sobretudo exercitar algo como uma “arte do contornamento” dos riscos alojados nas dobras do legal-ilegal.[...]” (TELLES e HIRATA, 2010, p.45). A promoção descrita e da forma como aconteceu não ocorre de forma constante na cidade, mas elas acontecem. Mais uma modalidade de ganhar dinheiro e disfarçar a venda ilícita através do lícito.

É notório que uma grande parte da população corumbaense utiliza de algum tipo de promoção para ganhar dinheiro, mas poucos utilizam desses meios para vender drogas, estas promoções são reflexos de um processo crescente do trabalho informal que a cidade vem passando nas últimas décadas, e alguns se aproveitam, e criam algo com um formato parecido com o da promoção, que já faz parte da cultura da cidade.

3 DIFERENCIAL FRONTEIRIÇO - REDES ILEGAIS

“Cada zona fronteriza, en el proceso histórico de supropiadelimitación y en El proceso social de renegociación y conflictos constantes, conjuga de un modo peculiar la relevancia de la acción estatal y de la población local.” (GRIMSON, 2000, p. 3).

No extremo oeste do estado de Mato Grosso do Sul situa-se Corumbá, conhecida regionalmente e nacionalmente como capital do pantanal, situada às margens direitas do rio Paraguai fazendo fronteira com a Bolívia, fundada no final do século XVIII, primeiramente como um destacamento militar a fim de barrar o avanço espanhol nessa região (ESSELIN, 2000, p.151). Logo após sua fundação, em pouco tempo se tornou um dos maiores entrepostos comerciais de navegação do império brasileiro no século XIX. As mercadorias que passavam por Corumbá abasteciam, na época, a província de Mato Grosso, tornando-se o terceiro maior porto fluvial das Américas (OLIVEIRA, 2005). A cidade adquiriu, então, grande importância no cenário nacional e internacional, atraindo muitas pessoas de diferentes nacionalidades que imigraram para Corumbá para montar seus próprios negócios ou para trabalhar no porto. Situada a três quilômetros do centro de Corumbá encontra-se a cidade de Ladário, que possui também grande valor histórico já que é a cidade mais antiga do estado de Mato Grosso do Sul.

Ambas estão situadas na fronteira com a Bolívia, onde o primeiro contato do lado boliviano se dá pelo distrito de Arroyo Concepcion, dois quilômetros mais à frente está a cidade de Puerto Quijarro e adentrando mais um pouco se chega à cidade de Puerto Suárez, capital da província de German Bush, departamento de Santa Cruz.

São cinco localidades, que se formam uma semi-conurbação, de grande articulação sócio-econômico-cultural. É um território de grande configuração estratégica, por ser o ponto de contato entre o Brasil e a Bolívia. Por ali passa o gasoduto e um acumulado de mercadorias outras (chegam ou partem) utilizando o rio (com seis portos ali cravados) a rodovias e as ferrovias que se encontram porém não se prendem[...] (MACHADO, 2009, p.33).

Após um longo período de crise econômica causada pela falência portuária no final da década de quarenta do século 20 e a estagnação do recente setor industrial na década de 60, ainda no século passado (fomentado pela chegada da ferrovia Noroeste), inicia-se um maior estreitamento das relações de fronteira nessa região. Entretanto, foi só a partir da década de 1980 que ocorreu, de fato, uma aproximação maior entre as duas fronteiras, principalmente do lado brasileiro com Corumbá e Ladário, fato que historicamente não havia ocorrido nessa região de fronteira. Essa aproximação entre as duas fronteiras ocorre a partir do crescimento do lado boliviano, principalmente na área comercial, impulsionados por capitais estrangeiros

fazendo com que o departamento de Santa Cruz tenha um surto de crescimento e com isso refletindo diretamente nessa região de fronteira, que historicamente é um entreposto comercial. (OLIVEIRA, 2009, p.34).

Entendendo a importância geopolítica e econômica da cidade de Corumbá para a existência de uma fronteira dinâmica entre Brasil-Bolívia, é possível perceber que tanto o comércio de drogas local como o contrabando formigaque operam entre Corumbá/ Ladário e Puerto Quijarro/ Puerto Suarez apresentam alguns elementos que nos permitem discutir como a fronteira pode favorecer uma capitalização rápida a partir destes comércios, que gera uma rede ampla de atores sociais transnacionais que trabalham com esses tipos de atividades. Para realizar esta tarefa, partimos do pressuposto de que na chamada economia “ilegal” prevalece, em grande medida, a mesma lógica da chamada economia “legal”, sobretudo a partir do ponto de vista dos atores sociais envolvidos e das operações e dispositivos de acumulação de dinheiro, e de obtenção de lucro e reinvestimento que são postos em ação na fronteira (OLIVEIRA E COSTA, 2011). Partirei da análise de dinâmicas de diferentes fronteiras, suas formas de integração cotidiana ou integração funcional²¹ “a complementaridade visível e a participação invisível” (OLIVEIRA, 2005) dos atores sociais envolvidos nas mais diferentes atividades lícitas ou ilícitas e como essas atividades constituem as interações entre as populações de fronteira. A partir daí, analisarei também como esses atores sociais usam a fronteira como recurso econômico e social, gerando assim redes de sociabilidade, criando laços de parentesco, amizades e negócios por partes desses indivíduos, que oferece possibilidades de capitalização elevadíssimas, a partir da formação de redes do contrabando e do comércio de drogas na fronteira.

²¹“são formas de integração funcional: o comércio da pequena produção industrial, o serviço de qualquer natureza, sem aporte formal, e outros que consolidam a complementaridade cotidiana, como a compra de imóveis, pequenas transações de capitais, o aluguel de máquinas, instrumentos e equipamentos ocorrido, em especial, no setor rural, entre outros. Em outros termos, um movimento de trocas que não se confunde com a ilicitude do contrabando. Entretanto, devemos considerar que a riqueza da funcionalidade traz consigo uma série de outras atividades não apenas *funcionais*, mas também não lícitas - aqui chamada de *participação invisível* da funcionalidade.[...] As facilidades induzidas pela dinâmica das articulações econômicas sem escopo jurídico “abrem espaço” para penetração e consolidação de atividades nocivas (narcotráfico, contrabando, etc.) por grupos que se articula em redes transnacionais” (OLIVEIRA, 2005, p. 7-8).

Figura 2- Posto da Receita Federal



Fonte: OLIVEIRA, G.F., 2012

Entre o centro da cidade de Corumbá e a fronteira com Arroyo Concepción, em Puerto Quijarro é preciso percorrer aproximadamente 8 km de rodovia, o que diferencia essas cidades de localidades como Ponta-Porã – Pedro Juan Caballero (na fronteira Brasil-Paraguai), ou Santana do livramento- Rivera (na fronteira Brasil – Uruguai), que formam as chamadas “cidades gêmeas”, compartilhando o mesmo espaço urbano contínuo. Para chegar à Bolívia, partindo de Corumbá, é preciso atravessar um pequeno trecho de estrada, chamada Rodovia Ramon Gomez. Os moradores da fronteira sentem-se no direito de ultrapassar as barreiras nacionais, e o fazem cotidianamente, construindo laços sociais que vão além das meras relações comerciais e da manutenção dos negócios transfronteiriços (COSTA, 2010). Esta movimentação de pessoas, tradições e mercadorias demonstra que a fronteira representapara seus habitantes, tanto um recurso econômico quanto social (VALCUENDE & CARDIA, 2009). É preciso, portanto, saber em que medida trabalhar a dupla condição da

fronteira ora como passagem, ora como barreira; ora como local de trocas e fluxos, ora como limite dos Estados, onde operam os aparatos de controle e vigilância.

Ao trafegar por dois ou mais regimes jurídicos e econômicos, algumas mercadorias adquirem o status de ilegalidade perante legislações nacionais, escapando também ao recolhimento de tributos, o que propicia grandes lucros para os comerciantes e baixos preços para os consumidores. Esta operação de compra e venda característica das fronteiras não apenas fornece o mecanismo de capitalização de comerciantes, como dinamiza a vida econômica dessas cidades fronteiriças, gerando parte significativa dos empregos (em sua maioria, informais), movimentando o consumo, atraindo mão-de-obra fixa e transitória para essas localidades. Além disso, podemos pensar em que medida a peculiaridade da situação das fronteiras nacionais condiciona certas práticas de aquisição de lucro e configura um modo específico de fazer negócios, sejam eles legais ou ilegais. A fronteira é entendida, assim, como um lugar onde há a possibilidade de ascensão social para determinados indivíduos e onde existe certa liberdade de ação em relação às leis nacionais, em função da existência de dois ou mais regimes jurídicos, econômicos, políticos e sociais em um local de oportunidades para negócios em função da ambiguidade de valores de moedas e por ser um ponto na rota de mercadorias entre países. A existência de dois câmbios de moedas é um dos fatores que torna tão atrativo o comércio de drogas na região, pois ao passar para o lado brasileiro os comerciantes de drogas conseguem grandes margens de lucro sobre o produto. (OLIVEIRA E COSTA, 2011, P. 141).

De acordo com Costa (2010) é justamente por ser um espaço liminar que a fronteira revela toda sua riqueza e complexidade, constituindo-se por um lado, como uma área propícia à insubordinação de indivíduos e grupos sociais em relação à legislação nacional, e como um lugar onde existe relativa liberdade de ação (que a torna uma região mais fluida e não totalmente estruturada); e por outro, como um lugar onde se exerce visivelmente o controle e repressão do Estado que pretende controlar e regular seu espaço soberano. Neste sentido concordamos com Velho, quando compreende a fronteira como “o lócus onde o enfraquecimento da subordinação e a ascensão social melhor se combinam e, é por isso mesmo que o autoritarismo se preocupa tanto em controlar o movimento de fronteira” (VELHO, 1979, p.102). De acordo com Machado, nas fronteiras está sempre presente :

“[...]o desafio ao conceito de lei territorial representado pela situação de fluidez e imprevisibilidade nas faixas de fronteira, onde pouca lei e pouco respeito à lei desafiam os limites de cada estado. Esse processo de diluição dos limites nacionais se deve não só à multiplicação de redes trans-fronteira mas também à competição entre diferentes sistemas de normas, induzida pelos próprios estados e por outras grandes organizações, legais e ilegais. Frente a essa instabilidade, a circulação informal, organizada em torno de relações de parentesco, amizade, e mesmo etnicidade, é reforçada em detrimento da circulação regulada pela lei.” (MACHADO, 1998. p. 6).

Percebe-se a existência, portanto, em vários momentos, de uma tensão entre a lógica do estado e a lógica dos moradores que desafiam e transgridem as normas e os limites estabelecidos pelo mapa, que representa um símbolo da soberania e da gestão administrativa do território. A situação do comércio realizado entre os dois lados da fronteira, que dentro da ótica do Estado e do dogma da soberania pode ser visto como “tráfico”, “contrabando”, ou “descaminho”, ou ainda como uma prática comercial danosa ao comércio da cidade e do país, é, de fato, uma prática comercial e de subsistência que faz parte da vida das cidades (da região fronteira) e da vida das pessoas (vendedores e consumidores). Sejam taxistas, vendedores, sacoleiros, traficantes, turistas ou mesmo consumidores comuns, de alguma forma, todos lidam diretamente com esta questão no seu dia-a-dia, em função das vantagens comerciais decorrentes da existência de dois ou mais câmbios na fronteira (COSTA, 2010; CAMPOS, 2011).

Um aspecto importante dos negócios fronteiriços é a questão da possibilidade real de estabelecimento de negócios ilegais específicos, que lidam diretamente com a existência das fronteiras nacionais. É preciso destacar, porém, que de maneira nenhuma estamos dizendo que as fronteiras sejam o lugar por excelência do ilegal, do marginal, reificando preconceitos sobre essas regiões e tampouco estamos ignorando que lugares que não estão nas fronteiras nacionais não desenvolvam atividades ilegais.

Para entendermos alguns dos aspectos da interação funcional, que se situam nas fronteiras entre o legal e o ilegal que geram, de fato, poderosos processos de funcionalidade na fronteira, a partir da *participação invisível* (OLIVEIRA, 2009), é neste processo que são gerados as redes ilegais do tráfico de drogas, armas, pessoas. Podemos supor que o fator mobilidade seja um dos mais importantes (COSTA, 2011). Sendo assim indaga as seguintes questões: como se movem as pessoas e mercadorias nesta fronteira? Quais são os atores sociais responsáveis por esses fluxos? Como se organizam?

Segundo Machado (2007) uma das principais razões do sucesso das redes ilegais frente ao aparato repressivo do estado, está vinculada há integração horizontal dessas redes, devido ao enorme risco que esse comércio ilegal oferece aos atores envolvidos, necessita-se de pontos de conexão (cidades) que servirão de verdadeiros corredores para o escoamento do produto,

“[...] Ao contrário das organizações legítimas, o negócio ilegal exige integrar a visão desde baixo, pelo motivo óbvio de estar sujeito a uma maior exposição ao risco no terreno. A exploração, e eventual êxito, dos negócios ilegais são fortemente dependentes de conexões locais, tendo em vista que operam com complexas e instáveis redes de informação”(MACHADO, 2007, P.176).

De acordo com esta mesma autora (1998) a fluidez dos limites e a consequente possibilidade de “driblar” os circuitos oficiais podem beneficiar os habitantes da faixa de fronteira, mas

existem indicadores de que o maior beneficiário é a economia paralela dos países limítrofes. No Brasil é bastante conhecida a centralidade de Foz do Iguaçu para os circuitos de “sacoleiros”, assim como Ciudad del Este se transformou em lugar central para operações de evasão fiscal e lavagem de dinheiro através do circuito bancário. (MACHADO, 1998, p. 4).

Para esta autora, atividades ilegais como o comércio de drogas e o comércio de dinheiro (moeda, papel ou crédito) compartilham a mesma ambiguidade: “a de potencializar os lucros, ao atuar de forma transnacional e, ao mesmo tempo, de se beneficiar das diferenças jurídico-político-econômicas entre os estados nacionais”. (MACHADO, 1998, p. 7).

De acordo com Oliveira e Costa (2011), este processo de circulação de riquezas, de possibilidades de negócios e de acumulação de capital depende, portanto, de um espaço relativamente integrado em redes mais amplas (com outros centros urbanos), em circuitos do grande capital e com alguma infraestrutura de serviços do Estado. Não é, portanto, qualquer região de fronteira entre países que reúne essas condições, e é a cidade (o núcleo urbano) de fronteira que vai se configurar como o espaço propício para as oportunidades de negócio e de atração de mão de obra e como um mercado consumidor. Neste sentido, as cidades de Corumbá-Ladário (Brasil) podem ser consideradas como um dos principais núcleos urbanos de fronteira entre o Brasil e seus países vizinhos, como um ponto de conexão entre portos do oceano Pacífico e Atlântico e que conta com rodovias, ferrovias, hidrovias e aeroportos.

Para Becker (1985), a estruturação da fronteira se viabiliza pela mediação do urbano, que é a base logística para o projeto de sua rápida ocupação e de seu ordenamento territorial. Para esta autora, os núcleos urbanos, entre outros aspectos, constituem-se como dispositivos espaciais que sustentam a circulação, principalmente da força de trabalho e do capital. Assim, a circulação, principalmente de capital, força de trabalho e de informação, é que constituem a base da integração da fronteira (BECKER, 1985). Entre os fatores de atração de pessoas para os núcleos urbanos de fronteira, destacamos a presença da escola e serviços públicos, as maiores oportunidades de emprego e uma expectativa de acumulação de capital.

Nesse sentido, a fronteira pode ser considerada como um espaço aberto para negociação e para os fluxos de integração funcional, o comércio de drogas e o contrabando se configuram como um dos principais elos da participação invisível, seja pelo sucesso na integração através dos atores sociais que cruzam a fronteira, seja pela eficaz formação de

redes, assim como pelo grande conhecimento do terreno por parte desses comerciantes e pela capacidade de adequação à rapidez das mudanças no controle e no mercado²².

Segundo (OLIVEIRA E COSTA, 2011) não é qualquer cidade fronteira que poderá atrair fluxos de capitais, já que é necessário para esses núcleos urbanos fronteiriços uma estrutura (rodovias, aeroportos, ferrovias) que faça a integração com os grandes centros urbanos, para, dessa forma, dar vazão às negociações (de produtos) tanto às redes legais criadas pelos acordos entre os estados-nações, como também para as redes criadas pelo comércio ilegais de mercadorias ilícitas (contrabando e tráfico de drogas), que dependem da relativa integração que o próprio estado fornece entre a fronteira e outros centros urbanos. Primeiramente, entendendo Corumbá como ponto de conexão da passagem do tráfico de drogas internacional, observamos a integração de Corumbá de fato aos grandes fluxos de mercadorias já a partir do asfaltamento de uma um grande trecho da rodovia 262 Corumbá - Miranda (OLIVEIRA, 2009) , aumentandoo fluxo de mercadorias, e pela ferrovia e o aeroporto internacional, também se observa o fluxo constante de barcos pelo rio Paraguai onde é uma hidrovia com função histórica dentro do processo de desenvolvimento da cidade de Corumbá quanto também de Ladário.

De acordo com (Machado, 1996) a transnacionalidade dessas redes, é fundamental para o funcionamento desses negócios, ou seja, através da integração funcional na fronteira é que são acionadas as “competências circulatórias” (TELLES, 2009) onde os mais variados atores sociais transnacionais se arriscam, driblando o aparato estatal, levando e trazendo mercadorias e dessa forma movimentando toda uma rede cuja porosidade foge à magnitude da real estimativa de pessoas envolvidas nessas atividades ilegais que é o tráfico de drogas, de armas, de pessoas e o contrabando seja ele “formiguinha” ou não.

Partindo da ideia de diferencial fronteira citada, pontuo a análise de Dorfman (2008) que discute o contrabando em Santana do Livramento/Brasil-Rivera/Uruguai. Segundo a autora, o ato de ir e vir de um lado para o outro da fronteira para compra e venda de produtos, não é considerado contrabando, esse termo é até alheio ao local. A autora pontua ainda que há uma preferência de alguns produtos a serem comprados em ambos os lados da fronteira, influenciados diretamente pelo câmbio. Neste sentido, não há julgamento moral por partes dos moradores locais, o que a autora dá o nome de *contrabando cotidiano*, onde “Os moradores da(s) cidade(s) levam tanto pesos como reais na carteira, para não se sujeitarem a câmbios desfavoráveis, eventualmente praticados nos estabelecimentos comerciais (DORFMAN, 2007,

²² Conceitos desenvolvidos por Lia Osório Machado em sua palestra de abertura do II Seminário de Estudos Fronteiriços, em agosto de 2010, em Corumbá-MS.

p. 89). Uma segunda modalidade definida pela autora é o de *contrabando de ocasião*, que é justamente quando a pessoa compra algo para revender e assim auferir lucros, onde há um aumento na quantidades de produtos que são transportados de um lado para o outro da fronteira, criando assim uma rede de trabalhadores, que aumentam seus ganhos mensais com a prática dessa atividade. BentancorBosés(2008) demonstra nessa mesma fronteira, que além do benefício econômico, estão presentes também as interações sociais decorridas de matrimônios binacionais, além do constante aprendizado do português e do espanhol entre os habitantes dos dois lados da fronteira:

En ambas ciudades se constata, un importante número de parejas que concretan los matrimonios binacionales, la mayoría se oficializan en Rivera, también en este aspecto se plantea un juego entre lo legal y lo ilegal. (BITENCURT, 2008, p.28).

Na localidades de Assis Brasil (Brasil), Iñapari (Peru) e San Pedro de Bolpebra (Bolívia), situadas na tríplice fronteira da Amazônia Ocidental, Valcuende, (2009) traça uma importante contribuição para a noção de diferencial fronteiriço, o referido autor mostra toda a interdependência entre essas três localidades, onde cada lado de fronteira oferece algo de relevante (preços e variedades de diversos produtos), como também na área da integração dos transportes públicos, laços matrimoniais e amizade, tudo isso contribui para as articulações informais transfronteiriças daquela localidade.

Na fronteira de Tabatinga/Brasil-Letícia/Colômbia (NOGUEIRA, 2007) demonstra também de que forma os “recursos” ocasionados pela integração transfronteiriça influencia diretamente na vida daquela localidade, tanto nos laços sociais (relação de parentesco e amizade) como também na dependência econômica entre os ambos os lados da fronteira.

O que gostaria de frisar são os recursos que a fronteira proporciona para seus habitantes, recursos esses, econômicos e sociais, que são gerados a partir dos contatos transnacionais efetivados pelo convívio cotidiano dos moradores da fronteira. São esses contatos que poderão formar as redes ilegais do tráfico de drogas, de armas, de seres humanos.

O recurso econômico e social é amplamente usado pelos habitantes da fronteira (in)conscientemente, até mesmo por quem mora fora da fronteira e que usufrui em algum ponto desse recurso, como observamos nas levadas de sacoleiros que partem de vários lugares do Brasil para determinadas regiões de fronteira em busca de preços mais baratos para revender esses produtos em suas localidades de origem.

Nota-se que a consolidação desse mercado local de venda de drogas tanto no atacado quanto no varejo, se deu a partir das relações informais entre esses atores sociais

transfronteiriços. Devido a essa integração funcional (OLIVEIRA, 2009), foram criadas relações das mais diversas entre bolivianos e brasileiros, os quais viram nesse comércio tanto uma possibilidade de se ascender socialmente devido ao lucro rápido da venda, quanto para as necessidades de subsistência em função da falta de oportunidades no mercado formal de trabalho na região. Entendendo a importância de Corumbá na rota de escoamento de pasta base de cocaína e de cocaína da Bolívia, minha primeira preocupação foi tentar traçar através dos depoimentos informais com os comerciantes de drogas, que tinham mais tempo nessa atividade, um possível consenso nas entrevistas de quando poderia ter começado a se estruturar esse comércio ilícito nessa região de fronteira, segundo entrevista realizada com um comerciante de drogas local:

Led: Bom cara, não sei quando eu escutei falar de droga pela primeira vez, cara, mas sei que já na década de 1970 já haviam pessoas que vendiam drogas aqui, mas já no final da década de 70 é que se houve falar muito mais da chamada *zuca*, que nos anos 80 se tornou base. (Entrevista realizada em 10 fev. 2011).

É preciso destacar também algumas peculiaridades da economia criminal, que segundo Nordstrom (2007) tem a “confiança no coração de suas atividades”. De acordo com esta autora, é justamente o fato de não haver a mediação de leis e de regulações do direito formal nas atividades criminosas, que abre espaço para relações extremamente personalizadas, que vão engendrar a coesão social dos atores sociais envolvidos.

Sendo assim, categorias nativas de comerciantes de drogas como “confiança”, em Nordstrom (2007) e “respeito”, em Bourgois (2010) indicam que há toda uma rede de confiança que se estabelece entre os produtores, comerciantes e usuários de drogas, que de acordo com Nordstrom (Idem) caracterizariam a existência de um “código de ética”, mediado diretamente nas relações face a face e que demandam a satisfação dos clientes, o pagamento das dívidas e o recebimento dos produtos, sob ameaça sempre latente do uso da violência para solucionar os conflitos. A partir dessa análise, agrego nessas discussões, o conceito de economia ilegal de Peraldi (2007) :

“[...] atividades que visam à produção, circulação, a comercialização de produtos proibidos de um ponto de vista moral ou legal, de atividades, nas quais a organização e a efetivação incorporam uma parte de violência física realmente exercida ou potencialmente presente na própria organização do ciclo produtivo, e enfim, de atividades realizadas por indivíduos, grupos marginais ou desviantes nas condições de total ou relativa clandestinidade” (PERALDI, 2007, p.111).

É nesse sentido que substituo categoria traficante (visão do Estado), pela categoria de comerciante (ponto de vista nativo). O “nativo” sabe que ele é visto como traficante pelas

peessoas que o circundam, mas devido à consciência que ele tem de sua própria atividade, que gera renda não só para sua família, mas também para outras famílias, dinamizando o comércio local, eles (as) se vêem como comerciantes gerenciando um comércio ou uma empresa, se for preso deixará esse comércio-empresa para sua mulher e filhos, caso eles optem a seguir com o negócio.

Este processo de circulação de riquezas geradas não só apenas pelo comércio de drogas ilícitas, mas também pelo contrabando formiga, dinamizam o comércio formal/informal dessa região de fronteira, com o dinheiro que vai parar nos pequenos e grandes depósitos bancários, na padaria da esquina, no salão de beleza da vizinha, na marmiteira do bairro, todos usufruindo deste processo de circulação (in)conscientemente.

3.1 PEQUENAS EMPRESAS GRANDES NEGÓCIOS²³ – A “MÁGICA” DAS *BANCAS* E DAS *BOCAS*, O COMÉRCIO NO ATACADO PARA O VAREJO EM CORUMBÁ.

No caso estudado, parti das seguintes indagações: qual seria a estimativa de lucro do comércio de drogas de uma *banca* ou *boca* diariamente e mensalmente? Será que é tão lucrativo assim? Como funciona esse negócio?

Primeiramente é primordial distinguirmos o que é uma banca e o que é uma boca.

Banca: são chamados os pontos de vendas no atacado de drogas (pasta base, cocaína e maconha, esta última em menor quantidade) o termo *banca* não é utilizado, via de regra, mas foi o termo usado por muitos para justamente se diferenciar (hierarquicamente da *boca*), como também é um termo usado no atacado de Corumbá. A *banca* se distingue justamente por vender em maior volume, geralmente a partir de dez gramas.

Boca: são chamados os pontos de venda no varejo local, ao contrário da banca, a sua venda de determinado produto (cocaína, pasta base ou maconha) se dá com as chamadas *paradinhas*, variando o preço conforme a mercadoria, por exemplo: a chamada base pode-se vender a partir de um real cada *paradinha*, no caso da cocaína a partir de 5 reais.

Primeiramente temos que entender como essas *bocas* adquirem o produto, ou seja, a que custo sai a pasta base de cocaína e a cocaína do lado boliviano da fronteira, para depois tentar traçar uma estimativa do lucro que uma *banca* e uma *boca* podem alcançar diariamente e até mensalmente. É fato que o movimento de *bocas* e *bancas* não são iguais, variam muito, mas pelo número estimado de bocas, sugere-se que até mesmo a boca menos movimentada tenha um fluxo diário considerável de arrecadação nas vendas.

²³ “Pequenas empresas grandes negócios” foi uma frase dita por vários interlocutores em alusão ao SEBRAE, uma sátira.

Dessa maneira, entraremos nessa discussão com o intuito de apontar alguns esquemas que possibilitam adquirir o produto mais barato e dessa forma maximizar os lucros na venda no varejo.

Na região da fronteira Corumbá-Puerto Quijarro, muitos comerciantes varejistas brasileirostêm contato direto com pessoas no lado boliviano, e assim não precisam de um intermediário atacadista brasileiro ou *passador* para obter o produto. Às vezes, a relação é tão próxima entre o varejista e o atacadista que vive na Bolívia, que o próprio atacadista boliviano leva a droga na *boca* sem precisar de um *passador*.

Outro ator importante nessa trama complexa das relações sociais entre os comerciantes de drogasde fronteira é a figura do *passador*. O *passador*, geralmente é um indivíduo jovem, seja de classe média baixa ou até mesmo da classe média alta, que, de acordo com as pesquisas realizadas, não depende totalmente do comércio ilícito para seu sustento, ou seja, muitos fazem esse tipo de serviço por aventura e para ganhar dinheiro rápido.

É importante ressaltar que esses jovens *passadores* são empreendedores que atuam por vontade própria, mesmo sabendo dos riscos que esse tipo de trabalho lhes acarreta, disponibilizando até seus números de telefone para o fornecedor entrar em contato para uma próxima travessia da droga. Quando há a “contratação” do trabalho do *passador* é porque a fiscalização está bem “ativa” na região, já que não é preferível para o *boqueiro*²⁴ ou o atacadistacontratar o *passador*, isso diminuiria sua margem de lucro com o produto. Por isso, muitos *boqueiros* que não possuem uma relação mais “estreita” com algum atacadista do lado boliviano, preferem, assim, ir diretamente buscar o produto do outro lado da fronteira.

Há também o atacadista do lado brasileiro da fronteira, que também tem seu papel na distribuição da droga na região, e são esses atacadistas que são os mais utilizados pelas *bocas de fumo* na hora de adquirir o produto, já que com esses atores sociais as *bocas* podem comprar o produto em menor quantidade para a venda. Através de entrevistas vemos a facilidade que a droga entra em Corumbá:

Pesquisador. Como você faz para passar com a droga do lado boliviano para o lado brasileiro?

Contraste: bom, cara, eu coloco na mochila ou passo com ela de carro ou a pé mesmo depois pego ônibus. Depende muito de como eu vou para lá.(lado boliviano da fronteira).

O marco mais visível e simbólico dos limites da fronteira de Corumbá/Brasil está na aduana da Receita Federal, onde ocorrem operações de fiscalização, mas raramente ocorrem apreensões de drogas ilícitas. O que se observa são as apreensões de produtos fora da cota

²⁴ É chamado de *boqueiro*, o dono do ponto de venda de droga nessa região de fronteira.

estabelecida de roupas e bebidas, como também as apreensões de pneus de caminhões. Assim a droga entra, em geral, sem grandes problemas em Corumbá.

Dessa forma, percebe-se que a fiscalização efetiva das autoridades se dá na saída de Corumbá, na BR-262, no posto policial conhecido como “Lampião Aceso”. É nesse posto que se observa, de fato, os limites do estado sendo vigiados em relação a esse tipo de comércio. Em geral é neste local onde são presos os chamados *mulas* (indivíduos que levam a droga de Corumbá para outras partes do Brasil).

Além do marco visível da aduana da Receita Federal, há diversas estradas vicinais (chamadas de *cabriteiras*) que alimentam a entrada de drogas e armas para o Brasil e também próximo à aduana se encontrava a famosa “trilha do gaúcho”, onde passava diariamente um fluxo grande de pessoas, funcionava também como passagem de muitas mercadorias ilícitas (drogas e armas, por exemplo) e também facilitava a mobilidade de pessoas que trabalhavam com contrabando de roupas. Essa trilha foi fechada recentemente pelo exército (devido a denúncias de mídia televisiva), já que se situava em área militar.

Figura 3- Trilha do Gaúcho Fechada



Fonte: Oliveira, G.F. 2012.

É importante pontuar que, o que foi discorrido em relação à entrada da droga e à chegada do produto nas *bancas* e nas *bocas* é um dos muitos esquemas que diariamente se modificam, sempre a partir da fiscalização da Receita federal e da polícia. Grande parte dos *boqueiros* preferem comprar o produto dos atacadistas do lado brasileiro da fronteira, devido, principalmente, à possibilidade de adquirir uma quantidade menor na hora da compra. Isto porque, na Bolívia, compra-se drogas (pasta base e cocaína) somente a partir de 250 gramas e no lado brasileiro é possível comprar a partir de 10 gramas, o que facilita muito, não apenas para as “pequenas” *bocas* adquirir o produto, mas para esconder a droga em uma eventual batida policial. Dessa forma, muitos *boqueiros* compram a droga de pouco em pouco durante o dia a partir do movimento de vendagem.

Gordão: Cara, geralmente nós vamos lá na Bolívia, tem todos os esquemas de passagem, o negócio é sempre ficar esperto. Quando ia sozinho, quer dizer em dois, né! Porque íamos de moto, daí quando estava na Bolívia, o motoqueiro nunca ia junto, nós marcávamos em um lugar, eu ia lá, pegava o bagulho, encontrava com ele, na hora que eu chegava ele ia na frente de batedor porque eu nunca queria vir pela sorte, né, cara. (Entrevista realizada em 17 mar. 2011).

Observa-se agora outro esquema de passagem de um lado para o outro da fronteira, em um primeiro momento o passador, destemido que coloca a mercadoria na mochila e passa sem “grandes preocupações”. E no segundo momento, uma pessoa que não é passador e que é braço direito de um atacadista, demonstra que há toda uma preocupação e medo de ser pego. Neste momento, esses indivíduos acionam os mecanismos que têm a sua disposição para passar com maior segurança pela aduana brasileira, sem levantar suspeita, haja vista que levaria maior quantidade. Este indivíduo acionou a moto, devido ao fato da sua locomoção mais rápida. O fato de o motoqueiro não ir junto ao local da entrega mostra a preocupação em não denunciar a função do motoqueiro no esquema realizado, afastando assim os olhos da polícia e diminuindo as possibilidades de ser preso.

Dessa maneira, o motoqueiro passa pela aduana tranquilamente e liga para quem vai passar com a mercadoria, dizendo se está tranquilo ou não, para a sua passagem. Nota-se nesse ponto as temporalidades na fronteira a cada momento do dia, o fluxo de pessoas e mercadorias muda, como também a fiscalização. Em Corumbá observam-se no período diurno os momentos de fiscalização variando e, ao cair da noite, a aduana está quase vazia, apenas com um policial militar fazendo a fiscalização de quem passa, sem dar grandes investidas na fiscalização dos carros que passam.

Gordão: Quando nós íamos do outro lado, é porque não estava dando para os bolivianos entregarem para gente na banca, porque nós conhecemos há

muito tempo eles, então é só nós ligarmos para eles que eles trazem para nós[...]

Esses espaços de fluxos contínuos de pessoas e mercadorias são fundamentais para a manutenção dessas redes por um longo período de tempo. Em um determinado contexto, são feitos os contatos necessários para o início e a manutenção dos negócios. O fato de saber o número de celular privado e o boliviano levar a mercadoria na banca é um sinal da confiança (BOURGOIS 2010) mútua entre ambas as partes na negociação face a face. Chegou a mercadoria, dinheiro na mão. Ou, dependendo da situação, perpassando as relações de negócios e chegando às relações de parentesco, pode-se até ser pago em parcelas.

[...] nós compramos de vários lá do outro lado, mas nós sempre mantemos um, caso um ou outro pisar na bola (quando manda um produto ruim, daí agente pega e dá um tempo dele) entendeu? Ou aquele não tá podendo no momento. Sempre tem um que tem mais confiança, entendeu? Que sempre sabemos que é produto do bom por que a fama do meu chefe aqui na cidade, é só de coisa boa entendeu, não pode decair se não vai perder a clientela .

Observamos o fator confiança (BOURGOIS, 2010) novamente nas negociações, o fato de “manter um de confiança” e a busca pela melhor mercadoria para servir sua clientela da melhor maneira possível, “força” esses comerciantes a conhecerem novas “fontes” onde podem conseguir melhores preços na compra da mercadoria. Forçando o outro elo da corrente (Boliviano) a manter seu produto (que será vendido) sempre da melhor qualidade, já que se estiver com má qualidade, certamente seus fregueses brasileiros saberão e não comprarão dele. Para ampliar a discussão, partirei da entrevista logo abaixo, que fornecerá importantes informações dos recursos desses atores sociais na hora dos acordos face a face como também nas táticas para maximizar seus lucros:

O nosso negócio é mexer com pasta base. Nós íamos lá e geralmente trocávamos o dinheiro em Dólar, porque assim facilita na hora da negociação, porque com Dólar dá pra abaxiar o preço, diferentemente do Real que sai mais caro. Se você vai com Dólar pra comprar o negocio lá, automaticamente os caras já abaixam o preço pra você.

Cara, quando chegava a droga na banca, e nós íamos abrir o pacote, o ambiente era sempre fechado, não podia entrar nem um pouquinho de vento, para nós perdermos menos possível da mercadoria. Aí colocávamos na balança e íamos pesando, geralmente paradinhas de base de 10 gramas (caixa). Cada caixa de base com essa quantidade nós vendíamos a 60 conto. Vendíamos pra umas 30 a 40 bocas, por que meu chefe é muito conhecido, principalmente pela qualidade do produto. Pô, ele não mistura a base com nada, então ela chega limpa nas bocas e só lá é que ele faz **amágica**, mano, aqui também nós fazemos **amágica**, (grifo meu).

Porra, cara, só pra você ter uma ideia, o cara que vende base na boca, às vezes nós levamos umas 3 vezes ao dia base na boca dele, mas se liga só, olha como ele faz a **mágicalá** na boca: olha a despesa do cara, gasta 60 conto comprando uma caixa de base, daí levo na casa dele, na casa dele o cara faz

com 10 gramas 120 paradinhas, mano, já é o dobro, lucro de 100 por cento em cima...mas você acha que o boqueiro é burro pra vender a base pura? Que nada, mano, o cara vai fazer **amágica**, mano. É aí que ele acrescenta as misturas²⁵ (bicarbonato, aspirina) e nisso cara, com uma caixa com 10 gramas ele transforma em 3 caixas, daí você faz a conta, quanto de paradinha isso não vai dar? Quase 400 paradinhas com 10 gramas de base[...]vende tudo isso a 1 real (R\$1,00), 2, 5 reais pra ver quanto isso não vai da[...] por isso eu falo pra você, isso é pequenas empresas, grandes negócios, você tem que saber gerir a parada, mano, só pra você ter uma ideia meu chefe nem bebe, só fica em casa mexendo com o negócio dele[...]. (Entrevista com Gordão em 20 dez. 2010)

Essa é uma das peculiaridades do comércio fronteiriço já que, de fato a mercadoria ultrapassa uma fronteira internacional, sendo comercializada em até três moedas (oReal, o Boliviano e o Dólar), mas toda esta operação é realizada por pessoas que transitam livremente pelas cidades fronteiriças, entendidas e vivenciadas como um mesmo espaço urbano contínuo, como notamos no trecho da entrevista acima. O desconto ganho ao chegar com o dólar na hora da compra torna-se fator preponderante na preferência dessa moeda. Nesta relação de trocas monetárias há toda uma movimentação do chamado “câmbio negro” da fronteira como na entrevista abaixo:

Gordão : Às vezes ele tinha 7 ou 8 mil reais guardado na casa dele, aí ele me chamava e dizia, fulano vai lá e compra dólar. Aí eu vou com saco de dinheiro e tal. Voltava com o dólar, se eu não ia na fronteira eu trocava aqui mesmo em Corumbá, em um doleiro conhecido nosso aqui em Corumbá, porque com o dólar, o boliviano dá um desconto e é mais lucro para nós[...]

Este “câmbio negro” ou dólar não declarado, possivelmente, será lavado em algum momento em algum tipo comércio local ou mesmo em alguma aplicação bancária tanto no Brasil como na Bolívia. Machado(1995) analisa essa mesma lógica na cidade de Tefé. Há uma simbiose entre as atividades bancárias e o comércio de drogas ilícitas, problematizando-a e deixando em aberto para futuros estudos devido à tamanha complexidade do problema²⁶.

É importante ressaltar que o numero de *bocas* que vendem maconha é muito reduzido comparado às bocas que vendem base e cocaína, isso ocorre devido à baixa lucratividade. Nas palavras de Thor: “[...] ô, mano, maconha até agente vende, mas é muito pouco, pô.Ninguém

²⁵ Este processo de acrescentar misturas e aumentar a quantidade chama-se viradinha ou seja pode - se dizer “vamos fazer a viradinha para fazer a mágica”.

²⁶Sobre essa questão segundo Machado “A questão que se coloca, e que não é respondida com precisão neste trabalho, é se o comércio da droga e a lavagem de dinheiro tem tido um papel na evolução econômica da região, ou seja, no financiamento de atividades produtivas absolutamente legais. Se isso ocorre na região, e onde ocorre, são questões que permanecem, por ora, em aberto. O que se pode afirmar a partir dos dados disponíveis, é que o movimento de dinheiro através do sistema bancário é, em muitos casos, incompatível não só com a maior parte das economias urbanas como das economias sub-regionais”. (MACHADO, 1995, p. 227).

quer “cair” por causa de erva não, pô, se é pra cair tem que cair com base ou com pó [...]” (Entrevista realizada em 26 abr. 2011).

Devido a essa baixa lucratividade, a maconha se torna um produto secundário dentro da venda no varejo do comerciante, que tende a ter como produto principal a base e a cocaína.

No segundo trecho da entrevista notamos as hierarquias do *esquema*, as posições de cada um para a operacionalidade do comércio. O entrevistado nos informa que há a entrega para mais de 30 bocas em Corumbá e que a qualidade do produto está garantida pelo chefe, que é uma figura bem conhecida, ou seja, este indivíduo empenha seu prestígio pessoal e sua palavra não apenas na garantia de entrega da droga, mas de sua qualidade também. O lucro com a passagem pela fronteira tem uma categoria “nativa” que é o “fazer a mágica”, que consiste em acrescentar as “misturas” à pasta base e à cocaína. Para se ter ideia da lucratividade do negócio, somente na cidade de Corumbá, o *boqueiro* investe R\$ 60,00 para comprar 10g de pasta base na Bolívia, após “fazer a mágica”, o *boqueiro* produz 400 paradinhas (que renderão R\$ 400,00), o que representa um lucro de quase 700% sobre o capital inicial investido.

Ao final da entrevista percebemos como a lógica dos negócios legais e do empreendedor, em sua racionalidade econômica e controle, estão presentes no trabalho do comércio ilegal de drogas, quando o entrevistado associa sua atividade às “pequenas empresas e grandes negócios”, elogiando ainda a racionalidade e o ascetismo econômico de seu chefe “que não bebe” e só cuida dos negócios. Nos detendo ao atacado, a entrevista abaixo, novamente reforça os laços sociais locais que a fronteira produz, como também o ato de *mocar* a produto:

[...]quando chega o bagulho, geralmente tinha ainda pronto, era aquela fita, chegava, pegava, na frente da casa dele, o cara (boliviano) ia embora, daí ele (chefe) chegava e falava para mim:

- toma aê! Se vira!

Daí eu pensava o que eu vou fazer? Jogar fora? Daí eu tinha que dar um jeito de *mocar* aquilo ali entendeu? Guardar, esconder, entendeu? Onde só eu sabia, nem ele sabia onde estava!

Nesse momento, o ato de *mocar*, dá início às redes de relações de vizinhança²⁷, pois a droga não pode ficar na banca, então onde poderia ficar? Observa-se também a confiança do patrão em seu “funcionário” com a chegada da mercadoria, o “se vira” como também o “nem ele sabia onde estava” demonstra também a frieza dessas relações face a face, pois caso a mercadoria desaparecesse do local, qual seria a consequência para seu “funcionário”?

²⁷ Essas relações serão debatidas no capítulo 3.

Daí eu o chegava depois de um tempo falava para ele: - guardei em tal lugar. Daí ele respondia: - beleza. No Máximo dois dias ele já mandava pegar de volta o bagulho... dependia de quanto estava escondido e do movimento, às vezes pegava 1 ou 2 *peças* inteiras para fazer, às vezes não...ou pegar meia peça só, todas elas eram pesadas primeiro, fazia isso tudo em caixas de 10 gramas, quando nós estávamos fazendo, quer dizer que já tinha acabado da última peça.

Pesquisador: E a saída é rápida, gordão?

Gordão: cara é rápida! Muito rápido! Você imagine os viciados, eles não querem comprar de uma de duas, eles já compram de monte, aí o *boqueiro* vai vendendo!

Nota-se nesta passagem a movimentação da banca, que depende dos “viciados”. O ato de pegar a peça em algum local reflete a movimentação de vendagem diária da banca e a lucratividade. Ao pegar e fazer as paradinhas de 10 gramas, não significa que essas paradinhas ficam só com os vendedores que ficam na banca. Após o processo de pesagem, as caixas ou papélotes são passados para outro local ou para uma pessoa que fica sempre por perto, diminuindo os riscos de serem pegos por uma eventual batida policial fora do comum²⁸. Logo que pegam a peça que está escondida, após o término da última peça, o número de peças que pegam para fazer as *caixas* depende do movimento de vendas na *bocas*²⁹. A *mágica*, (fruto do diferencial fronteiriço, em grande medida) que seria o motivo da tamanha lucratividade, é sua astúcia na pesagem da mercadoria, astúcia essa, fundamental para a confiança de seu chefe para consigo.

Uma caixa dessa no mínimo você faz noventa a cem paradinhas, e uma caixa dessa nós vendemos a 60 conto e boqueiro vende a 1 real a *parada*, entendeu? Olha o lucro que dá! Só vai aumentando. E para nós que vendíamos a 60 a caixa, nós comprávamos a 40 a caixa, entendeu? Ou menos, dependendo da situação. Para nós não é lucro vender de quilo, para nós é lucro vender de caixa, por causa da *mágica*, a *mágica* na fita da balança que eu não sei o que acontece, entendeu? É uma coisa incrível... não sei o que acontece, por exemplo, de 100 gramas o certo era nós fazermos 10 caixas mas nós conseguíamos fazer 12 caixas 13 às vezes, eu conseguia fazer isso, cara, nem ele conseguia, daí ele me perguntava como eu fazia isso, cara? nem eu consigo! -nem eu sabia responder, só dizia que tava dando e era isso! Chegava no quarto, na hora de pesar pegava a colherinha, media 5 gramas, fechava de meia em meia caixa.

Enquanto na *boca* se faz a *mágica* acrescentando as misturas, a *mágica* no atacado é diferente, mesclando pequenos pedaços com uma parte em pó do produto, tem-se a impressão de aumento no conteúdo que será mandado. Ou seja, quando chega o produto na boca, também se tem a impressão de que chegou um pouco a mais que o boqueiro havia pedido, aumentando assim a confiança e segurando a freguesia. A *mágica* na pesagem é a *mágica* aos

²⁸Mega operações realizadas na fronteira pela polícia e pelas forças armadas.

²⁹No capítulo 3 será discutido mais a fundo a dinâmica de vendas das bocas.

olhos do freguês (*boqueiro*) satisfeito com a quantidade e qualidade do produto. Astúcia novamente em questão do atacadista, usando de subterfúgios para manter sua freguesia, como observamos logo na próxima entrevista:

Nós mandávamos ela para a boca meio empedrada como se fosse farinha de mandioca cuiabana ou pedra brita, saca? Ela é muito dura, então quebrávamos pouca coisa, o suficiente para facilitar na hora da pesagem. Aí o boqueiro quando ele vai fazer, ele faz ela em pó totalmente, passa ela em uma peneira mais fina possível, porque parece que ela rende mais entendeu! Fazendo ela em pó, parece que o volume dela aumenta, nesse de volume para o cara que quer vender em parada é melhor para ele, pô! O viciado vai olha e vai achar – pô esse aqui tá regada! - tá nada, é a mesma coisa do que você pegar uma em pedra e uma já em pó. É o mesmo peso só que o volume dela é que é um pouquinho maior quando tá em pó!

Outra relação importante observada no comércio fronteiriço de droga em Corumbá diz respeito à receptação de mercadorias roubadas e a relação com usuários observada no depoimento abaixo:

[...]Não vendíamos para viciado, porque viciado não tem tanto dinheiro, se vendíamos era quando o viciado fez um roubo bom e estava com dinheiro, caso o contrário não fazíamos, a mesma coisa com a receptação de roubos, só quando era uma coisa que valeria a pena, aparecia muita coisa massa, cara, celular, DVDs, esses eram os principais... até comida os caras iam vender lá. Só que não somos muitos fãs disso, cara, porque receptação é *embaçado*, cara, chama muito mais atenção da polícia, quando a gente comprava era quando aparecia alguma arma lá, entendeu? Porque logo nós revendíamos para outra pessoa, entendeu? Aparece muito computador também, TV de plasma só que não vira, por exemplo, esses dias caiu um *boqueiro* conhecido meu, justamente por causa de receptação e não por causa da droga, pô tinha 3 computador na casa dele[...]

O fato de venderem somente em *caixa* e não em *paradinhas* revela o porquê de não vender para o usuário, além de o usuário não ter dinheiro para comprar como também dificilmente o usuário pode fazer um “roubo bom” para que haja a venda. Não é bom para os negócios que os usuários fiquem rondando o ponto de venda, já que podem chamar a atenção da polícia em relação ao local. Usa-se o usuário como olheiro de movimentações “estranhas” entorno do ponto de venda, dessa maneira dão algum resto de pesagem como forma de pagamento pelos serviços prestados para a *banca*.

Outro ponto importante diz respeito à receptação, nota-se uma mudança na tática de receptação de mercadorias roubadas, se até alguns anos atrás receptava-se de tudo, hoje só determinados bens de consumo são bem vindos tanto na *banca* como na *boca*. A *banca* dificilmente faz a recepção das mercadorias roubadas, justamente por chamar mais atenção do que propriamente a venda de drogas. Pude observar em campo que nas *bocas* que foram estouradas pela polícia, o que chamou a atenção foi justamente a receptação dessas

mercadorias, como capacetes de motos, celulares até fiações elétricas de cobre furtadas de padrões de energia³⁰.

Esta é a lógica do *embaçado*, a receptação de mercadorias roubadas ou furtadas chama mais a atenção da polícia do que propriamente a venda da droga, uma espécie de acordo tácito entre a polícia e o bandido. Isso explica porque raramente acontecem os estouros de *bocas* pela polícia em Corumbá sem estarem vinculadas a uma mega operação de fronteira. O número grande de receptações, ao que parece, rompe com esse acordo tácito ocasionando o estouro do ponto.

Até o momento foi discorrido sobre o comércio de drogas do atacado para o varejo dessa região e sua tamanha lucratividade com a simples passagem de um lado para o outro da fronteira. Esses atacadistas fazem parte de um elo maior que será analisado a seguir, em que trataremos do comércio de drogas no atacado, que é mandado para fora da cidade, atuando como consorciados e financiados, aumentando o grau de complexidade dessas redes.

3.2 O ATACADO- REMESSA PARA FORA

Através de entrevistas coletadas, tecerei algumas considerações em relação ao envio de remessas para fora da cidade de Corumbá. Primeiramente pode-se dizer que a figura mais visível e mais frágil da hierarquia é conhecida como *mula* e, logo após, vem a figura “fantasma” do chamado *correria*. É importante frisar que não é nossa intenção, em hipótese alguma, expor os meios de envios da droga para fora de Corumbá, nos moldes de uma investigação policial, mas sim analisar sociologicamente como esse fato torna mais complexas essas redes de pessoas, haja vista que não é qualquer pessoa que manda uma grande remessa para fora, pois quanto maior a remessa maior o preço a se pagar.

Essas relações perpassam o conhecimento das redes até mesmo do próprio atacadista, nesse ponto observa-se as “competências circulatórias” (TELLES 2010) em movimento, onde nem todos se conhecem nessas redes interescares, mas todos trabalham em suas funções mais ou menos determinadas, até que a mercadoria chegueem seu destino final. Como afirma esta autora “[...] tais mercados alimentam-se de obstáculos, interditos e proibições que vigoram para a circulação de mercadorias entre países, além das normas e das legislações que codificam os regimes de circulação em cada país[...]

³⁰ As receptações feitas pelas bocas serão discutidas no capítulo 4.

3.2.1 O CORRERIA

Baixinho: Tem o famoso consórcio, quando tem essa coisa, é 2 de um, 3 de outro, 4 de outro, 5 de outro, aí o que acontece? Aí vem um terceiro. Então quer dizer, tem 5 donos, mais a pessoa que guarda, esse cara que guarda, ainda não é responsável pelo encaminhamento disso aí. O cara que é responsável pelo encaminhamento vai ter um outro, que vai estar correndo simplesmente para fazer isso, e ele não pode aparecer! Esse cara ele só faz a correria. Porque fala que ele é o *correria*? – ele corre atrás dos contatos do transporte, ele é que arruma. Os caras chegam até o *correria* para quê? para o *correria* arrumar o transporte. Ele contrata o mula e diz para mula: - daqui até aqui, por cada peça que você levar, é 1.000 reais. E com os donos da droga ele fala, daqui até aqui é 1.100, então ele está ganhando 100 reais em cima de cada peça. Esse é o *correria* e “todo mundo” sabe disso, ele tá fazendo o papel dele. Vamos colocar ele (*correria*). Se caso alguma coisa acontecer, quem é que o transporte conhece? Conhece o *correria*, não conhece propriamente o dono, sempre há um jeito de você não aparecer, entendeu! Sempre há um jeito de você não aparecer, não se expor para os outros, propriamente a polícia, ficamos nas escuras.

A figura chamada de *correria*, em todos os momentos de minha pesquisa de campo, esse “desconhecido” sempre esteve presente. Como vimos nas entrevistas é um nome comum na “quebrada”, que remete a uma grande responsabilidade dentro das redes tanto do atacado como do varejo de drogas da região. Cada *boca* tem seu próprio *correria* como também cada *banca*, ou seja, o *correria* é a pessoa que facilita a venda da droga em suas várias escalas, tanto no varejo local como também nas remessas para fora. É a pessoas que facilita a ação na hora da venda. No atacado ele atua contratando os mulas como também tem os contatos certos para a passagem da droga nas barreiras montadas pela polícia. No varejo é ele(a) quem cuida da entrega quando algum freguês liga na boca para fazer o “disque entrega”. *A priori* me detenho na ação do *correria* e sua articulação em redes que facilitam o envio para fora da fronteira.

O *correria* é a pessoa dos contatos. E por ser a pessoa dos contatos, é altamente requisitado. Quando pessoas vêm de fora para pedir uma remessa, procuram em sua maioria o *correria* para arrumar o envio. Devido ao fato de contratar o transporte (mula) ele entra em uma dupla condição; a primeira é o risco de ser preso, caso o mula seja preso, ele fica à mercê de ser entregue ou não pelo mula através de uma *caguetagem*; a segunda condição é fundamental para a sua posição, como o elo das informações e da articulação de envio da mercadoria. Essa condição se dá a partir do regresso do mula, que muitas vezes traz recados dos compradores para o *correria*, assim corroborando com informações de outros clientes como também do aumento do número de peças para uma próxima remessa.

É na hora da contratação do mula e no envio das peças que o *correria* tira sua parte no negócio, como frisado na entrevista acima, já que o mesmo ganha por peça a ser enviada, como também a partir de um aumento do pedido em uma próxima remessa como relatado logo abaixo:

[...]Primeiramente o *correria* foi atrás do transporte, agora é ao contrario, é o transporte é que vai atrás do *correria* na volta, porque, quem recebeu quer mais, o cara da outra cidade manda recado querendo mais.

Aí o transporte chega no *correria* e diz que as pessoas onde ele entregou estão querendo mais... aí o que pode acontecer depois disso? O *correria* pode dizer para os patrõesisso, do aumento da remessa ou guardar a informação. Daí o que acontece? O *correria* vai no patrão, e diz que os caras querem de novo a mercadoria, mas não diz que eles queriam a mais, e nessa, como forma de pagamento, o *correria* pede para seus patrões daqui um adiantamento em droga, justamente para ele colocar na remessa a mais que os caras de fora pediram, então temos que lembrar que a droga aqui custa um valor e para fora é outro valor.

O fato do *correria* omitir a informação para o patrão sobre o aumento no pedido para ele próprio ganhar mais em cima, não quer dizer que ele esteja fazendo algo de errado. Esta atitude é aceita na lógica dos negócios em Corumbá. É justamente por isso que ele é chamado de *correria*, porque ele é o cara das informações, ele omitiu a informação, mas não roubou ninguém, continuou fazendo seu papel na rede e garantiu a saída da mercadoria, gerando ganhos para os mulas e para os patrões, os dois elos do comércio.

O *correria* é também mais um subterfúgio para o “verdadeiro” fornecedor da rede não aparecer, pois seu sumiço quer dizer que algo está errado (alguma operação policial, por exemplo) e logo os contratantes dão um tempo sem suas atividades e somem por um tempo, até que o *correria* reapareça. Geralmente o *correria* mora perto dos contratantes, de forma que ele está sempre sendo vigiado.

3.2.1.1 O MULA

Omula corresponde a toda pessoas que leva alguma quantidade de droga (pasta base ou cocaína) para fora da fronteira. Penso que há um paradoxo em torno do mula, ao mesmo tempo em que é uma peça descartável, é também fundamental para o elo instável dessas redes. Descartável e fundamental, mas como explicar sua condição?

Tentando entender essa dinâmica de envio observa-se dois tipos de mulas; o primeiro é o que cai em operações policiais , o “boi de piranha”, aquele que “cai”. E que é de sabedoria popular e engodo policial-midiático,que mostram essas prisões de forma espetacularizada, a fim de demonstrar que suas funções estão sendo feitas e estão surtindo efeito no combate

erepressão do tráfico de drogas. Esses *mulas* são frequentemente presos nos postos da polícia rodoviária na BR-262, na saída de Corumbá, no posto policial do lampião acesso. Geralmente são presos com pouca quantidade de drogas e na sabedoria popular “são entregues para passar uma quantidade maior”, de fato. O segundo tipo de mula tem a ver com a remessa maior, e são essas mulas, que levam maiores quantidades, que trazem os recados e articulam as informações nas redes.

O *mula* ganha por quantidade a ser levada. A *peça* equivale a mil reais, variando os momentos de maior fiscalização nas estradas, essas mulas, que levam de maior quantidade, são os que menos aparecem nas capas de jornais da cidade. A grande maioria dos que são presos, são aqueles que levam de pequenas quantidades e que inevitavelmente vão cair na fiscalização, porque já foram entregues pelo próprio contratante, os *mulas* entregues, aceitam ir sabendo dos riscos, são pessoas independentes, sem conhecimento dessas redes que aceitam o serviço de transporte da droga em que muitas vezes não levam nem quinhentas gramas de droga.

Nas minhas pesquisas tive contato com um *mula* que era menor de idade. Notei nas entrevistas levantadas uma possível mudança na tática de envio dos *mulas* que iriam ser presos, a partir da contratação de jovens menores de idade, com pequenas quantidades para caírem na fiscalização. Ou seja, acontece o inverso na questão do pagamento que ocorreria com um maior de idade, os menores seriam pagos justamente para caírem e não para levarem a droga a seu destino. Devido à menoridade penal, logo estão de volta nas ruas. É necessário um estudo mais aprofundado dessas relações de transformação do envio relativos aos *mulas*, mas as pesquisas apontam para novas estratégias nesse sentido.

Cabe lembrar que, apesar da importância do *mula* e do *correria* nessas redes, o atacado está situado no meio de um campo de várias forças que lucram cada um de sua forma e jeito.

3.3 ATACADO EM PUERTO QUIJARRO – REAL, DÓLAR, O QUE MAIS SE ACEITA?

Uma das dificuldades de minha pesquisa foi conseguir acesso, e estabelecer relações de confiança com os comerciantes de drogas do lado boliviano. Penso que falta ainda muita informação relativa ao atacado do comércio de drogas na cidade de Puerto Quijarro. Em minhas pesquisas de campo nessa cidade, não tive contato diretamente com um atacadista do lado boliviano, chamados de *pichicateros*. Apesar disso, através das entrevistas coletadas,

como também as percepções obtidas em campo, tecerei algumas informações que poderão ajudar em futuros estudos.

Algumas informações já foram colocadas através de entrevistas anteriores, relacionados ao diferencial fronteiriço. Primeiro, destacamos a facilitação na compra com o dólar, assim como as relações de amizade e parentesco que se estabelecem na fronteira.

Um ponto importante a se pensar, é justamente as dinâmicas dos assaltos de veículos automotivos nessa região (Corumbá e Ladário), principalmente os roubos de motos e carros nessas cidades.

Existe quase um mito nessa região, em relação aos possíveis roubos desses veículos, que se supõe que quando roubados certamente já foram “passados” para o outro lado da fronteira. Mas o fato importante apontado nas pesquisas vai muito além dessa visão. Uma prática antiga nesse comércio e que vem aumentando muito rapidamente é a penhora de algum bem para adquirir a droga. O que na *bocado* lado brasileiro pode ser penhorado, por exemplo, como um celular de última geração, no atacado em Puerto Quijarro ao que tudo indica, existe a preferência para penhora de motocicletas e carros.

O ano do veículo é fundamental para a quantidade a ser regateada na hora do penhor como também na hora do regateio do tempo em que se esperará para ser sanada a dívida, e dessa forma resgatar o veículo. Isso poderá refletir no número de queixas feitas na polícia relativas ao roubo de veículos, isso é uma hipótese para estudos posteriores.

Outro fato importante tem a ver com os roubos de fato desses veículos. Muitos entrevistados dizem que há um decréscimo na simpatia do *pichicatero* na compra ou troca de carros roubados no Brasil, devido à nova lei de regularização desses veículos na Bolívia³¹. Em contrapartida percebeu-se um aumento pela demanda de motocicletas.

A penhora por droga de algum bem mostra um aumento crescente de pessoas que estão envolvidas com esse negócio ilícito, já que, por exemplo, para uma moto empenhada, em torno de três a quatro pessoas estão envolvidas no *esquema* em função da moto, digo de três a quatro pessoas (esse número pode variar) devido a própria condição de arcar com a dívida do empenho da moto mais rapidamente, caso a mercadoria seja apreendida pela polícia ou caso eles não consigam vender tão rapidamente para que com o dinheiro possam retirar a moto do empenho. Sem contar os desmanches que alimentam peças paralelas tanto de carro e de moto nessa região.

³¹Lei nº 133/11 de “saneamento legal de veículos”. Esta lei causou grandes polêmicas devido à legalização dos carros roubados na Bolívia através do pagamento de uma taxa ao estado boliviano, aproximadamente de 2 mil a 3 mil dólares.

Outro ponto importante para futuros estudos seria analisar os reinvestimentos provenientes do comércio do atacado de drogas em Puerto Quijarro. A partir da simbiose entre o atacado de drogas e de armas com o comércio local (reinvestimento em lojas, mercados e etc.), como também o sistema bancário.

3.4 FINANCIADORES E FINANCIADOS

É fato que os problemas mais visíveis do comércio de drogas, tanto no Brasil como no resto do mundo, está justamente na violência mais ou menos acentuada, transacionada por esse mercado, além do aumento crescente de usuários, como também na corrupção dos agentes estatais.

Nas fronteiras do legal e do ilegal os circuitos da lavagem de dinheiro, o atacado privilegia uma quantidade considerável de pessoas que financiam as remessas para fora da fronteira sem ter uma ligação “direta” com as redes ilegais. Pontuarei dois casos primeiramente relativos ao “sistema de envio”. Analiticamente, observaremos o grande número de pessoas que financiam o comércio sem ter um vínculo direto com a criminalidade local, ou seja, são investidores espontâneos que usam uma parte de seu dinheiro para maximizá-lo, sem que haja um compromisso aberto e acentuado com as redes. Abaixo serão descritas algumas dessas formas de envio.

O *consórcio*: São justamente quando várias pessoas se juntam com uma quantidade pré-estabelecida (pasta base ou cocaína), geralmente um quilo (1 kg) para cada consorciado. Esses “associados” assumem por conta própria o risco de operar com sua mercadoria, ou seja, se “cair, caiu”. Essas associações que feitas para o envio, geralmente são mediadas por *atacadistas eboqueiros*, cada um por sua conta e risco, na hora do ganho, quando a mercadoria chega no destino final, cada um pega a sua parte do consórcio.

No momento das mediações entre os *boqueiros* e *atacadistas* é que entram os financiadores, que são pessoas sem vínculo “direto” com o crime, que se aproveitam por conhecerem o que eu chamo de terceira(s) pessoa(s) que passam a integrar o grupo e financiadora(s) pessoa(s) que não se veem como um criminoso. Para eles(as), o criminoso é sempre o *boqueiro* e o *atacadista*.

Quando se inicia o consórcio, a *terceira pessoa* investe seu dinheiro junto ao comerciante que poderá ou não dar garantia; o que seria a garantia? Esta garantia está justamente na hora do prejuízo, caso a mercadoria seja apreendida pela polícia. Um exemplo:

a pessoa procura que manda a droga para fora, diz para ele que tem dois mil reais para que trabalhe para ele, também pergunta se alguém mais está querendo fazer o *consórcio*, como também a própria pessoa que ele procurou (*boqueiro* ou *atacadista*) está no consórcio ou se quer entrar. É neste momento que novamente as mediações face a face se tornam primordiais nesse negócio, já que para que haja uma confiança em função do envio, o *boqueiro* ou o *atacadista* tem que cobrir uma parte das despesas da pessoa que o financiou, caso haja a perda da mercadoria em uma eventual apreensão. A garantia não é uma regra, mas é usada pelo comerciante, já que é ele quem mais vai lucrar com o negócio, mesmo que ele não envie sua parte.

O *passanaco*: sua forma de funcionamento é parecida com o do consórcio, só que é usado mais pelos bolivianos, na cidade de Corumbá (onde pude apurar). Ao contrário do *consórcio*, os lucros advindos do envio vão para uma pessoa só. Internamente, o *passanaco* funciona como uma forma de ajuda mútua, onde várias pessoas “depositam” todo mês uma quantidade de droga, para futuramente enviar. Na hora do envio, sempre é a mesma quantidade. Por exemplo, se são cinco pessoas que participam do *passanaco* cada um deposita um quilo por mês, ao final do terceiro mês são quinze quilos a serem enviados. Ao ser enviado, o lucro advindo será dado ao primeiro da fila que será definido pelos mesmos. E assim, consecutivamente, até todos serem contemplados com o lucro, só que cada um, individualmente, diferentemente do consórcio, que ao chegar a mercadoria no local todos ganham ao mesmo tempo.

O *consórcio* e o *passanaco* colocam à tona a quantidade de pessoas que lucram com a economia criminal nessa região e demonstram peculiaridades culturais de formação das redes pessoais de envio e comercialização da droga nos dois lados da fronteira. Esses sistemas de envio passam por mediações diferentes em relação ao varejo local de drogas, pois quando são acionados esses indivíduos estão envolvidos com remessas de grandes quantidades. As pessoas que financiam se isentam primeiramente do estigma³² de serem *boqueiros*, como também dificilmente serão presos ou investigados pela polícia, devido ao pouco rastro que deixam com esse investimento na hora de firmar o *consórcio* e o *passanaco*, já que tem os peixes menores para cair (*mulas*).

Essas remessas de maiores quantidades demandam um maior investimento financeiro, tanto para comprar a droga como também para seu envio. O *consórcio* e o *passanaco* são estratégias que cobrem eventualmente a falta de capital de investimento tanto do

³² Sentido proposto por Goffman (1982).

boqueiro como do atacadista no seu negócio. É importante fazer uma pontuação que essas duas modalidades não se restringem a apenas um setor da sociedade (aquela que a logística para envio é menor). Aí é que se inserem os maiores atacadistas dessa região, que com sua logística maior para envio e seu círculo “fechado” de pessoas, financiam maiores remessas e em maior constância. O sucesso dessas operações se deve ao fato desses atacadistas terem uma logística maior e, assim, torna-se mais difícil perderem sua remessa na hora do envio.

3.5 MANDANDO PARA FORA - E A POLÍCIA?

No momento do envio da mercadoria, temos que observar as lógicas estruturais e as mediações realizadas, para que o envio de uma grande quantidade não seja apreendido pela polícia. Essas mediações passam justamente pela gestão da ordem local do crime, assim como pelas várias esferas da sociedade corumbaense, que transbordam do varejo para o atacado e do atacado para o varejo constantemente. O aumento do aparato de combate e repressão nos últimos anos na fronteira e os diferentes aparatos policiais influenciam diretamente nessas redes, além disso, certamente o trato como as investidas de um policial civil e de um policial federal serão diferentes e é nesse jogo de relações de poder que serão feitos e ajustados os preços “morais” de cada situação. Observei quatro pontos que transacionam essas mediações da ordem local do crime e que influenciam na hora de mandar para fora as remessas, que é o caso estudado, neste momento. Para analisar esses quatro pontos utilizarei de conceitos teóricos de alguns autores, assim como das relações sociais que se estabelecem a partir daí. A primeira são as chamadas “ligações perigosas”, conceito de Michel Misse; a segunda seria a distinção entre pessoas e indivíduos, elaborada por Roberto Da Matta; a terceira é o que venho a chamar de relações de vizinhança e parentesco (que será debatida no capítulo três); e a quarta, e mais recente, que está acarretando nas transformações da criminalidade nessa fronteira que transbordou do presídio para a rua, mais acentuadamente a partir de 2006, que se chama Primeiro Comando da Capital ou em sua forma genérica PCC.

De acordo com Machado:

O preço no atacado das drogas ilícitas nos principais países consumidores é uma função não só da pureza da droga e da distância ao local de produção, mas também do rigor dos mecanismos de fiscalização e controle de fronteira e de repressão policial de cada país. Em consequência, cada fronteira atravessada aumenta os riscos e, portanto, investimento em corrupção e logística. (MACHADO, 1996, p. 23)

O fato de Corumbá ser uma das principais portas de entrada de cocaína e pasta base boliviana e em menor quantidade a peruana (segundo as autoridades estatais), torna-se preponderante algum grau de simbiose entre a criminalidade local e o aparelho que regula a fiscalização na fronteira, de modo que haja uma maior segurança na hora do envio da mercadoria. Essa simbiose entre crime local e a gestão da segurança, mais as esferas do comércio local, e do sistema bancário que ajudam na alquimia do “dinheiro sujo” transformando-o em “dinheiro limpo”, são as bases da logística do narcotráfico na fronteira (MACHADO, 1996).

As ligações perigosas propostas por Misse (1997) são justamente o envolvimento de agentes estatais com o crime, esses envolvimento vão transacionar o que este autor vem a chamar de “mercadorias políticas”, sobre esse conceito:

Há um mercado cujas trocas combinam especificamente dimensões políticas e dimensões econômicas, de tal modo que um recurso (ou um custo) político seja metamorfoseado em valor de troca. O preço das mercadorias (bens ou serviços) desse mercado, por ganhar a autonomia de uma negociação política, passa a depender não apenas das leis de mercado, mas de avaliações estratégicas de poder, de recursos potencial à violência e de equilíbrio de forças, isto é, de avaliações estritamente políticas. Para atingir a oferta e a demanda desses bens e serviços daqueles cujo preço depende fundamentalmente do princípio de mercado, proponho a chamá-lo se “mercadorias políticas” (MISSE, 1997, p. 111).

Reforçando através do depoimento logo abaixo:

Olha, nós colocamos assim, policial militar: faz acerto! Qual o acerto com o policial militar? Se pegou, pegou! e aí o que agente pode fazer? Ele vai pergunta para você! Porque para ele te pegar é porque ele já estava de olho em você e já te conhecia! Já te conhecia, ele já sabia que você era o cara que estava fazendo essa fita! Ele vai chegar para você e dizer que conhece você assim, assim, assado.....se o cara tem 20 peças Ele diz:- 5 daqui é minha e quero mais tanto! Amanhã eu tô indo lá buscar!

Para ele poder liberar aquela quantidade, porque, ele fica com os 5 quilos seguros, daí o cara tem que correr atrás do dinheiro para o policial liberar os outros 5 quilos que ficaram apreendidos. Porque ele sabe que nesse mundo, se a pessoa vai e está levando os 20 quilos e depois ele fala que arroxaram 5 quilos dele, não existe isso! Quem *arroxou* de você? – polícia! Daí o cara vai achar que você é que tá roubando, então para não deixar que o patrão ache que é você que está roubando, tem que correr atrás do dinheiro sozinho para conseguir de volta o que está retido.

Agora com o policial federal não tem acerto no tráfico! Mas em contrabando ele faz, principalmente, roupa e cigarro.

Através do depoimento percebe-se que a fiscalização na fronteira acontece e que as normas e moralidades são negociadas. A partir da fiscalização gera-se a “mercadoria política”, prende-se o *mula* e faz-se o *arroxo*, a partir disso, o policial chantageia o *mula*, pois sabe que ele é o elo mais fraco da corrente. Dessa forma, percebe-se o regateio do policial e a

forma de chantagem em relação ao *mula*, a fim de conseguir uma vantagem (financeira) em torno da mercadoria apreendida como também na liberação do *mula*. Esta “economia criminal” que foge da regulação do estado, contribui para o bom funcionamento da rede. Notamos uma variante da mercadoria política chamada de “economia da corrupção”: “o que há de específico na corrupção como mercadoria política é o fato de que o recurso político usado para produzi-la é expropriado do estado e privatizado pelo agente de sua oferta”. (MISSE, 1997, p. 111). A ação relatada acima na entrevista está dentro da chantagem, extorsão e corrupção do agente estatal, já que quando receber o que é seu de “direito” deixará o *mula* prosseguir com sua viagem, e caso o pagamento não ocorra, as sanções irão acontecer e a mercadoria que o policial “arroxou” ficará com ele e será posteriormente levada na *boca* para ser vendida.

O segundo ponto de grande relevância é o estudo da distinção entre indivíduos e pessoas (DA MATTA, 1974) nessas redes. O indivíduo poderia ser classificado entre nós como o “Zé-ninguém” das massas, que não participa de nenhum poderoso sistema de relações pessoais e é anônimo. O indivíduo nas redes ilegais também é um Zé-ninguém, conseqüentemente, será preso rapidamente. Enquanto a pessoa (que possui um nome, um rosto e uma posição social), já tem todo um contexto nessas redes, sabendo quem são os agentes que são corruptíveis ou não, e as escalas certas desses agentes. O papel da pessoa, nesse caso, também se reflete diretamente nos financiamentos, já que os financiados trabalham para os financiadores e que, como dito anteriormente, são difíceis de serem “pegos” pela polícia, justamente por serem distinguidas como pessoas no contexto da sociedade de fronteira. Justamente por ser a pessoa é que os custos das mercadorias políticas serão menores na hora dos *esquemas* de envios de remessas e é o que garante sua segurança no esquema.

Um terceiro aspecto fundamental são as relações de vizinhança que se estabelecem a partir do comércio do varejo de drogas. As *bocas* também têm suas relações com os agentes estatais, embora essas relações estejam em declínio devido ao aumento da fiscalização nas fronteiras, mais especificamente devido a uma quantidade considerável de agentes que participam dessa fiscalização³³ não residirem na cidade. Segundo entrevistas, isso complica muito na hora do envio. Pude apurar que diferentemente do varejo, essas relações não surtem efeito na hora de mandar remessas para fora, ou seja, as *bocas* tendem a precisar de mais alguma pessoa que conhecem os *esquemas*.

³³Aqui faço referência à Polícia Federal, Polícia Rodoviária Federal e Guarda Nacional.

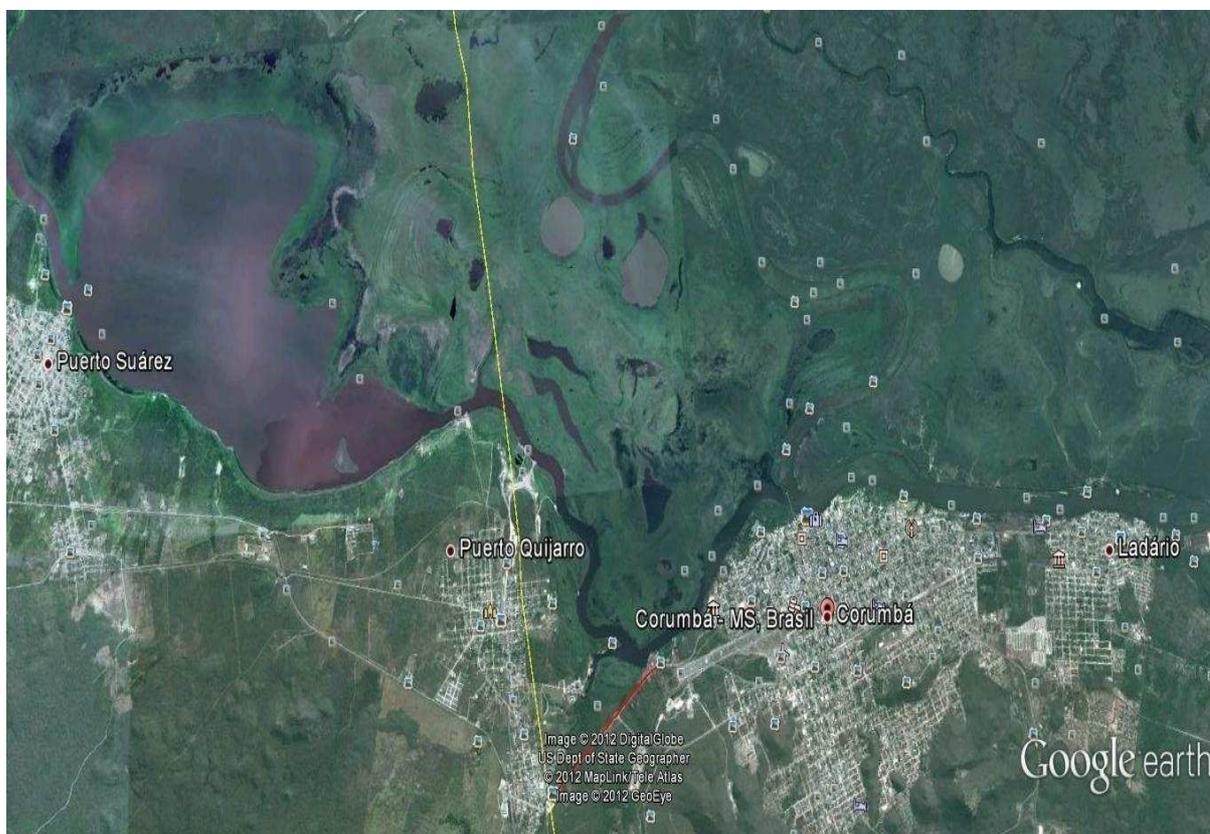
E por último, a entrada do Primeiro Comando da Capital tem tido um papel fundamental nas transformações do crime nessa região, e principalmente no atacado de drogas em ambos os lados da fronteira. Ao que parece, o PCC está criando uma demanda maior de “mercadorias políticas” na fronteira, embora se necessitem de mais estudos dessas relações entre PCC e a polícia local, tanto no varejo quanto no atacado.

É fato que a demanda da “mercadoria política” vem aumentando nos últimos anos, justamente pelo aumento da fiscalização das fronteiras, principalmente após a demonstração de força do PCC nos grandes centros urbanos brasileiros, como também devido à pressão internacional, sobretudo estadunidense, para um maior controle das fronteiras contra esse tipo de crime e da divulgação de reportagens sobre as fronteiras como áreas da “criminalidade”.

40 BAZAR CORUMBAENSE – ANÁLISE SOCIOLÓGICA DAS RELAÇÕES SOCIAIS QUE SE ESTABELECEM A PARTIR DO COMÉRCIO DE DROGAS

Corumbá, cidade de fronteira, faz parte da semi-conurbação com Ladário, ainda no Brasil, e Puerto Quijarro-Puerto Suarez/Bolívia. Sua área territorial equivale em sua maior parte da extensão territorial da maior bacia alagada do mundo, o Pantanal, com mais de 64.962,720 de quilômetros. A menor parte dessa área territorial equivale à parte habitada. Sua população está estimada em 104.902 (IBGE 2013). A principal via de acesso de Corumbá para o resto do Brasil é a BR-262, há também dois aeroportos, sendo o principal o aeroporto “internacional” que está situado no Bairro Aeroporto. Esse aeroporto funciona com apenas um voo diário de passageiros, como também funciona como base de treinamento de paraquedistas do exército, pelo menos duas vezes ao ano. O segundo aeroporto situa-se um pouco mais afastado do perímetro urbano e é conhecido como aeroporto dos fazendeiros da região, dali saem a maior parte dos voos de “teco-teco” para suas fazendas situadas no meio de pantanal.

Figura 4- Semi Cornubação



Fonte: OLIVEIRA, G.F., 2013.

A economia de Corumbá está voltada para o setor da mineração, agropecuária, turismo, e pelo setor comercial, como também para o setor de transporte de cargas. Este último setor merece destaque e vem crescendo desde a década de 1980, a partir dos investimentos do banco mundial na Bolívia (MACHADO, 2005). Os investimentos do banco mundial, na agricultura principalmente na soja e na plantação de algodão mudaram o eixo econômico de La Paz para Santa Cruz de La Sierra, originando um fluxo migratório em direção a Santa Cruz, como também o aumento considerável da *pichicata* Bolívia (STEARMAN, 1987). Nesta mesma década, coincidindo com esses investimentos, os EUA também investem dinheiro na Bolívia, só que no combate ao narcotráfico (OLMO, 1994). Ao que parece, toda essa efervescência dinamizou o comércio de exportação de mercadorias, refletindo diretamente nesta fronteira, dando um novo “gás” ao comércio dessa região, estagnada desde a falência portuária e da recém-industrialização fracassada. Uma colocação importante sobre esse fato, é que Corumbá nesse momento pega carona com o desenvolvimento de Puerto Quijarro-Arroyo Concepcion. Seguindo este raciocínio, ponto que tanto Corumbá como Puerto Quijarro, ao mesmo tempo em que são cidades pequenas de feições locais, tem um caráter internacional não apenas por se situarem na fronteira dos estados nações, mas por estarem na passagem do fluxo de mercadorias do capitalismo mundial.

Pensemos nos grandes centros urbanos onde circulam os produtos de preços populares, não tão longe, em qualquer cidade se vê uma barraca de algum ambulante vendendo um produto de procedência “duvidosa”, vinda de algum ponto do globo por vias legais ou por contrabando até chegar a sua barraca e por fim ao consumidor. Esse consumidor é o que menos sabe da procedência da mercadoria e o emaranhado de pessoas e de circunstâncias operadas desde seu local de fabricação, passando por diversos circuitos sempre variando entre o legal e o ilegal. São esses circuitos transnacionais é que alimentam a expansão da economia popular hoje em qualquer cidade brasileira (TELLES, 2009).

“A cidade como um bazar” (RUGGIERO E SOUTH, 1997) nome dado por esses autores ao analisar as cidades ocidentais dos países desenvolvidos, como um mercado com feições orientais onde as fronteiras entre o legal e o ilegal se entrelaçam através do trabalho precário segundo Ruggiero e South (1997, p.54):

Ao descrever o uso de drogas e os crimes relacionados às drogas nas cidades contemporâneas, [...] a noção da cidade como um “mercado” (market-place) e mais precisamente como um “Bazar” por sua multiplicidade, barganha, comércio e manobras incessantes. Neste “Bazar”, a legalidade e ilegalidade se misturam e as fronteiras morais são constantemente negociadas.

Esta expansão da economia informal/ilegal na economia urbana é que vão ocasionar as relações de poder nos chamados ilegalismos urbanos (TELLES, 2009). Essas relações de poder são transacionadas a partir das mercadorias políticas de acordo com Misse:

O que distinguiria um mercado “formal” de um mercado “informal” seria, em suma, a sua maior ou menor participação num conjunto de regulações estatais. No entanto, a lógica economia do mercado produz relações complexas (e muitas vezes contraditórias) com essas regulações legais.[...] a designação de um certo tipo de mercadoria depende do seu significado contextual para a ordem pública, para a reação moral da sociedade e por suas possíveis (ou imaginárias) afinidades com outras mercadorias e práticas criminalizadas(MISSE, 2002, p.15) .

O “enfraquecimento das dimensõesmorais” (MISSE, 2002, p.5)são importantes para a compreensão da expansão dos ilegalismos urbanos, como também para a expansão das mercadorias políticas ocasionadas pelos próprios ilegalismos. Dessa maneira, observamos o aceite da população corumbaense com os bingos, a venda de CDs e DVDs piratas, de celulares piratas e umas dezenas de quinquilharias vindas em sua maioria da Bolívia, vendidas na calçada da Rua Frei Mariano com a RuaDelamare, no centro comercial de Corumbá, sem contar no pequeno camelódromo instalado há vários anos no terminal de ônibus antigo da cidade, onde seus ambulantes têm o aval da prefeituras para venderem seus produtos(piratas) devido ao pagamento de imposto. Neste local circulam, ainda, dezenas de pessoas vendendo e comprando vales transportes, sem contar os outros inúmeros pontos de vendas, espalhados pela cidade, de produtos contrabandeados, movimentando um mercado de compra e venda significativo.

Corumbá como os outros centros urbanos brasileiros ou como a maior parte das cidades brasileiras (ou todas) não ficou alheiaa essas transformações do trabalho descritas acima. A taxa de 43% de pessoas na faixa da pobreza (IBGE, 2013) está estampada no grande número de trabalhadores informais na cidade, multiplicando-se os negócios feitos a partir do espaço da casa, calçada e rua ou fazendo *corres* para uma *boca*, como também contrabandeando bebidas, estimulantes sexuais, perfumes,roupas, entre outros produtos ou atuando como *mulas*(para algum atacadista ou *boqueiro*) em direção à Campo Grande. Penso em uma hipótese para esta explosão do mercado informal em Corumbá, pode ser consequência de inúmeros ciclos econômicos (portuário, semi-industrial) que não “deram certo”, voltando a cidade para o setor de mineração que não açambarcou um número significativo da população, como também a indústria do turismo de pesca que muito se lucra, mas não se vê o dinheiro circulando na cidade, sem contar os séculos de mandonismo dos fazendeiros de gado e de “gente”. Gerou-se o subdesenvolvimento da cidade, forçando um

número significativo de pessoas migrarem (IBGE, 2012) de Corumbá nesses últimos anos para outras regiões do estado de Mato Grosso do Sul. As cidades mais visadas para a emigração são Campo Grande (capital do estado), Três Lagoas e Dourados, polos de desenvolvimento do estado nos últimos anos. Neste sentido, trabalharemos com a ideia de um “bazar corumbaense” com todos esses elementos citados e com mais um elemento, que é fato de a cidade de Corumbá estar situada em uma região de fronteira proporcionando arranjos próprios nessas relações do legal/ilegal, licito/ilícito.

4.1 MUTAÇÕES DA CASA DE FAMÍLIA NO ESPAÇO URBANO DA CIDADE DE CORUMBÁ-MS

“A verdade, entretanto, é que a cidade está enraizada nos hábitos e costumes das pessoas que a habitam. A consequência é que a cidade uma organização moral bem como uma organização física, e estas duas integram mutuamente de modos característicos para se moldarem e modificarem uma a outra.” (PARK, 1979, p.32).

Nos últimos anos, na cidade de Corumbá, foi possível perceber um processo de mudanças no espaço da casa e de vizinhança, devido às grandes mutações do trabalho na região, principalmente a partir da falta de oportunidades e de geração dos chamados empregos “formais”. O espaço da casa adquire, a cada dia, as características de um “camaleão” frente às dificuldades cotidianas geradas pela falta de trabalho e de emprego bem remunerado nessa região. Dessa maneira, os moradores da cidade se veem obrigados a lançar mão do que podem para aumentar sua renda familiar, transformando suas próprias casas em um pequeno negócio. Utilizam-se, dessa forma, das possibilidades que a condição de morar fronteira oferece, ou seja, o chamado “diferencial fronteiriço”.

Tanto em Corumbá como em Ladário, é possível comprar os mais diversos produtos, dependendo do comércio que a pessoa se propõe a fazer na sua casa: desde roupas, celulares, bebidas alcoólicas, refrigerantes, materiais importados para serem usados em salão de beleza (secadores de cabelo, chapinhas), produtos de beleza (cremes, xampus), ou mantimentos como arroz, trigo, açúcar, óleo, e até mesmo carne de gado que sai muito barata em um açougue na Bolívia, do que em um açougue no Brasil. Um bom exemplo de utilização das vantagens econômicas de viver na fronteira são as feiras de rua, ou feirinhas “bolivianas” que acontecem em todos os dias da semana e em vários pontos de Corumbá e Ladário. Essas feiras abastecem, com seus produtos, grande parte das moradias dessas respectivas cidades. Além do próprio comércio dos ambulantes nas calçadas do centro de Corumbá, onde são

comercializados celulares, CDs e DVDs piratas (CAMPOS, 2011; COSTA 2010). Ou seja, qualquer pessoa que resida na fronteira poderá (in) diretamente fazer uso desse diferencial em seu cotidiano, dependendo de sua “perspicácia” em querer montar ou não um negócio. A fronteira representa, portanto, um recurso econômico e social.

Figura 5- Quitanda da Tia.



Fonte: OLIVEIRA, G.F., 2012.

A partir da metamorfose da casa, ora ambiente familiar, ora extensão de um negócio, percebe-se toda uma dinâmica de sobrevivência cotidiana familiar que condiciona a criação de grandes redes de sociabilidades (negócios, amizades, lazer) nos bairros onde “tudo mundo” conhece “todo mundo”. Esta proximidade face a face é uma característica fundamental para os negócios pontuais feitos na vizinhança, sobretudo em relação ao crédito e confiança. Se uma pessoa deve a uma ou mais pessoas que fazem parte dessas redes, certamente seu crédito logo será negado em outros locais, até que a dívida seja sanada; ou se a pessoa for um “bom” pagador, certamente não terá dificuldades, se precisar eventualmente comprar “fiado” nessas redes de relações.

Dessa forma, observamos que ainda permanecem as formas de relações primárias nessas redes de sociabilidades do bairro (PARK, 1979) que são aprimoradas nas horas de

lazer, em um passeio na praça, nos campeonatos de futebol organizados pelos próprios moradores da região, realizado no campinho ou quadra de futebol na praça do bairro, de acordo com Lauwe: “A evolução dos grupos locais sublinha a necessidade de encontrar novas realizações correspondentes às necessidades que se transformam constantemente.” (LAUWE, 1979, p. 126) Assim, o bairro vai se socializando e agregando novos valores e formas estruturais, surgindo diversas histórias que ficam no “folclore” do bairro, que são contadas e recontadas pelos mais antigos, histórias essas tristes ou felizes que se moldam com o passar do tempo, onde surgem novas histórias seguindo as mudanças da vizinhança no decorrer dos anos. Dessa maneira, cria-se um equilíbrio nas relações do bairro, devido à própria dificuldade da vida na cidade, que aproximam os indivíduos do bairro como também os distanciam.

“A través dos tempos, todo setor e quarteirão da cidade assume algo do caráter e das qualidades de seus habitantes. Cada parte da cidade tomada em separado inevitavelmente se cobre com os sentimentos peculiares à sua população. Como efeito disso, o que a princípio era simples expressão geográfica converte-se em vizinhança, isto é, uma localidade com sentimentos, tradições e uma história sua.” (PARK, 1979, p.34).

É de suma importância ressaltar que, neste espaço difuso entre a casa e a rua, nessa dinâmica da casa como uma extensão de um provável negócio, é que se baseia o trabalho do pequeno traficante de drogas dessa região de fronteira. Ou seja, a casa se torna um ambiente metamorfoseado em várias situações diárias, ora um ambiente familiar, ora uma extensão de um negócio (salão de beleza, bar) que pode funcionar como fachada para a venda de drogas na região e que escamoteia as rendas auferidas na venda da mercadoria ilícita, servindo como uma “camuflagem” para uma eventual batida policial.

Dessa forma, o pequeno comerciante de drogas ilícitas se aproveita dessa rede de sociabilidade, construída a partir de um negócio lícito qualquer montado em sua casa, para vender a mercadoria ilícita. Essas redes de sociabilidades que circundam seu negócio lícito, são de suma importância para o pequeno comerciante de drogas (*boqueiro*), devido ao grande número de amizades que são feitas por todo o bairro, criando uma condição propícia para a venda da droga que garantirá sua “invisibilidade” já que devido às amizades feitas, dificilmente o *boqueiro* será denunciado pelos seus vizinhos: “Proximidade e contato entre vizinhos são as bases para a mais simples e elementar forma de associação com que lidamos na organização citadina”(PARK, 1979, p. 34). O fato é que a formação histórica e a proximidade da vizinhança influenciam na manutenção por muitos anos de uma *boca* em um bairro qualquer de Corumbá. Anteriormente chamei a atenção em relação às *bocas famosas*,

que são um exemplo de sociabilidade de um ponto de venda de drogas ilícitas dentro de um bairro, alguns desses indivíduos donos dessas *bocas* atualmente encontram-se presos. Pensando nisso eu indago aqui a seguinte questão; Como pode uma *boca* ficar na ativa por mais de uma década, e seu dono e *boca* ficarem “famosos” nessa região de fronteira? Por que, em geral esse(s) dono(s) só são presos depois de uma operação da polícia, onde os agentes de repressão são “importados” de outras cidades para “estourar” a boca de fumo? Voltaremos nesse questionamento mais à frente, por hora me deterei nas informações que circulam nas redes de sociabilidade de vizinhança.

É preciso destacar que informações das mais diversas circulam nessas redes, desde uma conversa de boteco até o salão de beleza, que colocam em evidência todos os benefícios (alguma ação social realizada pelos governantes na localidade) e os malefícios (o próprio descaso dos governantes em relação aos serviços públicos básicos fornecidos na localidade, principalmente com relação à segurança). Manter a paz no local é, portanto, uma das preocupações dos *boqueiros*, pois caso furtos ou violência comece a aumentar no bairro, começarão a surgir os comentários em relação à *boca*, ao aumento de furtos, à sensação de insegurança causada pelos *pipeiros* (usuários de pasta base) que são os primeiros a serem culpados pelos eventuais furtos e roubos no bairro.

Por isso é importante ressaltar que esses comerciantes são exímios “mutantes” ou “camaleões” face aos perigos que eles têm que contornar nas dobras do legal e do ilegal, ora um pacato pai ou mãe de família, ora um (a) dono (a) de bar ou salão de beleza qualquer ou outro um negócio lícito, outra hora um traficante (visão do estado). De acordo com Telles “O fato é que as relações incertas entre o lícito, o ilegal e o ilícito constituem um fenômeno transversal na experiência contemporânea.” (TELLES, 2009, p.156).

Entender as modalidades de trabalho “ilegal” implica, portanto, em um afastamento de pré-julgamentos que inserem este fenômeno apenas nas esferas judicial e criminal. Esses, os atores sociais envolvidos na economia “ilegal” não veem a si mesmos como criminosos, mas como trabalhadores, “que fazem seu ganho”, como empreendedores, inseridos na economia urbana da cidade de Corumbá, inclusive a partir de reinvestimentos feitos a partir da capitalização “ilícita” (PERALDI, 2010; TELLES, 2009). A atuação subterrânea desses indivíduos, mesmo que de conhecimento tácito por parte de conhecidos, parentes, ou da população em geral, também não impede o crédito “na praça”, sua aceitação em lojas, em eventos sociais e estabelecimentos comerciais, muito pelo contrário. Ou seja, não é apenas o capital propriamente dito que se constrói a partir de trabalhos “ilegais”, mas também o

prestígio social e a garantia de circulação social em Corumbá e nas cidades vizinhas (OLIVEIRA E COSTA, 2012).

É na vida das ruas da cidade de Corumbá que podemos enxergar as relações sociais envolvidas nessas modalidades de trabalho e a capilaridade deste fenômeno na vida da cidade. Para termos a medida real do lugar que ocupam essas economias “criminais” na economia urbana desta fronteira, além das formas complexas de sua imbricação na economia dita “formal” e “legal”, devemos estar atentos às formas difusas e mutantes em que essas modalidades de trabalho se apresentam no cotidiano, com grande extensão e multiplicação de atores sociais implicados que usam o “diferencial fronteiro” como um recurso.

“[...] é justamente nas fronteiras porosas entre o legal e o ilegal que transitam, de forma descontínua e intermitente, as figuras modernas do trabalhador urbano, lançando mão das oportunidades legais e ilegais que coexistem e se expõem nos mercados de trabalho” (TELLES E HIRATA, 2007, p.174).

Dessa forma, as pesquisas apontam até o momento, que se trata de um comércio de drogas específico nas *bocas* da cidade de Corumbá, com características distintas dos grandes centros do Brasil, cuja dinâmica obedece a critérios de vizinhança e parentesco, preferindo a invisibilidade de seus pontos de venda. Além disso, percebe-se que prevalece a negociação, envolvida nessas relações face a face, em vez do uso da violência, sobretudo no que diz respeito aos possíveis assassinatos por dívida ou disputas armadas por pontos de venda de drogas, que de fato são raros em Corumbá.

4.2 BOCAS FAMILIARES

Devido à escassez de bibliografias em relação à estruturação do tráfico de drogas na fronteira em um viés sociológico e antropológico, nota-se importantes estudos feitos por geógrafos³⁴, realizados na Amazônia e em alguns trabalhos feitos na área das relações internacionais. É fato a grande importância desses estudos para a compreensão deste comércio transnacional, mas também é fato que esses estudos deixam muitas lacunas de conhecimentos na estruturação dessas redes, principalmente no que diz respeito aos atores sociais envolvidos nessas atividades e de que forma essas redes operam nas localidades. Ou seja, pouco se conhece a respeito dos atores sociais que atuam no “meio do nó” (fronteira) desse comércio transnacional tão lucrativo e perigoso.

³⁴ Aqui ressalto a grande importância de estudos relacionados ao tema feito por Lia Osório Machado.

Vale lembrar que grande parte dos estudos realizados nas fronteiras nacionais relacionados às redes ilegais, está voltada para o entendimento das redes de contrabando descaminho (BENTANCOR ROSÉS, 2008; DORFMAN, 2007; GRIMSON, 2000). É certo que muitas vezes essas redes do contrabando e do tráfico de drogas se entrelaçam, mas pouco se fala da dinâmica própria desse comércio nas regiões de fronteira.

Os Estudos de Renoldi (2007) realizados na cidade de Posadas na fronteira da Argentina com o Paraguai, por exemplo, são concebidos a partir dos agentes repressivos, magistrados e dos casos julgados por esses. É fato a grande relevância desse estudo, porque pouco se sabe como atuam as práticas de agentes do estado nas fronteiras dos estados nações, e como essas práticas são percebidas pelas populações da própria região em questão.

Há de se destacar o estudo insipiente de (REIS; SILVEIRA & MACIEL, 2006) que aponta o problema do narcotráfico na fronteira de Coronel Sapucaia/Brasil – Capitan Bando/Paraguai. Estes autores apontam a situação precária nessa fronteira e apontam como a prática regular naquela região, o trabalho na plantação de maconha onde muitas vezes o próprio pagamento é feito em drogas. Devido a esse fato muitos se arriscam tentando levar a droga para outras regiões e assim a grande maioria são presos pela polícia. Outro ponto importante são as relações da elite local vinculadas ao tráfico, gerando possíveis disputas por territórios naquela região.

Apesar da grande relevância desses estudos, faltam informações do lado oposto da moeda (traficante), sua forma de atuação nas redes e sua própria sociabilidade nesses espaços fronteiriços, que são primordiais para se entender a estruturação. Neste sentido, considero Corumbá como uma base sólida, altamente estruturada desse comércio transnacional que é a base dessa dissertação, que apesar de se tratar de um comércio no atacado e varejo local, suas redes se entrelaçam com o tráfico internacional.

Importantes o estudo de Misse (1998) onde analisa a formação e a organização da boca-de-fumo tradicional, organizada através de parentescos e “aliança” com a vizinhança local na década de 1950 e 1960. Neste momento os donos dos morros ainda eram “adorados” pela população local, ganhando até estereótipos de “Robin Hood” o “bandido social”, ainda era muito comum na visão das pessoas naquele período. Só a partir do incremento do consumo (causado pela entrada maior de consumidores de classe média – jovens em sua maioria), oferta de maconha e o aumento da distribuição de cocaína já no início da década de 1970, é que se dão as primeiras transformações na configuração deste comércio ilegal no Rio de Janeiro. Neste momento inicia-se a organização em territórios: “Tudo isso ocorre muito

antes que os presidiários da Ilha Grande, ex-assaltantes de bancos, comecem a organizar o que veio a se chamar de Comando Vermelho” (MISSE, 1998, p. 347).

A *boca familiar* é a estrutura mais importante que identifiquei até este momento na venda, tanto no atacado (banca) quanto no varejo, e o caráter familiar do negócio dentro do cotidiano da cidade torna-se de grande relevância devido às relações sociais que se estabelecem. Mas como se dão as relações internas da casa? Como são as relações dos familiares?

Na cidade de Corumbá, ao longo dos anos, os loteamentos urbanos se concentraram nas mãos das imobiliárias, inflacionando os preços de casas e de terrenos no perímetro urbano da cidade, dessa maneira é comum existir mais de uma família vivendo em um mesmo terreno, mas em casas distintas. Em muitas dos pontos que visitei, existiam duas ou mais famílias nucleares vivendo em um mesmo terreno, mas em casas distintas. Muitas dessas casas são heranças deixadas pelos pais que ainda em vida cederam uma parte do terreno para que seus filhos construíssem.

Quando um familiar começa a vender a mercadoria ilícita, o jogo das relações familiares torna-se mais complexo. Descreverei dois casos apontados em meu diário de campo desse jogo de relações.

Após algum tempo frequentando a casa, na qual a fachada da *boca* era uma bicicletaria, observei que nesse local só morava uma família com seis pessoas, onde os filhos eram os que cuidavam da bicicletaria e das vendas de pasta base. Isto era perfeitamente normal para a família, consenso de todos, pois o pai trabalhava de moto-táxi autorizado e fazia disque entrega para eles próprios e para uma *banca* que se situava não tão distante de sua própria *boca*. A mãe trabalhava como empregada doméstica, mas estava desempregada e fazendo bico como diarista. Os moleques passavam o dia inteiro em frente de sua casa alternando os horários distintos da escola, um estudava pela manhã e o outro à tarde. Arrumando bicicleta, se divertindo, tomandotereré com os colegas e cuidando a polícia, já sabiam que seu pai estava sendo investigado como também a *boca* ou sua própria casa. (Diário de campo em 10 mai. 2012).

A primeira vez que entrei nessa *boca*, não sabia quantas pessoas viviam ali, pois eram muitas crianças e adultos, quando adentrei ao fundo do terreno, percebi que existiam mais três casas, em que viviam quatro famílias diferentes no mesmo local, compartilhando diretamente do cotidiano uma das outras. A partir daí vinha-me à cabeça se todos que estavam ali tinham algum tipo de participação na *boca*. Nesse local viviam três irmãos com suas famílias, mais a mãe dona do terreno. Após algum tempo e conversas informais observei um consenso entre os

irmãos que residiam nesse local, só um irmão vendia a droga (cocaína), e quando ele começou a fazer isso ainda na época das gangues³⁵, fazia para ganhar dinheiro para ir à boate e bancar os amigos de gangue. A mãe e os outros irmãos nunca quiseram que eles vendessem, como João não queria trabalhar e nem estudar (naquela época) continuou vendendo - porque o dinheiro era fácil dizia ele. Logo vieram os filhos e ergueu com o dinheiro das drogas uma casa nos fundos [“puxadinho,” como ele diz] e começou a vender em casa. Nesse momento é que houve o grande desentendimento, porque colocava à mercê de batidas policiais não apenas ele, mas o resto das famílias, dos irmãos que já residiam no local, como também a sua própria mãe. Após algum tempo e muitas brigas, os irmãos foram cedendo digamos “pelo cansaço” e também por que João ajudava a mãe principalmente com as despesas médicas após a descoberta de um problema de saúde grave da mãe. (Diário de campo em 10 fev. 2012).

Muitas foram as histórias contadas de brigas com familiares e mudança dessas pessoas do local em função da venda. Nem todos estão de acordo, porque isso afetará a todos, os mais jovens são os primeiros a serem afetados, como também os primeiros a serem usados como forma de repudiar a venda.

Apesar das divergências relativas à venda (na *boca*) todos que residem no local acabam se beneficiando de alguma forma da atividade criminosa. Esta reciprocidade e união familiar, apesar das divergências do caminho a ser escolhido por cada integrante da família, foram pontuadas por Feltran (2009) quando diz: “Até porque, esferas mais amplas da organização social, sobretudo nos espaços públicos, a categorização que opõe “trabalhadores” e “bandidos” opera de modo muito distinto do que acontece[...] nos espaços privados” (FELTRAN, 2009, p.22). Falta de emprego, doenças na família justificaram nesse ponto o apaziguamento dos conflitos familiares, como também a “aceitação” de “todos” em função do dinheiro ganho para as despesas de casa. Não quero minimizar a análise reduzindo-a à falta de emprego e por fim à necessidade de sobrevivência, pois em outros pontos que visitei, todos da família trabalhavam no setor formal de trabalho e mantinham uma *boca* em funcionamento. Dessa forma, as categorias de trabalhador e bandido ou trabalhador-bandido tomam forma e são pulverizadas nas relações cotidianas da cidade, monta-se uma *bocae* desfaz-se da *boca* com muita rapidez, isso é reforçado pelo depoimento abaixo relativo aos vários “tipos” de *boca* que existem na cidade:

³⁵ Ainda não posso dizer com certeza o momento em que houve os surgimentos das primeiras gangues de jovens em Corumbá, através de entrevistas e pesquisa ainda incipientes aparentemente este fenômeno deu início a partir da segunda metade da década de 1980, com seu processo de extinção a partir dos anos 2000. Merece mais investigações sobre esse tema.

Cara, existem vários tipos de *boqueiros*, tem aquele que só vende de caixa e esse vai fornecer para aquele que vende de *paradinha*. O *boqueiro* de bar, de casa e por ai vai, o que ele precisa? Ele precisa de alguém que forneça para ele, ele não tem como guardar de grande quantidade, então ele tem que comprar de picado e é nisso que ele vai comprar dessas pessoas que vendem de pouco, de uma caixa, de 100 a 150 gramas pelo baixo valor na hora da compra.

Tem aquele *boqueiro* que além de ser *boqueiro* ele atua de outra forma, então o que ele faz, na sua casa é uma boca, mas além disso, ele atua guardando a droga de outras pessoas, então ele ganha mais um pouco, só para se guardar, então para mim guardar eu já tô ganhando e para ganhar mais um pouquinho eu vendo, entendeu! Então tem aquele cara que é *boqueiro*, mas ele guarda .

E tem aquele cara que não quer que as pessoas saibam que ele guarda então ele prefere fingir que ele é *boqueiro*, é como criar uma falsa imagem, então ele se passa como um *boqueiro*, mas quando chega 10 horas da noite ele não está mais vendendo, entende? O que é normal de todo mundo é virar a madrugada vendendo, então o que acontece, ele começa 6 da tarde e 9 horas da noite ele para! Porque, ele só queria chamar aquele tipo de atenção, - olha quem tá vendendo é aquele dali! Quando na verdade ele está guardando uma quantidade muito maior, e é essa quantidade que ele tá ganhando o dinheiro dele! Como que ele tá ganhando dinheiro?- tá vendendo *paradinha*!

Ainda existem ainda aqueles que querem saber de quem ele compra, por mais que o comando interfira, mas ainda há a *traíragem* infelizmente, ainda tem muitos irmãozinhos aí que ainda trabalham desonestamente, vamos dizer assim, acaba passando a perna nos outros irmãos infelizmente.

Outro ponto importante sobre a organização das *bocas* está logo no final da entrevista acima quando diz “por mais que o comando interfira” abre dois outros precedentes: a *traíragem* e as relações de lealdade entre as bocas independentes (que é o foco principal dessa dissertação) com o comando, processo iniciado a partir de 2006.

A entrada do crime organizado em Corumbá é recente e as relações de lealdade se fazem em um primeiro momento a partir do presídio, lugar onde aconteceram os primeiros batismos. Após os primeiros batismos a nova ética do crime vinda “de fora” da cidade e de dentro dos presídios é disseminada. Essa nova ética complexifica o comércio de drogas na região, subdividindo o varejo e o atacado de drogas ilícitas como também a própria criminalidade local. Hoje, se encontram no varejo local as *bocas* independentes, *bocas* que correm junto com o comando (que são comandadas pelos chamados *irmãos leais*) e as *bocas* do comando. Os *boqueiros* independentes conhecem ou tem parentes como *primos leais* ou até mesmo *irmãos* do comando, assim são feitas essas relações de lealdade, passando pelas relações de parentesco e vizinhança como também através das relações de poder instituída pela ética do comando. A nova ética do crime local é que veio para acabar com a *traíragem*. É importante pontuar que apesar de haver o respeito à nova ética, o comando não interfere nos negócios dos independentes e nem dos *irmãos leais*, muito pelo contrário. O comando, segundo

entrevista, atua como facilitador da entrada da droga nas *bocas*, como também compra o excedente de uma *boca* que não conseguiu vender toda a mercadoria, assim como também fornece a droga por consignação. Não é uma regra, mas os *boqueiros* que conheci preferem não contrair dívidas com o comando devido não só ao medo da dívida, mas principalmente pelo medo de perder sua independência frente aos seus negócios, até o pagamento da dívida.

Ainda me detendo nas *bocas* e mais propriamente as do comando, um ponto importante a ser destacado está justamente sobre o que seria exatamente uma *bocado* comando. Só porque o dono de uma boca é irmão do comando não significa que a *boca* seja do comando, “o que é da família é da família” quer dizer, os negócios do comando não podem se misturar com os negócios do irmão fora da família, o irmão pode ter sua *boca* sem vínculo com a *família*, mas eles executam as missões que derem em sua mão e todas as obrigações que o irmão tem com a *família*. As *bocas* do comando têm toda uma administração que fazem girar o dinheiro, além da droga vendida, como também o dinheiro das “missões” executadas pelos integrantes da *família*.

Essa distinção entre *corres* diferentes gera uma confusão para as pessoas que fazem *corres* eventuais e que buscam um certo tipo de status no mundo do crime, pois essas pessoas sabendo que fulano é do comando e que ele faz *correria* para essa pessoas, logo já diz para os outros que faz *corres* para o comando, o que não é verdade. O fato de um integrante do comando pedir para alguém fazer *correria* para ele não significa que estará fazendo *corres* para a família.

Outro ponto averiguado neste trabalho, logicamente foi observar as localizações e número de vendas, ou seja, se a localização influenciaria no número de vendas ou se apenas a qualidade do produto e confiança *noboqueiro*, devido ao movimento diário de vendas. Logicamente isso foi uma tentativa hipotética, porque seria impossível entrar em todas as bocas da cidade e observar as movimentações diárias, dessa forma analisaremos esta questão através da entrevista logo abaixo, que serviu para reforçar essa ideia insipiente, debatida a seguir:

A movimentação depende da *boca*, tem *boca* que é semana inteira, em outras *bocasa* partir de quinta começa, varia de boca para boca, a localização interfere muito, tem *boca* que é perto da polícia, daí é embaçado chegar lá, tem outras que já é muito visado, quando você entra na rua todo mundo já sabe o que você vai fazer lá, essas *bocas* são de muito tempo vendendo, a polícia já estourou, já voltou novamente, estourou de novo e voltou a funcionar novamente.

Pesquisador: E na boca como que os caras gostam de vender?

Argentino: Os caras gostam de vender mais em paradinhas porque o lucro é maior. Quando os caras compram 200gramas, cada caixinha são 10 gramas,

vai dar 20 caixinhas aí os caras misturam e fazem mais uma ou 2 caixinhas e cada caixinha dessas os caras vendem a 60 ou 70 conto. Se forem vender em paradinha, ganham mais que o dobro, tem paradinha de 5 de 10conto. Aí tem cara que pega 1/4 da caixa que sai 15 reais, mas quando muita gente vai usar daí o cara pede caixa. A base é a mesma coisa a caixa custa 60 conto só que a paradinha custa 1 real e o cara que usa base não tem como comprar uma caixa de base!

Pensando na entrevista acima, sem entrar no ônus monetário que a venda proporciona, o que me intrigou nessa fala foi justamente o início do movimento com o aumento do movimento nas bocas a partir da quinta-feira. Justamente a partir desse dia da semana na cidade de Corumbá começa um maior movimento noturno, devido aos eventos nos bares do centro da cidade e em casas de shows. Nessa movimentação que ocorre na boca ao que parece são feitas as novas amizades *doaqueiro* com um novo cliente “usuário” já que esse novo cliente será apresentado no ato da compra para o *boqueiro*. Mesmo que seja um encontro rápido, o momento do encontro é o momento da quebra do distanciamento do “novo” usuário em relação *aoqueiro*, deixando a porta aberta para seu retorno, ela entra nas redes do *boqueiro*, as pessoas que estão fora dessa rede têm mais dificuldade e geralmente não conseguem entrar e chegar à boca, geralmente compra dos chamados *frentistas*.

Agora com relação à localização, faz sim diferença na venda, mas essa diferença é atenuada pelos *corres* de motos³⁶ que são realizados a noite inteira. É lógico que uma boca perto da polícia será um ponto que terá menos movimentação noturna, justamente pelo flagrante que isso ocasiona. Outras regiões devido ao tempo da boca no que chamei de *bocas famosas* pelo tempo do negócio no local, acaba estigmatizando a vizinhança, como também eventuais pessoas que possam estar passando pelo local poderão ser automaticamente chamadas de “viciado” pela simples passagem pelo local, já que ele não pertence e não é conhecido na vizinhança.

A movimentação de venda dentro de uma boca movimentada ao que pude apurar não em contagem de paradinhas vendidas, mas sim por preço de papelote vendido, geralmente saem de 1/4, o que significa que, para uma *paradinha* de 1/4 ,3 pessoas vão usar, isto aponta também para o grande problema social que a cocaína e a pasta base estão gerando, a partir do numero crescente de usuário devido ao seu baixo custo e sua facilidade em obtenção. Não quero generalizar, pois não visitei todos os pontos de venda de Corumbá, mas é um fato a se pensar.

4.3AS RELAÇÕES DE VIZINHANÇA, PARENTESCO,PROXIMIDADE

³⁶Será analisado esses *corres* mais a frente em um subitem específico.

“O passado se impõe ao presente, e a vida de qualquer localidade se movimenta em um certo momento próprio, mais ou menos independente do círculo da vida e interesses mais amplos ao seu redor.” (PARK, 1979, p.34).

Aqui retomarei a pergunta feita a algumas páginas atrás, relacionada às *bocas famosas*, para melhor elucidar a problemática da *boca familiar*. Como pode uma *boca* ficar na ativa por mais de uma década, a ponto de o *boqueiro* e *boca* ficarem “famosos” nessa região de fronteira? Esses (as) donos (as) só foram presos (as) depois de uma operação da polícia, onde os agentes de segurança foram “importados” de outras cidades do Mato Grosso do Sul para “estourar” a *boca de fumo*? Como isso pode acontecer em uma região onde, segundo as autoridades de segurança estatais, funciona como umas das principais portas de entrada para o Brasil de cocaína e pasta base da Bolívia?

Como foi pontuado anteriormente, o primeiro contato em meus estudos foi com a dita *boca familiar*, essa modalidade de ponto de venda, movimenta toda uma rede de trabalhadores (in) diretos, negócios formais, informais e ilícitos que gravitam em seu entorno usufruindo (in) diretamente dos negócios feitos no local. O mais importante neste processo gerado por essas relações de vizinhanças, são as relações de parentesco e proximidade que são formadas no cotidiano e no processo histórico de cada vizinhança.

Atentando para a formação histórica da vizinhança, começa-se a perceber um dos principais pontos de estruturação do comércio de drogas ilícitas tanto na cidade de Corumbá quanto na cidade de Ladário³⁷. Se pararmos e refletirmos sobre as muitas histórias de vida de crianças, jovens e adultos que seguem seus caminhos diferentes na vida, mas que continuam mantendo os laços de amizade de quando eram crianças, não há nada de anormal nisso, até é corriqueiro na vida do ser humano. Mas essas relações tomam outra roupagem quando se tornam uma das bases para a imbricação entre o tráfico de drogas e o aparato repressivo estatal desta região de fronteira.

O tamanho da cidade de Corumbá tem um papel fundamental nessas relações, por ser uma cidade relativamente pequena, o que faz com que o número de amizades feitas e de “conhecidos” na cidade e o próprio encontro com essas pessoas seja rotineiro. Além disso, todos se conhecem pelos nomes ou pelos cargos que ocupam na cidade, em que há pouca

³⁷Ao que parece o comércio de drogas ilícitas em Ladário assemelha-se com Corumbá. Pude conhecer em minhas pesquisas de campo em Corumbá algumas pessoas que tem pontos de venda em Ladário ou que faziam correria para alguma *boca* dessa referida cidade, onde me relataram em conversas informais que a dinâmica é a mesma, ou seja, estruturada em bocas familiares e que também o PCC está nas ruas daquela cidade, mas em menor expressão se compararmos com a cidade de Corumbá segundo as entrevistas, é claro que necessita-se de pesquisas de campo mais aprofundadas nessa cidade.

margem para o anonimato. Devido a isso o fluxo de pessoas de um bairro para o outro é constante, criando laços com pessoas das mais diferentes em várias partes da cidade. Segundo Oliveira Neto (2010) a rua exerce um papel fundamental na cotidianidade do indivíduo, por apresentar as mais diferentes possibilidades (espiritual e material) produzidas pela humanidade, observando também o caráter mecânico do cotidiano para o indivíduo. Seguindo o raciocínio do mesmo autor devido à rotina de Corumbá, o seu cotidiano se torna um caso de extrema relevância na estruturação das redes ilegais do tráfico de drogas.

Atentando para os questionamentos anteriores, é no cotidiano histórico da vizinhança é que são formadas as relações de amizade entre as pessoas, isso explica em partes o porquê da ocorrência das *bocas famosas*, devido ao caráter de empresa familiar que a boca assume no cotidiano histórico de uma vizinhança em vários pontos da cidade, (o que se reflete até em uma estigmatização histórica quanto a alguns bairros de Corumbá). Atentando ao fato de que apenas Corumbá, uma cidade estratégica aos olhos estatais, ter mais de 200 bocas, podemos pensar em como ocorrem os mecanismos de combate e repressão a este tipo de atividade na cidade. Qual será o reflexo nas denúncias da própria população feitas à polícia, já que seus agentes também estão inseridos nessas relações históricas de vizinhança, parentesco e proximidade? Destaco que este é um fator preponderante na ação da própria polícia na hora do combate ao tráfico, em que as relações interpessoais podem estar acima do próprio serviço de repressão. Devido a esse fato as principais batidas policiais em relação ao estouro de *bocas* de fumo, observadas nessa região, estão relacionadas às grandes operações conjuntas do aparato repressivo, onde são “transplantados” agentes de segurança de outras localidades para fechar esses pontos de venda (especialmente através da Polícia Federal ou da Força Nacional).

Um precedente importante seria o estudo dos policiais que conhecem a realidade local fazendo com que a repressão seja mais branda. Uma frase importante que nos faz pensar a relação do agente com sua localidade (bairro) foi dita por interlocutor, “*Cara, cada policial tem sua quebrada*”, demonstrando assim que o policial está inserido nas relações cotidianas do bairro como também mediando as relações de poder local devido ao seu cargo de policial. Gostaria de pontuar que a palavra *arrego* dificilmente foi mencionada pelos interlocutores, a maior parte das respostas que foram dadas em torno da polícia (agente) foi voltada para o “conhecer”, “eu conheço”, “nós conhecemos” ou eu não conheço mas “meu chefe conhece”. Corumbá não é uma cidade grande como já foi dito anteriormente e isso é um fator que se torna um ponto importante em relação ao “conhecer”. O *boqueiro* pode até não conhecer o agente pessoalmente, mas o conhece de vista, até possivelmente aqueles que trabalham no setor de inteligência. Outra fase importante dita por outro interlocutor:

Aqui não é igual a São Paulo ou o Rio de Janeiro, onde o policial mete o pé no barraco de qualquer um e não dá nada, ele tem que pensar antes de fazer porque amanhã eu trombo com ele na rua, diferente de São Paulo que o cara nunca mais vai vê-lo novamente. (Entrevista com H.P. em 20 jan. 2011).

Outra questão é levantada aqui e que não darei conta nesse trabalho é justamente a realidade desse policial (civil e militar) no desempenho de suas funções, como observado na fala acima, ele está sujeito, através de suas ações, a retaliações dependendo de sua maneira de agir diante de uma ação que não esteja de acordo com a “norma” local do crime, uma “norma” da rua e que está há muito tempo em vigor, como relatou um entrevistado: “*só quem vive isso sabe*”.

4.4 CONHECENDO AS “FIGURAS” DO TRÁFICO- “VIRANDO” TRAFICANTE?

O intuito de colocar esses três pequenos trechos de entrevistas que mencionam entradas de pessoas no “mundo do tráfico” foi justamente na tentativa de introduzir um breve debate em relação à própria dimensão cotidiana deste comércio ilícito na região de fronteira, e entender quais as formas de cooptação usadas por esses comerciantes mais “antigos” no “mundo do tráfico”. Há uma gama de pessoas que “viram” *Mulas, correria, aviões, moto-táxi*, entre outras denominações, que fazem os *corres* cotidianos para as *bocas*, sem teoricamente precisar deste dinheiro “não abençoado”. Se ganha rápido, gasta-se rápido para muitos, outros reinvestem o dinheiro em alguma atividade legal, ou ampliam a atividade legal já existente.

O material empírico é instigante, mas não pode ser tomado como uma reflexão sobre todos que optam por este tipo de trabalho na cidade, pois guarda os limites das observações realizadas junto a estas pessoas, assim como pela quantidade de pessoas que voluntariamente, por instantes, se veem fazendo *corres* e em minutos depois não estão mais, sem guardar consigo o fato de estar alimentando toda uma indústria que sua totalidade escapa do escopo dessa dissertação. Por hora nos deteremos em suas ações momentâneas de sobrevivência, que os fazem optar sem julgamentos de sua prática, e a transversalidade de suas ações.

Olha, eu comecei aos 18, agora tenho 22 anos. Eu já comecei lá em cima, pô! Não comecei lá embaixo. Meu cargo já era de chefe, se você for perguntar de cargos[...] O meu chefe era um distribuidor ele não era *boqueiro*, não vendia paradinha não, pô! O negócio dele era vender pra boca, vender pra *boqueiro*, o *boqueiro* ligava e falava eu quero tanto, ia eu, ia ele, ia outro, qualquer um ia lá, entendeu?

Bom cara, eu nunca fiz por dinheiro, nunca passei necessidade, sei lá, era, você se sente por estar naquele meio ali, sei lá um meio *cabuloso*. Eu conheci meu chefe do nada, já havia escutado as pessoas falarem do que ele

fazia e tal e eu não tinha nada contra, fui chegando tomando tereré, assim o conheci.

Fui na fita de tomar tereré, meus amigos iam na casa dele, como eu frequentava a casa do distribuidor, com o tempo eu fui conhecendo os outras caras que faziam fita errada os *boqueiros* de lá, eu conquistei a confiança dele, coisa que outras pessoas que frequentavam lá há muito tempo não tinha, entendeu? Comecei a ter acesso à droga dele e ao dinheiro dele, eu virei o braço direito dele, comecei a administrar o negócio, só que ele participava de tudo, né cara, ele não deixava só eu cuidando [...]ele só queria lucro[...]não[...] se tinha droga pra levar pros pessoas ele perguntava, cêvai? Eu vou! Então eu vou pra outro lado então! Ia pra lá, ia pra cá, ia nós dois juntos eu e ele lá.

Ele já me apresentava pros *boqueiros* como filho dele – esse aqui é meu filho! Assim eu já entrava na boca dos caras, depois às vezes ele ia pros caras me conhecerem e tal e depois comecei a ir sozinho. Daí os caras já ficam de boas quando me viam já me cumprimentavam – ia de boas - de boas. Já passava confiança pros caras, já me consideram já, se caso acontecesse alguma fita errada eles sabiam que eu ia ta lá eu avisava alguma coisa assim, entendeu? (Entrevista com Gordão em 05 mar. 2011).

Trechos da entrevista com Vieira.

Tenho 22 anos, desde os 14 anos que ele faz esse tipo de trabalho, que começou quando as pessoas de sua casa pararam de te dar dinheiro. Olha como eu entrei como eu já disse, por causa de meus pais não me darem mais dinheiro, assim perto de minha casa existe um cara que vende pó para várias bocas, toda a família dele vende pó pra bocas. São bolivianos. Como eu o conhecia, sempre ficava próxima a casa dele, eu e mais uns amigos.

E nessa alguns *boqueiros* quando compravam a droga, pensavam que nos éramos viciados e sempre davam algum pedacinho do tijolo que comprava na casa do cara pra nós, mas não eram todos que faziam isso, e nessa como nós não éramos viciados, começamos a juntar esse pedaços, e nessa começamos a vender o que nos davam nas festas e para uns conhecidos nossos e tô nessa desde então. Cara, eu entrei porque quis. Hoje eu faço corre de moto. Ganho por corre e 10% se for fazer corrida pro distribuidor, entende, pegar a parada e levar na boca, mas quando é pra usuário depende da distância, às vezes cobro 10 contos, também depende da quantidade, também às vezes o *boqueiro* me dá algo, sempre pego pra vender para os outros. (Entrevista com Vieira em 30 jan. 2011).

Relatos de Vando.

No meu caso foi simples, estava desempregado há alguns anos, com filhos para criar, aí um malandro das antigas que já morreu me disse uma coisa, - Vando você tá desempregado já há muito tempo, fazendo biscate que não dá nem para sustentar sua família, só te falo uma coisa, do jeito que tá você só vai ter duas opções ou vai acabar roubando ou vai vender pó!

- Escolhi vender pó! (Entrevista com Vando em 18 out. 2011).

Hoje observamos no Brasil um número crescente de estudos abordando o tema do comércio de drogas ilícitas, violência dentre outros problemas sociais que esse comércio acarreta tanto na sociedade brasileira como no mundo. Esse esforço em entender os processos

de inserção de pessoas no comércio de drogas ilícitas vem gerando uma série de conceitos, num esforço contínuo para tentar entender esse processo. Dessa maneira, observa-se que se optássemos por uma análise determinista, apontando um culpado que acarretaria de forma direta a opção de uma parcela significativa de pessoas trabalharem no mundo do tráfico, estaríamos minimizando a complexidade deste fenômeno, caindo em conceitos reducionistas que de forma alguma contribuiriam para o avanço desses estudos.

Misse (1995) sintetiza o quão complexo é o estudo da chamada violência urbana, vinculada ao tráfico internacional de drogas. O referido autor refuta uma série de argumentos e conceitos deterministas e preconceituosos em relação ao estudo do tema. A pobreza, processos migratórios, segundo o autor, são falhas e prova isso argumentando com estudos já produzidos por ele próprio e por outros autores como Sergio Adorno e Alba Zaluar dentre outros. Dessa forma, observa-se toda a complexidade que é pesquisar a inserção cada dia maior de pessoas no mundo do tráfico.

Outra importante análise em relação à inserção de trabalhadores em atividades “criminosas” é feita por (TELLES, 2009) onde narra um trecho de história de sobrevivência cotidiana de Doralice, que devido aos seus ganhos parcos e irregulares é forçada a lançar mão de uma série de redes sobrepostas entre o legal e o ilegal, para suprir suas necessidades financeiras, sem ter compromisso com as atividades ditas ilegais e ilícitas. A referida autora avança nas discussões das transformações do trabalho no mundo capitalista cada dia mais globalizado, onde o trabalhador lança mão de diferentes atividades lícitas ou ilícitas para suprir suas necessidades de sobrevivência no mundo moderno.

Após ter adquirido a confiança necessária, comecei a frequentar alguns desses ambientes (*bocas familiares*), iniciando o processo de entrevistas (e também observando as vendas) que se deram primeiramente fora desses ambientes e depois “muro” adentro. Iniciava as perguntas a partir das histórias de vidas desses indivíduos, logo pude perceber que várias histórias se repetiam, principalmente sobre a entrada no comércio de drogas. Houve alguns indivíduos que disseram que conheceram esses comerciantes nos campinhos de futebol do bairro, outros em festas dos bairros na escola ou que já era um negócio de família.

Devido à conjuntura complexa de tentar entender possíveis razões do porquê que a cada dia mais pessoas optam mesmo que rapidamente em vender drogas (fato comum nesta região). Por isso parto de premissa de Fefferman quando diz: “Eu parto do princípio de que o jovem trabalhador do tráfico de drogas não entra no mundo do crime: ele entra no mundo do trabalho. Esse mundo do trabalho é fora da lei, mas é o mundo do trabalho” (FEFFERMAN, 2008, p.3). Jovem, adulto ou até mesmo criança, este trecho nos diz muito quando se pensa

na precarização do trabalho tão presente nos dias atuais, salários baixos, altos índices de informalidade nas cidades brasileiras, e Corumbá não é diferente dessa realidade brasileira ou até mesmo mundial.

Devido ao fato do próprio comerciante de drogas ilícitas estar inserido dentro do cotidiano da cidade, como dono de um negócio legal, torna-se relativamente “fácil” conhecer uma dessas “figuras”. Alguns desses indivíduos se tornam *mulas*, *correrias*, dentre outras denominações dentro desse mundo do trabalho tão complexo, em que se pode pagar com a vida devido a algum erro.

Dessa maneira, analisando o processo em que mais e mais pessoas optam por “virar traficante”, principalmente uma população juvenil crescente. O que foi constatado dos pontos convergentes para entradas dessas pessoas no “mundo do tráfico” está justamente ligada ao convite: “fui convidado a fazer” ou “após verem algo que eu fiz me convidaram”. Isso é muito importante para analisarmos a questão do “virar traficante”. O “moleque apetitoso” sempre está sob os olhares do comerciante ilícito.

Através de um convite ou outro em fazer uma *correria*, ganhando 50 reais por cada *corre*, a sedução do dinheiro fácil é uma das principais causas que pude apurar sobre a entrada de pessoas mais jovens neste mundo, logo após este fator é que aparece a falta de trabalho e a dificuldades na família como razões apontadas nas conversas.

Já os mais antigos colocam o “virar traficante” como saída para não virar “ladrão” ou “assaltante”, categorias essas que assumem ares pejorativos e degenerativos diante de sua atividade. O importante é que os mais antigos são categóricos em colocar que não querem que seus filhos continuem com o negócio e por isso tentam investir nos estudos deles. Entendemos que esses discursos revelam um paradoxo, já que nas bocas que visitei, toda a família estava envolvida e em algumas casas o pai já havia sido preso e solto, mas enquanto estava preso, seu filho tomou a frente dos negócios.

A saída do comércio de drogas no comércio independente, ao que foi apurado, não tem grandes implicações, já que muitos desses trabalhadores transitam frequentemente entre o lícito/ilícito, em que as *correrias* pontuais já demonstram a facilidade tanto na entrada quanto na saída. Isto já não acontece a partir da entrada em uma organização maior, que foge da organização dos independentes, como a entrada no comando através do batismo. Isto implicará em outras manobras para conseguir sua saída.

O fator de saída das pessoas do “mundo do crime” – o *boqueiro* deixar de ser *boqueiro*, não implica que a população em geral pense isso, aos olhos da vizinhança ele vai ser sempre o

boqueiro passível de retorno, mesmo que já tenha parado com o trabalho ilícito há muito tempo, sempre será estigmatizado como o *boqueiro*.

4.5 ESTRUTURAÇÃO DAS BOCAS – HÁ DISPUTAS POR TERRITÓRIOS?

É sabido que nos grandes centros urbanos há a existência do poderio militar e bélico de facções criminosas. Poderio esse que ajuda a guardar o território político militar da facção e principalmente ajuda a garantir que a venda de drogas corra normalmente, havendo, dessa forma, toda uma estrutura de caráter militar com o fim de guarnecer o território contra as eventuais investidas de traficantes rivais, milícias e também contra a polícia. As disputas por territórios é um fato que causa pânico aos moradores de favelas quanto dos bairros que vivem em constante insegurança devido à violência.

Dessa maneira indago a seguinte questão: o que há de diferente nas territorialidades do tráfico de drogas em uma cidade fronteiriça como Corumbá que é frequentemente estigmatizada como um local “sem leis”, o que se diferencia dos grandes centros urbanos brasileiros? Corumbá é uma cidade violenta? Se for violenta, é por causa do tráfico ou é por causa de sua condição de cidade fronteiriça que já traz a carga de estigmatização de ser um local violento para os habitantes que não residem nessas localidades? A partir do depoimento de *Baixinho* (um comerciante de drogas local) tentarei elucidar dois momentos distintos do tráfico de drogas em Corumbá e que atualmente observa-se um processo de mudanças.

Pesquisador: - como é que se monta uma boca de fumo?

Baixinho: - é muito fácil, você consegue o produto e começa a vender [...] o espaço é para todos, por isso não existe conflitos em montar uma boca ao lado da outra. O espaço é para todos e quem determinou isso é o comando.

Pesquisador: quando isso Baixinho?

Baixinho: é que antigamente acontecia de que, como o comando, quando agente fala comando, agente fala do comando vermelho e o primeiro comando da capital coligados [...] no estado, só que os dois têm seus próprios estatutos, ambos se respeitam.

Então o que acontecia antigamente, era a lei do mais forte, o que acontecia, se o cara fosse vender lá ele iria ter que comprar de mim, por que senão eu vou lá e vou tomar a boca dele! Antigamente era assim. Depois que entrou o comando teve aquela mega rebelião foi estabelecido que o espaço é para todos, todos tem o direito de trabalhar em qualquer lugar sem passar por cima dos outros. Se eu quero vender e já tem um que vende na área, pergunta-se se tem algum problema vender na área e logo se diz que não tem problema.

O que não pode é vender no preço abaixo da tabela que se tem é claro, se todo mundo está em uma tabela então é sempre ali. Na verdade você não pode vender acima da tabela na verdade, o que não se aceita é extorsão, você tentar extorquir o viciado, por que o viciado é o seu freguês, tem que dar

valor a ele sim, ele sempre tem a razão e tem o direito dele. Então, é tal valor, e pra todo mundo, a quantidade é um valor pra todo mundo.

Pesquisador:- mas e a questão de antigamente de o boqueiro querer tomar o a *boca* do outro cara? Isso era uma prática comum? Isso chamaria muita atenção da polícia ?

Baixinho: - muitas vezes a própria polícia que fazia isso! Por que quem era forte antigamente tinha a polícia do lado! Isso era comum, e é isso que vem se quebrando hoje em dia. Pra mim ser forte tem que ter alguém que me defenda não é? Quem vai me defender? É a polícia. Era a polícia que ia e estourava o local.

Então o que acontecia antes da polícia ir estourar a boca, eu ia lá conversar com o cara(boqueiro) que estava comprando de um atacadista de outra região, eu ia lá conversar com ele [...] olha o negocio é assim, essa aqui é minha área e eu quero que você compre de mim pra você revender aqui a esse preço e você vai me pagar esse preço, você aceita? Se não aceitou, tudo bem! Aí ia lá e comunicava, - ó, o homem tá lá e sem acordo! Pronto estourou a boca dele! Fui conversar, não quis, então vai ser preso. Então antigamente era assim, depois a igualdade para todos, o espaço aberto para todos, para todo mundo poder trabalhar. Você compra de quem você acha que o produto está melhor ou aquele que você achar mais acessível pra você é desse que você vai comprar.

Desde 2010, quando iniciei as pesquisas de campo nessa região de fronteira, procurei tentar entender o que diferenciava o comércio de drogas ilícitas dessa região de fronteira dos grandes centros brasileiros. O primeiro contraste observado foi a questão da violência que emana desse tipo de comércio. Nos grandes centros urbanos brasileiros, a violência crescente a partir da década de 1970, está associada em partes ao comércio de drogas ilícitas, isso foi observado por muitos estudiosos do assunto, dentre eles, Misse (1997 e 2003), Zaluar (2009), Adorno e Salla (2007). Também é fato que a violência que esse tipo de comércio acarreta, depende de sua estruturação no varejo e as mudanças internas do mundo do crime que influenciam diretamente na violência nas cidades. Hirata (2010) observa isso, analisando a entrada do comando (PCC) nas periferias de São Paulo, onde logo impuseram como uma das principais regras, o não matar e introduziram o chamado *debate*. Hirata também observa que esse novo comportamento a partir da ética “o proceder” (MARQUES, 2010) colocada pelo comando coincidiu com a diminuição de homicídios na cidade de São Paulo. Grillo (2008) também observa as relações de violência na estrutura do comércio de drogas nas classes médias do Rio de Janeiro, onde essas relações praticamente não existem. Dessa forma, drogas e violência nem sempre andam juntas. Segundo Misse:

Uma parte importante da explicação dessa associação do varejo do tráfico com a violência deve-se ao surgimento de quadrilhas que controlam territórios em áreas urbanas de baixa renda, o que leva a intermitentes conflitos com outras quadrilhas pelo controle desses territórios e de seus pontos de venda (MISSE, 2010, p.20).

Complementando com Grillo (2008) que entende que a comparação das dinâmicas territorial e organizacional dessas redes fornece elementos importantes para a compreensão dos aspectos culturais de violência que se constrói em tornodelas.

Portanto o uso ou não da violência está diretamente associado à formação estrutural das redes do comércio de drogas, dessa forma é importante observar as peculiaridades dos processos históricos da formação dessas redes, no varejo.

Após o incremento da demanda e a venda de maconha e cocaína no Rio de Janeiro inicia-se o processo de territorialização das bocas tradicionais, ocasionando uma verdadeira guerra de quadrilhas no Rio de Janeiro nos anos de 1970 por disputas de pontos de vendas antes mesmo da formação do comando vermelho.

O mais importante é que a partir de meados ou do final da década de 1970³⁸ (OLIVEIRA E COSTA, 2011) é que aparentemente se encontra o início dessa estruturação. Estruturação essa organizada com base nas relações de vizinhança, parentesco e proximidade. Observando os depoimentos, percebi que a *boca* em si, não é passada para pessoas diferentes quando ela é estourada pela polícia, devido ao estouro, quem está na frente do negócio no momento é preso. Nesse momento o ponto pode (ou não) ser rearticulado com uma ou outra pessoa da família, que continuarão o empreendimento familiar, ou seja, é um negócio familiar em que todos estão (na maioria dos casos que conheci) envolvidos de alguma forma nesse negócio. Dessa forma, a *boca* é passada de pai para filho, o que representa um empreendedorismo local que com o decorrer do tempo foi se modificando devido ao aumento das batidas policiais, se entrelaçando em atividades legais, para escamotear os lucros auferidos pela atividade ilícita. Esse empreendedorismo do comércio de drogas ilícitas é chamado por esses atores sociais como “pequenas empresas grandes negócios”.

Corumbá, a partir dos anos 70 do século XX, entrou na rota das redes ilegais do tráfico de drogas, primeiramente apenas como uma “cidade corredor” ou ponto de conexão dos grandes cartéis da droga para o abastecimento dos grandes centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo (OLIVEIRA E COSTA, 2011). Devido à facilidade em adquirir o produto nessa região, ao longo do tempo, criou-se uma rede interna de distribuição da droga nessa região de fronteira. Hoje, nota-se a consolidação dessas redes devido ao grande número de pontos de venda de drogas na cidade. De acordo com Lauter da Silva Serra, então secretário

³⁸Observa-se também a história de três comerciantes (dois atacadistas e um *boqueiro*) que também atuavam como pistoleiros, que na década de 1980 comandavam uma parte considerável da distribuição de drogas nessa região. A história desses três foi contada por muitos desses comerciantes e também por pessoas que eram próximas deles, infelizmente devido a razões éticas da pesquisa, levando em consideração os familiares, já que alguns desses familiares permanecem no negócio até hoje na cidade (mas sem a mesma força de seus antecessores na da década de 1980) não poderei transcrever essas história.

de saúde de Corumbá, no debate do Encontro Estadual de combate às Drogas “Hoje em Corumbá existem mais de 280 bocascadastradas, fora as que não estão³⁹”. O mais certo é que a partir de 2006 inicia-se um processo de estruturação do varejo e atacado local, essa estruturação é acarretada pela entrada do Primeiro Comando da Capital (PCC) nas ruas de Corumbá a partir do ano referido, esta mudança se configura nas relações de poder entre os comerciantes/ilícitos como também com a polícia, e este processo pode ser observado em dois pontos da entrevista transcrita no início deste subitem.

Primeiramente notamos a lei do atacadista “a lei do mais forte”, aquele que pagava a polícia para fechar a *boca* de outro, como forma de retaliação devido ao *boqueiro* não ter comprado a sua mercadoria, já que o próprio é que vendia para aquela região. Após a política de vizinhança ser acionada e essas mediações terem sido um fracasso, a polícia foi acionada como forma de manter e reforçar o poder local do atacadista e seu imbricamento com os meios legítimos de fiscalização do estado. Esta tônica ao que parece está em declínio desde 2006.

O segundo momento em que “Tem espaço para todos” ou “o espaço é para todos” (uma tônica aparentemente definida pelo Comando a partir de 2006) é uma das principais frases que escuto dos meus interlocutores, no atacado e no varejo. Essa dinâmica do “espaço para todos” é percebida se materializando na não violência entre os *boqueiros* locais. Isso não significa que não haja atritos, se sua boca tem menos movimentos que a outra, que se situa perto da sua é a “lei do mercado” o *boqueiro* terá certamente que *agir*, para que seu movimento retorne à normalidade sem atravessar o *esquema* do seu concorrente. Outro ponto importante é que ninguém quer colocar sua família em risco devido à alguma retaliação, então os negócios são pontuais e a concorrência aberta entre todos. Chamar a polícia para o fechamento de uma *boca* concorrente por outro *boqueiro* é hoje *crocodilagem* e pode ter sérias sanções no meio. Isso não significa que os *boqueiros* não corram junto com a polícia, as relações é que emanam do “correr junto” e as relações de vizinhança é que desde 2006, estão em mudança.

Quanto ao que diz respeito ao possível tabelamento e metas de venda, isso diz respeito às *bocas* comandadas pelo PCC, já que tem que fazer girar dinheiro para a cadeia, diferentemente dos independentes, mas é fato que a tabela de “rua” é a que todos seguem já que há muito tempo a mesma está em vigor e isso faz com que, na maioria das bocas,

³⁹ Seminário Estadual de Políticas Públicas de combate as drogas realizado na cidade de Corumbá/MS. 2 julh.2011.

existam paradinha (cocaína neste caso) de cinco reais, de 10 reais com a mesma quantidade em todas as bocas, (o que pode variar é a qualidade do produto).

Mesmo que existam diversas forças dentro do varejo e do atacado local (varejo, atacado independentes, os comandos – PCC e em menor força o Comando Vermelho e mais o atacado do lado boliviano da fronteira), há uma tendência não para as disputas, mas sim para as alianças.

4.6 RECEPÇÕES DE PRODUTOS ROUBADOS – INDICAÇÕES

Muitas pessoas ao serem roubadas ou furtadas, logo imaginam que o seu objeto roubado foi trocado ou será trocado por droga em alguma boca da região. Muita gente pensa que os *boqueiros* fazem muita receptação devido ao fato de essas pessoas sempre estarem com muitas coisas “da hora” (gíria para produtos da moda ou de última geração, em geral de alto valor) - celular “da hora”, câmeras digitais “da hora”, dentre outros materiais. O que as pessoas não imaginam é o cuidado que o *boqueiro* tem em função da receptação de mercadorias. Grande parte dos objetos que o *boqueiro* “exibe” são em função de objetos deixados empenhados pelo usuário, em algum momento, para a obtenção de droga, o que muitas vezes quando acaba o tempo e “morre” a dívida faz com que o *boqueiro* fique com o objeto. O *boqueiro* faz receptação, mas de mercadorias de passagem rápida, pois os *boqueiros* que fazem muita receptação acabam sendo logo rastreados pela polícia e acabam sendo “descobertos” e presos pela polícia justamente pela receptação dessas mercadorias, pois o que leva a polícia ao ponto não é a droga sendo vendida, mas sim a receptação que está sendo feita.

Dessa forma, o *boqueiro* só recepta “coisas” de seu interesse, e é nesse ponto que o *boqueiro* aciona outras redes de receptação de mercadorias que se posicionam ao redor de sua boca – a vizinhança. A própria vizinhança que “não gosta” da boca, em certos momentos não tarda em procurar o *boqueiro* para saber se ele tem um celular de última geração para vender, ou se ele consegue algum outro objeto que o vizinho esteja precisando no momento. Nessas mediações o *boqueiro* indica um possível comprador da mercadoria que chegou à boca, lojinhas de consertos de celulares, capacetes de motos reformados e vendidos com notas digamos, “frias”, ou loja de usados. Eu poderia enumerar muitos outros comércios aqui, mas não estou querendo generalizar e dizer que todas as lojas praticam esses tipos de comércio ou que fazem uso de mercadorias roubadas, mas é fato em minhas pesquisas de campo, que uma

parcela considerável dessas lojas usufrui dessas redes “paralelas” de fornecimento de mercadorias.

4.7 CORRES SOBRE DUAS RODAS – A RAPIDEZ E A EFICIÊNCIA DAS MOTOS

Desde quando iniciei as pesquisas de campo, em todo momento escutei falar em *corre* com moto como forma de rapidez e de agilidade na hora da busca da mercadoria, assim como para a entrega. Eu pensava, até então, que o uso das motos para esse tipo de comércio era usado de certa forma apenas pelos *correrias* da *boca* e da *banca*. No momento em que a pesquisa foi se aprofundando percebi que existem redes de trabalhadores os chamados moto-taxistas⁴⁰ autorizados e não autorizados (clandestinos nos ditos populares) que prestam esse tipo de serviço para a *boca*, como também para o usuário e é neste ponto que a eficiência da *correria* da moto encurta distâncias matinais e noturnas entre o usuário e o *boqueiro*, e ao mesmo tempo cria novas modalidades de venda. Destacamos que nem *boqueiros* nem atacadistas são os moto-táxis da droga, reforço isso através da entrevista que se segue:

Pesquisador: Como funciona os *corres* das motos aqui em Corumbá?

Boy: Tem motoqueiro que quando alguém pede para ele, liga para ele, tem motoqueiro que já vende para ele mesmo, pô! Já anda com ela na bolsinha dele, ele trabalha assim entendeu!

Tem bastante cara que faz, a maioria faz, clandestino ou autorizado quase todos fazem, é porque é um valor maior que a corrida, porque uma *correria* que ele vai fazer muitas vezes equivale há umas 10 corridas de passageiros mais ou menos.

Cara, eu comecei a fazer *correria* de moto quando um cidadão veio, perguntou se eu conhecia alguma boca, aí eu disse que conhecia, e nessa eu sempre ia para o cara na boca pegar pó. Aí eu fui pegando uma amizade maior com o dono da boca!

O fato de o motoqueiro conhecer a cidade é muito válido para sua perspicácia na hora da entrega ou da venda. Sem distinção, clandestino ou autorizado, alimentam as redes de distribuição no atacado e no varejo. Neste ponto é notória a existência de uma zona cinzenta (TELLES, 2000) na distinção entre o legal-informal-ilícito, a precarização do trabalho, entre as corridas com passageiros de um lugar para o outro da cidade, corridas para usuários através do “disque entrega”, como também para o abastecimento das *bocas* e, por fim, *corres* para si próprio, devido ao círculo de amizade que esses indivíduos fazem entre uma *correria* e outra vão conhecendo novos usuários. São esses usuários que vão dar suporte para que ele monte seu negócio, tomando fregueses da *boca*, essa é a concorrência da rua. São as “mobilidades

⁴⁰ Não é intenção nesta dissertação mostrar as condições de surgimento e expansão dessa profissão de moto-táxis em Corumbá, pois entendo que fugiria do escopo desta dissertação.

paralelas” (RUGGIERO e SOUTH, 1996) que dão forma ao trabalhador urbano nas dobras do legal e do ilegal com seus “difíceis ganhos fáceis” (BATISTA, 2010). O desdobramento acima analisado é reforçado pela entrevista que se segue abaixo:

Pesquisador: Mas funciona *correria* você faz para o atacado/*boca* como também para boca/consumidores?

Boy: Faço sim. Mas, é base e cocaína porque tem gente que não gosta de trabalhar com maconha porque é muito risco, para muito pouco, a cocaína eu levo 2 peças para a boca, isso em uma boca com muito movimento, mas quem está começando agora é 200g ou 300g. Eu entrego hoje e daqui 20 dias eu levo de novo nessa bocas onde tem muito movimento, sai muito rápido.

Eu trabalho para um cara só, mas eu faço entrega para duas *bocas*, mas as *bocas* que eu levo elas são grandes, tem muito movimento, tem *boca* que demora. Isso acontece porque tem *boca* que estipula o horário que vão trabalhar, chega meia noite já não estão mais vendendo, tem vários fatores, tem muitos que vendem a própria família não sabe e também por causa de polícia, muita muvuca de madrugada chama muito a atenção.

Pesquisador: Como você recebe?

Boy: Eu recebo de cada corre que eu faço, entendeu? Depende da quantidade que estou levando, tipo 200g., depende da distância e do perigo, mas quando é pertinho é 50 conto. Quando é 2 peças eu já pego 300 a 350 reais, porque já é um risco grande não tem como escapar da polícia. (Entrevista com Boy em 12 ago. 2011)

O fator risco eleva o preço em todas as ocasiões, se levar muita quantidade, a distância e até mesmo horário influenciam diretamente nas negociações de ganho. Percebemos também a não preferência de entrega de maconha, devido ao fato de render menos na negociação do valor a ser cobrado na entrega. Notamos na mesma entrevista, o número de bocas que ele entrega, ressaltando que apesar de serem, poucas *bocas*, elas são de muito movimento, indicado pela quantidade de droga que ele leva para *boca*. O entrevistado pontua também as bocas “novas” de menor movimento, que ainda ninguém conhece, e que tendem a comprar em menor quantidade. Nesta dinâmica percebe-se que isso não acontece apenas com as *bocas* novas, pois a tendência da maioria das bocas é justamente comprar em pequenas quantidades, para facilitar o esconderijo da droga. São poucas as bocas que compram essa quantidade de duas peças, pelo que pude apurar. O que pontuei foi o *corre* do atacado para boca, mas existe também *corre* próprio, feito pelo motoqueiro, que é diário e direto para o usuário e não para a boca.

Pesquisador- O cara está no ponto e ligam para ele buscar, aí o cara vai? Como funciona o sistema do usuário ligando?

R: Aí é o dobro da corrida, né? Ele vai na boca, vai correr perigo, geralmente o cara que pede tem receio de ir na boca, aí uma corrida que sairia 5 reais, ele faz por 20 reais, cobrados do usuário e não do cara da *boca*, porque quem fica na frente da *boca* é o *frentista*, né? E não o *boqueiro*, geralmente esses *frentistas* não deixam os caras chegarem na *boca*, geralmente são usuários que o *boqueiro* conhece mora perto, daí o *boqueiro* chega nele e diz toma isso... aí você vende tanto e ganha tanto, dessa forma ele conhece os caras

que vão lá comprar. Até mesmo para quem ele não conhece ele vende, porque ele tá ali para vender, porque é a *boca* que tem que vender, caso ele cair é ele é quem vai cair.

Notamos a seguinte situação: em primeiro lugar a disponibilização do telefone pessoal, novamente confiança alcançada pelas relações face a face, ocorridas em algum momento, devido ao fato que o moto-taxista dificilmente fará *corres* para um desconhecido, salvaguardando em festas (que será discorrido logo mais abaixo). Lucro auferido de 300% em uma só corrida (*corre*), o valor tende também a aumentar dependendo da quantidade a ser comprada e a distância a ser percorrida. O fator confiança nesse ponto é muito importante já que nesse meio há os chamados *ratos* que usurpam partes das mercadorias antes de chegar ao usuário. Esses lucros são aumentados a partir das festas que acontecem na cidade, os grandes eventos, como também nos eventos rotineiros que se iniciam a partir de quinta-feira na cidade, como demonstrado anteriormente e reforçado logo abaixo.

Pesquisador- E as festas?

Boy: Tem festa que é grande e agente ganha mais dinheiro. Às vezes agente já leva no bolso a parada, sabemos que as pessoas vão solicitar cocaína ou agente vai na *boca*. Lá de dentro da festa o cara liga para você e pergunta onde você está, pergunta se agente tem e dizem que já vão indo a minha procura, aí agente já espera lá na frente, para passar para ele.

Tem cara que corre a fileira, pergunta quanto tá a corrida –depende onde você vai, - eu vou aqui embaixo. Aí o cara já fala que vai fazer “aquela situação”. Daí se nós tivermos agente passa para ele.

Daí o que acontece? Se você não tiver e o cara que está perto tem, você não vai falar nada que o cara tem, porque se não você não vai ganhar nada, aí você vai na *boca* com o cara, ganha a corrida e da correria que fez .

Aí o que acontece? Você ganha mais quando você vai sozinho[...] aí o cara segura seu capacete para você voltar, né? Aí você vai na *boca* que você está acostumado a ir, nessa você ganha comissão da *boca* também. Aí quando o cara vai com você, ele vai escolher a *boca* que ele quer ir.

A concorrência é acirrada nas corridas de passageiros, organizados mutuamente por ordem de chegada ou ordem de corrida, com acordos realizados na hora, como também relativos aos preços a serem cobrados por corridas, variando o horário e a distância e o local aonde vão levar o passageiro. Esta situação muda na hora da realização dos *corres*, e ao pedir para fazer um *corre* para alguém, automaticamente a ordem da fila se inverte, dependendo do cliente chegar e pedir o serviço. Nem todos os motoqueiros fazem a *correria*, se o cliente chega nesses que não fazem, automaticamente, ele fala para o cliente “correr a fila” até chegar quem faz.

Clientela fixa, rotativa e ampliada nas festas devido ao fato de que são apresentadas novas pessoas ao motoqueiro a partir dos clientes antigos. Os rotativos são aqueles que não sabem como funcionam essas redes e chegam a qualquer motoqueiro da fila, facilitando o

aumento da lucratividade do motoqueiro por não conhecer o esquema, cobra-se um pouco mais pelo serviço.

Sendo assim, alguns desses motoqueiros ficam conhecidos, ganhando uma “moral” dentro dessas redes pelo serviço “firmeza” que fazem, sendo requisitados em vários momentos pelos vários segmentos dessas redes, pela agilidade proporcionada pela moto, como também pelo conhecimento que o motoqueiro tem da fronteira. Esses fatores fazem com que eles sejam requisitados, como analisado acima e reafirmado com o trecho abaixo:

Pesquisador- E os *corres* para o PCC?

T :A maioria dos caras respeitam[...] tem cara que respeita mais é o que são chamados de *primo leal* o PCC não embaçam com os caras porque os caras correm junto com eles. Se eles (PCC) mandarem eles fazerem alguma coisa, eles não fazem se não quiserem, por que ele ainda não é do partido! Tem cara que é tão forte que nem o PCC mexe com ele.

O PCC não interfere nada, só interfere dentro da cadeia, o cara da cadeia que sai, eles dão para vender, para mandar o dinheiro para a cadeia.

O motoqueiro vai lá do outro lado pega a droga ou tem droga que já tá aqui e ele vai e busca para fazer a distribuição nas *bocas* do comando[...] esses motoqueiros correm junto, tem cara que é parente de preso, aí o cara liga para ele lá de dentro!

Novamente é de se pontuar o respeito do “comando” com os negócios dos independentes dos “primos leais” nessa região de fronteira, afinal ainda “tem espaço para todos”. Os negócios do “comando” são pontuais e focados, e os motoqueiros estão aí também para agilizar suas entregas e por conta própria garantirem o abastecimento de suas *bocas*. O presídio como principal irradiador das ordens do comando na rua da fronteira, é um fato na rearticulação da própria criminalidade da fronteira.

Por fim, as motos tem um papel relevante para a agilidade e flexibilidade na hora da entrega. Não é função deste trabalho, em hipótese alguma, estigmatizar toda uma categoria de trabalhadores. O que procuramos compreender é como esses atravessamentos entre o legal/informal/ilícito por parte desses trabalhadores, *aprimorando a técnica*⁴¹ com o moto-táxi autorizado ou clandestino, fazem parte dos ilegalismos urbanos em expansão nas cidades brasileiras, demonstradas pela capilaridade dos serviços prestados no âmbito formal, transacionando para os bens ilícitos. Esta realidade também denuncia o processo de expansão da economia da droga nas últimas décadas, nessa fronteira, a partir de vários fatores como o processo de estagnação econômica e do emprego formal das últimas décadas, com os reflexos no aumento desses trabalhadores que atravessam as barreiras do lícito para o ilícito. Esses indivíduos não necessariamente carregam consigo a imagem de bandido, são os trabalhadores

⁴¹ Seria a lavagem de dinheiro do pobre.

frutos da precarização do trabalho, das instâncias formais, em que muitos nem chegaram a ter uma oportunidade nessas instâncias. A oportunidade de legalização do moto-taxista clandestino se dá através de concursos públicos para conseguirem uma vaga de autônomo nas ruas, que no caso significa pagar impostos à prefeitura e ficar livres dos guardas da AGETRAT⁴². São as marcas do próprio engodo da popularização da profissão de moto-táxis em Corumbá, onde a cada ano a prefeitura municipal abre novos postos na tentativa de formalização desses indivíduos. É evidente na cidade de Corumbá que a geração de emprego é precária com uma incidência de pobreza que está na faixa de 40,37% de sua população total (IBGE, 2012). Tomemos como exemplo a produção das grandes festas na cidade, iniciando pelo “maior carnaval do Centro-Oeste” seguindo para o festival América do Sul, o Festival, para o banho de São João, festival de Pesca. Todos esses eventos são, de fato, grandes propulsores da economia local, a maior parte das pessoas que trabalham como ambulantes nestes festivais estão no setor de trabalho/informal da cidade ou usam a atividade para incrementar a renda precária auferida pelo trabalho/formal. A profissão de moto-táxi não foge dessa regra, uma alternativa de sair da informalidade, pagando impostos para a prefeitura, como notamos no primeiro concurso para moto-táxi em que foram disponibilizadas mais de 200 vagas no ano de 2008 e mais outro concurso com mais 200 vagas em 2011 e já se ouve falar na abertura de mais 200 vagas em 2013.

4.8 LESÃO, EXAME E INCISÃO⁴³ – TRANSCENDÊNCIA DAS RELAÇÕES DE VIZINHANÇA PARA MERCADORIA POLÍTICA.

Chegamos a um ponto crucial para entendermos as dinâmicas locais do comércio local de drogas ilícitas que configura um paradoxo: a polícia que ao mesmo tempo combate este comércio é a polícia “permissiva”. É neste paradoxo, que ao mesmo tempo soa como uma normalidade, digamos assim – quem nunca viu um policial recebendo um “arrego” nos meio de comunicação em troca da proteção? A realidade brasileira e a divulgação de imagens e reportagens nos meios de comunicação estão repletas dessas histórias. A peculiaridade desse paradoxo, nesta região, está justamente ligada ao apaziguamento dos conflitos internos gerado por essa relação polícia-criminalidade local. O assaltante ou o protótipo de gangueiro são tratados diferentes na hora de uma batida em relação ao *boqueiro*, e esta distinção está

⁴² Agencia Municipal de Transito e Transporte.

⁴³ Lesão, exame e incisão, é a visão que o Delegado da policia civil usou no 1º encontro de enfrentamento ao crack realizado em Corumbá nos dias 01 e 02 de julho de 2012, com seu consentimento me apropriei de seu termo para escrever o subitem desde trabalho.

estruturada nessas relações sociais calcadas no dia a dia e que venho tratando desde o início desta dissertação. O esforço analítico e ainda incipiente das práticas policiais de combate e repressão do ordenamento de segurança pública dessa fronteira, permite entender algumas questões: o que ficou claro até este momento é o fato de que, justamente, essas práticas repressivas, apesar de atuarem em conjunto em muitas situações, abrem espaço para práticas individuais divergentes, e nestas práticas diferentes estão calcadas as estratégias de disfarces, corrupção e amizades dentro do ordenamento ou gestão do crime. Reforçando com a entrevista abaixo:

Pesquisador: Qual sua visão entre a polícia e as *bocas* aqui em Corumbá?

Baixinho: Bom aí você tocou em um assunto interessante, eles sabem onde estão as *bocas*.

Por exemplo, então ele arrochou esse cara que estava levando para fora, esse cara não pago ele, ele vai ficar com a droga? Vai! Então o que faz, vai colocar essas as peças que ele arrochem uma *boca* que ele conhece!

- tá aqui! Trabalha isso aqui para mim! Eu sei que isso aqui vale tanto! Então eu quero tanto nisso aí!

Normalmente o *boqueiro* pega e trabalha, porque o policial vai pedir o preço da peça, e o *boqueiro* vai ter como tirar. Suponhamos de cada peça custa 4000 ele vai pedir isso em cada peça certo?! Só que o *boqueiro* consegue fazer 10000 a 15000 em cada peça, através de paradinhas então só em uma peça você paga todas.

Mas daí o *boqueiro* pede uma garantia, porque ele vai ferver o lugar, o lugar vai ficar frenético na venda! - Tem como você dar uma proteção aí? Se acha que ele vai deixar o próprio bagulho dele cair, ele mesmo (policial) o protege!

Para entendermos melhor este trecho de entrevistas e a imbricação dos agentes do estado vinculados às mercadorias da proteção e da corrupção, são necessárias análises das possíveis apreensões que a polícia faz em sua rotina de trabalho. Ao que parece e que é apontado nesta entrevista, existe a prática constante do *arrocho* no universo da economia criminal. Esta é mais praticada na modalidade do atacado, devido ao fato de ser mais rentável. É neste ponto que podemos pensar o caso de Corumbá a partir da afirmação de Peraldi (2006) que faz alusão ao bazar, onde as moralidades são negociadas, barganhadas constantemente. De acordo com Peraldi existe uma “economia difusa, capilar, mas local [...] todo mundo toca um pouco nos benefícios do comércio” (PERALDI, 2006, p. 119).

Estas negociações, de acordo com os relatos dos comerciantes de drogas, se dão a partir das relações de forças colocadas em xeque, em um primeiro momento na hora do *arrocho*, há o primeiro ato de barganha do agente: se não der o dinheiro que ele pede, o agente fica com a droga e o *mula* tem que pagar, pela droga e por sua liberdade. Dependendo do vínculo que o *mula* estabeleceu com quem o contratou, esta situação é péssima para o *mula*, não apenas porque ele irá ser preso, mas sim pelo processo que se seguirá depois de sua

prisão, e o agente sabe disso. Mas qual seriam as consequências após sua prisão em função do não pagamento do arrego? Devido ao fato de que geralmente é o agente que deu voz de prisão, é ele mesmo que vai divulgar a quantidade que foi apreendida e com quem foi; se o *mulanão* der o dinheiro, essa informação da quantidade que foi apreendida é automaticamente deturpada ao ser passada para a mídia (estratégia do agente), colocando o *mula* em uma situação extremamente delicada. Por exemplo, se ele estava levando 15 quilos e foram apreendidos 5 quilos pela polícia, o contratante e o fornecedor vão querer saber o que aconteceu com o resto da mercadoria, geralmente acusam o *mula* de ter ficado com a parte da mercadoria, ocasionando sanções violentas ou até mesmo a morte do *mula* dependendo da situação.

Outra situação de *arrocho* está justamente ligada às relações com os atacadistas, como foram relatadas nas entrevistas. Esta outra situação é voltada para aquelas pessoas que estão foras dessas redes, que vêm de outras regiões e compram uma quantidade considerável de drogas com algum atacadista e são automaticamente entregues, pelo mesmo, a algum agente que “corre junto”. Dessa maneira forja-se uma batida e o agente logo pega a droga que estava sendo negociada, assim como também pede propina para a liberação, tudo num teatro bem arquitetado, conforme as informações dos entrevistados.

Nas duas situações descritas acima, a droga proveniente do *arrocho*, está ligada à venda de mercadoria, no caso no varejo local, e é neste momento que faz sentido a frase dita por um interlocutor: “cada policial tem sua quebrada”, ou seja, vai levar a droga em um *boqueiro* conhecido para ele girar a mercadoria para ele.

Os valores a serem cobrados por peças variam e são circunstanciais. Como foi pontuado na entrevista, o policial sabe o valor real de cada peça, manipulando a situação em seu próprio benefício. O pagamento dificilmente se dá de imediato, e neste momento são tecidos novos acordos de proteção para a venda de mercadoria e por fim gerar o dinheiro do pagamento. Neste momento a invisibilidade que o *boqueiro*preza vai por água abaixo devido ao fato que ele terá que aumentar sua vendagem e muita movimentação gera o flagrante, por isso é necessária a sincronia entre os dois elos da corrente, com o *boqueiro* acionando as pessoas que venderão a droga, como também o policial acionando seu círculo de amigos para fazer vista grossa, para o que está acontecendo naquela localidade, para que não haja uma batida policial no local.

Pesquisador: Mas e quando há estouro de *bocas*?

Baixinho: Normalmente para se estourar são mega operações! Bom como você vê ai, vão 20 presos tá! 10 dias depois tá todo mundo na rua de novo, só

suspeita, ninguém pega nada com ninguém, porque quando tem uma operação todos são avisados, quando pega o cara. O cara cai com o mínimo possível, e são aqueles caras que não estão juntos, que não corre junto, que não comunica, porque para ficar de boas tem que correr junto com a polícia, o traficante é obrigado a fazer isso! Queira ou não é obrigado!

Neste momento, inicia-se a transcendência das relações de vizinhança entrando nas mercadorias políticas. Nem sempre o “conhecer de longa data” servirá como forma de proteção. O momento das mega operações da polícia são os momentos críticos dessas relações e as informações de quais *bocas* serão estouradas serão negociadas. Ninguém quer ser preso, mas a polícia tem que gerar números e é neste momento que uma frase que escutei de um interlocutor me chamou a atenção, quando disse “*cara, cada policial tem sua quebrada*” demonstrando assim que o policial está inserido nas relações cotidianas do bairro como também acaba mediando as relações de poder local devido ao seu cargo de policial.

Seja em uma grande operação da polícia ou em uma operação local, existem “redes de aviso” vinculadas à mercadoria da proteção, e essas redes são muito bem estruturadas já que as informações circulam muito rapidamente, fazendo com que se diminua a quantidade disponível de droga na *boca*. Esta quantidade mínima apreendida nas *bocas* pela polícia, foi vinculada pelos meios de comunicação demonstrando assim a eficácia dessas “redes de aviso”.

É importante enfatizar que, da mesma forma que procuramos entender a participação de moto-taxistas ou donos de bares no comércio da droga em Corumbá, também não é nossa intenção demonizar toda a categoria dos policiais na fronteira, pois sabemos que apenas uma minoria pode estar envolvida nos negócios citados nas entrevistas. Além disso, essas são informações coletadas em entrevista pelos comerciantes de drogas e revelam a complexidade e o imbricamento das relações entre o legal e o ilegal e entre a economia criminal e o estado. Não é nossa intenção realizar qualquer tipo de denúncia, mas entender sociologicamente essa intrincada rede de relações sociais na fronteira. Neste sentido é que utilizamos o conceito de “Bazar” para pensar a capilaridade dessas atividades na cidade de Corumbá e sua abrangência também.

Aqui vale um parêntese em relação à baixa apreensão de drogas nos estouros de bocas pela polícia. Essa informação da baixa apreensão foi divulgada e denunciada por um jornal local. Os comerciantes de drogas ilícitas do varejo local usam o dinheiro da venda para sua sobrevivência do dia a dia, apesar de algumas cifras do dinheiro arrecadado com este comércio possam parecer altas, esses *boqueiros* não andam desfilando com carros importados e nem esbanjando dinheiro pelas ruas da cidade. A empresa familiar ou as “pequenas

empresas grandes negócios” geram mais da metade da renda de muitas famílias, em algumas bocas pesquisadas o chefe da família nunca trabalhou em instâncias formais de emprego, em linhas gerais sempre pensou em migrar para Campo Grande, como muitos de seus amigos que fizeram isso pela falta de oportunidades na cidade. A intenção não é dramatizar neste ponto, vitimizando esses atores sociais, como também não é intenção defender a escolha de uma pessoa em vender “pó ou base”, mas sim pensar e compreender o processo que leva uma família inteira a ser presa pela polícia e ninguém pensar o gigantesco problema social que a economia criminal da droga está ocasionando nesta fronteira, notamos isso a partir do trecho abaixo:

Delegado: No mês de setembro nós fizemos uma operação e fechamos muitas bocas em Corumbá, umas 80 só naquele mês. Teve uma boca que fechamos em um dia e no outro já estava vendendo de novo. No primeiro estouro, nós prendemos o chefe da família. Voltamos de como sabemos que eles reabriram a boca, fizemos o trabalho de investigação e estouramos a boca de novo no mês seguinte, dessa vez prédios a mulher e seu genro, neste dia tinha mais um garoto, eu olhei quase o levei junto, mas falei para os agentes deixarem o moleque. Resultado, em dezembro nos voltamos na mesma boca e infelizmente tivemos que prender o moleque⁴⁴.

É preciso frisar a visão deste delegado sobre este problema social que a economia da droga vem acarretando nesta cidade, não apenas no aumento no número de usuários, mas também no grande número de encarceramentos, em que toda uma família foi presa em questão de meses.

O fato é que apesar de a polícia estourar as bocas, como boca é uma empresa familiar, no outro dia novamente já tem algum familiar vendendo de novo, dificultando a eficácia visual (e real) dos efeitos do papel da polícia nesta região. Estoura-se hoje uma boca, amanhã a mesma boca está funcionando de novo.

Neste ponto vale ressaltar que apesar da presença e do trabalho realizado pela polícia nesta localidade, a precariedade estrutural, o baixo contingente de policiais, assim como os baixos salários, afetam diretamente os seus serviços prestados à população⁴⁵. Por isso, entendo que os eventuais policiais, que foram citados nas entrevistas que “correm junto com o

⁴⁴ Trecho retirado da palestra do delegado da 1ª Delegacia de Polícia Civil de Corumbá/MS. O referido delegado da polícia civil explanou no 1º encontro de enfrentamento ao crack realizado em Corumbá nos dias 01 e 02 de julho de 2012.

⁴⁵ Enfatizamos novamente, que não é o intuito desta dissertação denunciar e nem colocar em xeque o trabalho das instituições policiais nesta fronteira, mas sim realizar, através das entrevistas coletadas por interlocutores, uma análise das possíveis relações que se estabelecem nas fronteiras do legal e do ilegal, para compreendermos esse fenômeno sociológico, que acontece em qualquer parte do país, como de todo o mundo. Dessa forma ressalto a importância da participação dos diversos agentes estatais na coibição dos tipos de crime na fronteira, seja o comércio ilegal de drogas, o tráfico de armas e pessoas ou o contrabando.

crime” são uma minoria dentre a força maior de policiais que estão nas ruas protegendo a população e combatendo a expansão do comércio de drogas ilícitas nesta região, entre outros crimes. É louvável, por exemplo, o pensamento deste delegado, ao mostrar este problema social e sua preocupação em pensar saídas para tirar principalmente os jovens desta situação.

4.9 AS RELAÇÕES DE RECIPROCIDADE, DÍVIDAS MORAIS ENTRE O PRESÍDIO E A RUA: A CHEGADA DO COMANDO

Após o primeiro contato há alguns dias atrás, *Thor* me prometeu que traria alguns de seus amigos *boqueiros* para me conhecer e que talvez fossem fazer algumas entrevistas comigo. Logo pela manhã, pego o ônibus em direção à casa de *Thor*, onde já me esperava na frente de sua casa, arrumando um cigarro de maconha e logo dizendo que “os caras” iriam vir, mas o tempo foi passando e logo percebi que eles não viriam, então comecei a entrevistá-lo sem ele perceber.

Thor disse que já havia “puxado cana” e que por várias vezes trabalhou como mula e freelances de *boqueiros*, me contando algumas de suas histórias de passador, uma me interessou e muito, que falava sobre segurança na fronteira.

Thor :“Pô cara, um dos serviços, foi uma vez que um boqueiro me chamou, e era para eu pegar um objeto... sabia que não era furada. Fui até a fronteira, onde logo que atravessei a ponte, fui abordado por um carro, fiquei com medo e logo liguei para o cara no Brasil e ele me disse que esse boliviano que tinha me abordado era a pessoa certa, que era para eu ir com ele, que ele iria me passar o objeto.

Entrei no carro e começamos a dar várias voltas pela Bolívia, confesso que fiquei com puta medo já que não conhecia nada do outro lado, daí chegamos a uma casa onde o boliviano me passou o objeto, para minha surpresa era uma máquina de madeira para fazer cápsulas de droga para as pessoas engoli-las, peguei a máquina e o boliviano me levou até a ponte onde me deixou, e foi embora. "Daí me perguntei como passaria com aquilo pelo posto de fiscalização, fui com a cara e a coragem passei tranquilo, entrei no ônibus cheguei à boca e peguei meu dinheiro pela passagem da máquina”.

Nesse momento, chega um cara vizinho de *Thor* que conhece um pouco das coisas erradas da rua, subentendendo que possivelmente ele já participou de algo e que sossegou com o tempo.

Entra na conversa e papo vai e vem e surge o “tal de comando” na conversa: primeiro na cadeia, de como o comando comanda a venda de droga na cadeia de Corumbá e de como dita as leis lá dentro da cadeia, até mesmo dizendo do envolvimento de determinados policiais com o comando.

Depois começam a falar do comando nas ruas da cidade, até regulando de certa forma os crimes de assalto na cidade e eu escutando tudo não quis perguntar nada naquele momento, mas pude perceber um início de uma organização da criminalidade na cidade, tanto com assaltos como também no tráfico de drogas. (Diário de campo em 13 marc.2011).

Na semana do dia das mães de 2006, o Brasil inteiro viu pelos meios de comunicação a demonstração de força que a organização criminosa chamada Primeiro Comando da Capital demonstrou no estado de São Paulo (cidade foco desses ataques) com vários ataques a ônibus,

policiais e delegacias, contra agentes penitenciários como também contra a população (ADORNO & SALLA, 2007) A rapidez dos ataques e sua magnitude contribuíram para o aumento de sensação de insegurança na cidade. Esses ataques naquele momento (2006) serviram para mostrar, além da força, também o nível de organização e de disseminação da ética do PCC nos sistemas prisionais brasileiros. Nota-se isso pelos inúmeros presídios localizados fora do estado de São Paulo, foco inicial, como em outros estados brasileiros.

A história dessa organização criminosa tem início na década de 1990. O ano era 1993, presídio de Taubaté estado de Pão Paulo, após uma partida de futebol entre a equipe do comando caipira e o primeiro comando da capital que terminou em duas mortes do lado do comando caipira. Após estas mortes foi firmado um pacto entre os detentos, dando inicio a um processo de organização de luta contra os abusos que ocorriam dentro do centro de detenção, como uma forma de proteção contra os funcionários daquela instituição (BIONDI, 2010). Foi redigido um estatuto pelos seus fundadores, justamente na tentativa de regular as ações de violência entre os próprios presos, como também na tentativa de se organizarem e lutarem por melhores condições do sistema penitenciário⁴⁶. (BIONDI, 2010; MARQUES, 2010; DIAS, 2011).

A expansão do PCC nas prisões paulistas ocorreu entre os anos de 1995 á 2006⁴⁷, ano em que foi consolidado seu poder em mais de 90% das prisões paulistas, como também foi constatada sua expansão nos sistemas prisionais brasileiros, como se observou a partir da mega rebelião de 2006. É neste contexto da mega rebelião é que mais interessa para esta dissertação devido à expansão nos presídios pelo Primeiro Comando da Capital.

4.10 PAZ, JUSTIÇA, LIBERDADE, IGUALDADE E UNIÃO⁴⁸: A EXPANSÃO DO PCC NO PRESÍDIO DE CORUMBÁ

Como pontuado anteriormente, a fronteira em questão, devido a uma série de fatores históricos e atuais, transformou-se em um grande entreposto comercial, como também atraiu um grande número de pessoas, assim como existe uma grande transitoriedade de pessoas nesta região: basta olhar para a imigração do lado brasileiro como também do lado boliviano, assim como é preciso falar das pessoas que vêm servir na Marinha e ao Exército brasileiro

⁴⁶ Sobre a fundação Ver Josino (2005); Biondi (2010).

⁴⁷ Ver Dias (2011).

⁴⁸ O acréscimo da palavra União no lema do PCC, foi descrito através de entrevista com ex-presidiários. Em troca de ideias com outros pesquisadores (Karina Biondi e Adalton Marques) sobre este fato, em suas pesquisas de campo ainda não ouviram falar no acréscimo de mais esta palavra no lema do PCC.

situados nesta região. Esta relação de pessoas de “passagem” por esse local reverbera também na condensação das redes ilegais, como também nas prisões que são efetuadas. Muitas dessas prisões estão relacionadas diretamente com o tráfico de drogas internacional: brasileiros, bolivianos, peruanos, húngaros, nigerianos, entre outras nacionalidades estão presos neste presídio. Neste contexto de trânsito nas prisões é que vão ocasionar os primeiros batizados e a gênese do Primeiro Comando da Capital nesta região de fronteira, a partir dos paulistas presos como podemos notar no depoimento abaixo de um ex-detento:

Felix: Em 2006, tinha dois irmãos só, dentro do presídio [...] eu praticamente não estava lá na mega rebelião, mas eu cheguei lá pouco depois ainda estava o fervo da rebelião. Aí o que aconteceu, tinha dois irmãos que estavam no *coró* só que eles não falavam para ninguém que eles eram *irmão*, então quer dizer, a população do prédio ouvia falar do comando, ouvia falar que na máxima⁴⁹ existia, então ali tinha Três Lagoas, tinha Aquidauana, tinha Dourados, tinha Ponta Porã... Tinham esses presídios do estado que ninguém sabia também, foi a hora que os manos que estavam todos escondidos começaram a fazer a *sintonia*. A máxima falou, por que, por exemplo, ele chegou a Corumbá não era estendida a bandeira do comando ainda, aí o irmão chega preso no presídio ele não vai se apresentar ele tem que ver se esta na cadeia do comando, por que se ele chegar à cadeia do comando, ele tem a disciplina de cela representante do solar [...] mesmo que não tem, ele vai e tem o telefone aí ele vai chegar ou nos padrinhos deles ou na *sintonia* que fecha com ele aí ele vai falar:

- ó tô preso em tal lugar não me rebeleie ainda por que não tenho certeza se é facção criminosa ao contrário [...] então é dessa forma.

- A é quem que tá lá em Corumbá? Fulano e fulano, só os dois, - só os dois então os coloquem na linha rastrearam eles por que já estava a mega aqui no MS só tinha na máxima em Três Lagoas e Aquidauana ainda não tinha aí acharam os dois irmãos aí os dois se rebelaram na cadeia.

Dessa forma quando aconteceram a mega, em Corumbá os caras mais velhos é que mandavam, ainda existia o velho sistema de extorsão e outras coisas ruins.

É preciso destacar, logo de início, o fluxo de pessoas, a partir do caso dos paulistas presos. Estes paulistas foram acionados através da *sintonia* no presídio em Campo Grande, de onde procuravam acionar os irmãos em todos os presídios do estado, justamente na função de maximizar a visibilidade da rebelião como também mostrar toda força que a “família” estava alcançando no estado do MS. Nota-se o início do processo de articulação, partindo primeiramente dos paulistas, que buscaram apoio no resto da população, colocando em jogo a implantação da nova ética dentro do sistema, onde ainda reinava a lei do mais forte.

Ao que parece, a enorme aceitação em apoiar a rebelião surgiu com o precedente de mudar a ética antiga do sistema que ainda estava em vigor, ganhando um novo significado,

⁴⁹ Quando aparecer na máxima significa Presídio de segurança máxima situado em Campo Grande capital do estado de Mato Grosso do Sul. Ao que tudo indica na capital o comando foi fundado em algum momento entre 2001 e 2006, pelo que esta sendo apurado nas pesquisas recentes.

redesenhando todo o sistema, acabando com as extorsões, estupros violência dos agentes. Ao que foi apurado até o momento, em entrevistas recentes, este novo sistema de relações “paz, justiça, igualdade e liberdade” propiciou, na cisão dos atores sociais envolvidos com a cadeia, paz dentro do sistema, introduzindo uma nova forma de comportamento dentro do presídio, assim como uma nova forma de convivência, como veremos abaixo:

Pesquisador.- Mas só os dois?

Felix: Acontece que qualquer sistema penitenciário aprova a ética do comando entendeu? Porque não admite a extorsão, nada que venha ao contrário entendeu? É pregada paz, justiça e liberdade e igualdade. O irmão do PCC se torna um soldado da paz dentro do sistema, por que dentro do sistema você tem que viver em paz em primeiro lugar. Então dentro do sistema ele se torna um pastor ele se torna um admirador mesmo da paz, onde que tudo ele resolve da melhor forma, faz acontecer e deixa todo mundo feliz.

A pacificação do presídio através do novo sistema de relações, que pôs fim ao antigo sistema de extorsões que ocorriam, se dá pela propagação desses novos valores: o fato de o pastor ser colocado em questão aponta justamente para o novo espírito ou novos ares que o sistema estava começando a experimentar, ou seja, “a paz entre ladrões” (MARQUES, 2010) que transbordara para a rua principalmente através do sistema de alianças entre o velho sistema que seria a organização familiar das bocas de fumo e suas redes criadas a partir da venda de drogas e receptação de mercadorias e o novo provindo de “fora” da cidade, mas de “dentro” do presídio da cidade.

O “soldado da paz”, aquele que não medirá esforços em acabar com os conflitos internos da vida social, a partir de uma nova dinâmica de discussões, a quebra de alguma regra comportamental está sujeita a alguma sanção pelo meio, mas isso a partir de um intenso processo de discussões o chamado *debate*, como apontado por (DIAS 2010; BIONDI 2010; MARQUES 2010). O pastor (BIONDI, 2009), remetendo a pregação da paz e da ética do comando dentro da prisão para todos que entrem ou saem, que levem consigo os ensinamentos da “família” para difundi-los na rua. O proceder de Marques (2010) “[...] o singular regime de relação política entre os presos e ex-presidiários que vivenciaram, ou vivenciam, suas experiências prisionais em unidades carcerárias sob o domínio do PCC.” (MARQUES, 2010, p.313).

Aí nessa, os dois irmãos viram que a população aqui de Corumbá tinha esse mesmo pensamento, por que todo mundo ouvia falar na televisão e sempre no sistema tem aqueles que já andaram em São Paulo, já foram presos em tal lugar, esses são os primos que conhecem a ética tudo. Aí quando viram que esses dois irmãos eram do PCC [...] e perguntaram a todos em que os apoiavam, e os *correrias*, a maioria eram primos conhecedores da ética do comando né cara? Logo já disseram que apoiariam no que precisasse e foi

nessa que aconteceu a rebelião, iniciando pelo coró⁵⁰ já que os dois irmãos estavam ali.

Novamente é colocado em questão o fluxo de pessoas no presídio de vários estados e países, apontando para uma população considerável de São Paulo que já conhecia a ética impulsionando o movimento de deflagração da rebelião. O apoio da população carcerária nativa, os *correrias* foi fundamental, se uma maioria não aprovasse certamente aquela rebelião não teria acontecido, como também as consequências que gerariam posteriormente (fim da lei dos mais fortes) não teriam terminado de acordo com Dias quando diz:

Essa colaboração só pode ser obtida a partir de negociações com lideranças da população carcerária e, portanto, com a repartição do poder entre administradores e presos e de um reconhecimento informal de estruturas de poder arbitrárias que emergem no seio da população encarcerada, a partir de múltiplas disputas de poder, em geral regadas a sangue. (DIAS, 2011, p.216).

Como vamos ver mais a frente à hora do *sumareio*⁵¹ veio e que os *caguetas*, assim como os “mais fortes”, dentre outros, foram os primeiros a sofrer as consequências desta rebelião, sendo mandados para o seguro⁵² posteriormente. Desta maneira, se deu o início das resoluções dos conflitos através dos primeiros *debates* ocorridos logo após a rebelião de 2006. Como observaremos na entrevista abaixo, através dos paulistas, a rebelião já nasceu de certa forma organizada nos “padrões do comando”:

Pô ai para você vê para quebrar uma cadeia o cara pode pegar qualquer um agente ali e soltar faca nele, mas não para quebrar a cadeia, o comando o que ele faz, sai avisando os agentes – aí senhor larga essa chave e sai correndo por que senão..., aí os caras faz e sai correndo entendeu? Aí que eles inventam a história que os caras quase grudaram ele, mas é mentira. A cadeia do comando quando é quebrada é assim, - e senhor larga essa chave aí e corre. Por que os caras não querem maldade, então foi dessa forma que funcionou.

Quando aconteceu a rebelião os dois irmãos estavam justamente no *coró*, qual que é o *coró* ali? É justamente um dos primeiros pavilhões se entendeu? Tipo assim, eles quebraram ali! Se eles quisessem eles pegavam os agentes que estavam no fundo, só que não, eles fizeram um corredor e mandaram eles passarem, aí já saíram gritando para ninguém matar ninguém, ninguém vai fazer nada até esperar a ordem.

Putz os safados que estavam no meio já ficaram pulando de medo, aí você já começa a ver as facas aparecerem, mas para que? Para que faca? Isso é só por que é instinto do preso, hoje em dia é papel e caneta, é inteligência, é diálogo. Se acontece algo, nós já perguntamos: - mas por que isso senhor? Se a resposta é negativa, por que, não? É assim que funciona hoje em dia, não tem mais faca, colchão amarrado e queimado [...].

⁵⁰ Primeiro pavilhão do presídio.

⁵¹ Levantamento de informações.

⁵² Foram mandados para o seguro aquelas pessoas que não tinham o “proceder” para estar no convívio. Estão inclusos aí, segundo informações, aqueles que deviam dinheiro, muitos dependentes químicos, pois informações, foi proibida a venda de base dentro da cadeia, como também os jacks (estupradores), além dos *caguetas*.

Percebemos com veemência, a racionalidade das mudanças nas estratégias e sua capacidade de planejamento a partir desta rebelião: agora é tudo conforme a lei, usar o sistema a seu favor e a nova tática, sem queimar colchões, quebrar toda a cadeia, sem mortes e motins desordenados, ou seja, tudo isso ficou para trás, regulando-as as situações de dentro do sistema ao máximo a proveito de si próprios. A inteligência acima de tudo.

Passar o cadastro e sumarear - Os primeiros batizados.

Aí veio o seguinte, depois dessa rebelião que teve passou uns dias a Força Nacional foi montada, *putz!* Aí abalou a cidade, como já havia hasteado a bandeira no presídio e mostrado a potência da família, eles (força nacional) não iriam vir de qualquer jeito. Aí o que ele fizeram, ele dividiram os esquadrão para pegar as partes mais principais onde que estavam (os articuladores da rebelião) por que um dos paulistas d, era um da *geral do sistema* desse estado então ele estava aqui, então a maioria das coisas se resolviam daqui e da máxima de Campo Grande [...].

Em Corumbá foi um das primeiras cidades do estado a receber a força nacional que permanece até hoje na cidade. O fato de ser uma cidade de fronteira e pela extensão dessa rebelião no Brasil, deixou todo o aparato de combate à criminalidade em prontidão nesta região, com policiamento ostensivo nas ruas da cidade, com os agentes andando de fuzis na mão, o que até então era algo irreal para uma cidade pacata como Corumbá. A fiscalização nas estradas foi ampliada, a partir de um estado de emergência máxima nesta região. Só vamos observar uma postura desta magnitude do aparato de segurança do estado em 2011, a partir da invasão da polícia e das forças armadas no complexo do alemão no Rio de Janeiro, onde novamente, foi aumentada consideravelmente a fiscalização nesta fronteira, até havendo a revolta da população devido às abordagens dos agentes com a população local.

Ao que parece, o “geral” do estado (do comando) se encontrava no presídio da cidade de Corumbá e então podemos notar a importância da cidade na estratégia da organização, pois era daqui que saíam as ordens de *partidas* para outras partes do país, e uma organização como essa, situada em uma fronteira, que é conhecida como uma das principais portas de entradas de pasta base de cocaína para o Brasil contribuiu para o aumento da fiscalização do estado nesta região.

Neste contexto de insegurança pública é que se situa a gênese do Primeiro Comando da Capital a partir da fundação de sua célula nesta região, como veremos abaixo:

[...] aí esse paulista ele chegou lá e começou a lançar cadastro.

Pesquisador. o que é cadastro?

Felix : Cadastro é aonde vem escrito o nome completo, o vulgo de rua, o número da matrícula, tudo isso relativo à avaliação das possíveis entradas de parte da população no comando. Nesse cadastro é que você entra em avaliação ou se você é *primo leal* ou se você futuramente pretende ser

avaliado. Quando é futuramente para ser avaliado, é quando já houve o convite, mas há pessoas que já recusou a primeira oferta. Nesse contexto a situação estava tensa porque na lista estava muita gente *sumareado*, para ir direto para o seguro e o coro comento solto lá dentro...os caras que davam uma de *maludoe* iam contra a ordem apanhavam muito e mandavam para o seguro [...]. Dai já começou a ter as funções mais bem estabelecidas lá dentro como piloto, disciplina da sela, o disciplina do solar [...]isso já em 2006.

Neste momento a expansão do comando na cadeia se dá pelo meio da força, força essa da maioria da população carcerária, que concordava com as novas ideias provindas do lema do comando. Esta expansão por meio da violência, para aqueles que não concordavam, os “*maludos*”, como também o levantamento de informações (*sumarear*) de cada detento tinham o intuito de saber que eram os homens “proceder”. O *sumareio* visava separar o “joio do trigo” como me foi dito. Esta expansão interna dentro dos presídios paulistas se inicia a partir de 1995 e vai até o ano de 2006, onde se consolida o domínio dessa facção na maioria dos presídios paulistas (MARQUES, 2009; DIAS 2010). Em Corumbá, ao que parece, não foi diferente. A expressão, o “coro comendo” está justamente ligada aos *maludos*. O importante disso, é que abre precedente para a própria expansão do PCC nos presídios do interior do Mato Grosso do Sul a partir de 2006. Ao que parece, na capital, a célula já estava montada desde 2001, isso é uma hipótese que necessita de mais estudos. Voltando as atenções para os primeiros batismos em Corumbá:

[...] Para você ver como os cara eram inteligentes, aqui eram só dois (em Corumbá) e para cima⁵³ já eram mais de 30. Aí na questão dos batismos, para quem eles deram preferência foi para os de São Paulo, para quem morava em São Paulo, passou o cadastro para saber quem mora em São Paulo. Eu lembro mais ou menos que tinham 43 paulistas no cadastro, desses 43 paulistas tinham 7 ou 8 que não queriam batizar, outros que ficaram indecisos, eu sei que o primeiro batismo foi só batismo de paulista foram 14 caras que batizaram.

Batizou hoje, no outro dia de madrugada cantou um *bonde*, a Força Nacional estava aí né?Aí já levou 8 e aí ficou 6 só, os 2 primeiros que estavam aqui foi só eles batizarem os caras e foram embora nesse bonde...então batizou catorze e nesse bonde subiu eles e mais 8, aí ficou 6 irmãos batizados novos, *cruzão* paulistas, aí na marra começaram a agilizar as coisas.

Percebe-se que o PCC em Corumbá começa a se articular a partir de presos de São Paulo. Percebe-se também, a partir daí a convivência de “duas lógicas” na cidade: a “do comando”, de dentro da cadeia e da ordem local, das ruas de Corumbá. Ao que parece a preferência por batizar os paulistas primeiro, foi devida à falta de conhecimento da criminalidade ou mesmo pelo fato de que seria, de maior viabilidade batizar quem já havia

⁵³ Presídio de segurança máxima de Campo Grande.

vivenciado a ética em outros presídios, e dessa forma ter uma maior amplitude de ação na hora de “pregar” as novas regras de conduta dentro do presídio. É impossível precisar isso com clareza até o momento, mas é fato que esses primeiros batizados a partir dos paulistas deram frutos, multiplicaram-se as “ovelhas dos pastores”. Após o *bonde* que levou mais da metade dos irmãos é que se iniciaram os batismos com os primeiros corumbaenses dentro do sistema.

[...] no contexto da rebelião é que os caras se mostram na hora, se você vai, nós também vamos juntos, pode contar com nós. Na rebelião quem estava no comando da situação eram os paulistas que estavam ali, a partir daí que eles começaram a ver que em Corumbá também tinha bandido.

Mas quem foram os primeiros batizados? Quais as circunstâncias que fizeram com que pessoas entrassem dentro dessa organização? Seria uma lógica externa se sobrepondo à lógica interna da criminalidade? Quem eram as pessoas que estavam presas naquele momento?

4.11 O GANGUEIRO

Entramos em um ponto importante no contexto de “conquista” do presídio, pois percebemos que os primeiros batizados tinham um alvo: o gangueiro. É necessário contextualizarmos em poucas linhas a questão das gangues em Corumbá (embora não seja este o objetivo principal deste trabalho).

Desde a metade da década de 1970, iniciou-se o processo de territorialização das galeras de bairro, originando posteriormente as chamadas gangues em Corumbá. É fato que, por muito tempo, as gangues em Corumbá foram umas das maiores preocupações da segurança pública até os anos de 2000⁵⁴, quando se iniciou o processo de “extinção” dessas gangues. Atualmente não se percebe mais a movimentação de jovens que outrora era motivo de muitas confusões (brigas em festas principalmente) e trocas de tiros em Corumbá.

Qual que é o sonho do corumbaense gangueiro que entra na facção? É encontrar uma quadrilha para assaltar banco nessas cidadezinhas, aí aparecer na televisão mascarado, com um fuzilzão, esse é o sonho do corumbaense gangueiro [...] por que o gangueiro de Corumbá começa roubando bicicleta, corrente, celular (que não tinha no meu tempo) daí o tempo vai e o pensamento deles vai evoluindo depois já pensam em roubar banco, carro forte.

É neste depoimento que se insere os atores sociais desta entrevista, que estavam naquele momento da rebelião no presídio, principalmente os gangueiros, que foram presos por porte de arma ou por homicídio devido às rixas entre as gangues.

⁵⁴ Dados coletados através de pesquisas recentes sobre as referidas gangues em Corumbá. Ainda é difícil precisar o contexto do surgimento e os motivos, mas ao que parece um dos marcos seria os anos da década de 1980.

Um dos interlocutores desta entrevista demonstra melhor esta passagem do “instinto” de gangueiro para a “ética” do comando, a partir de seu *sumareio*em que foi acusado de *cagueta* por outro detento. Notamos também, nessa passagem, a intercessão de um irmão que o conhecia da rua, como veremos a seguir:

[...] Aí o que aconteceu? Chegou um paulista da rua que já morava em Corumbá, conhecia a ladrãozada toda de Corumbá, há muito tempo conhecido nosso e ninguém sabia que o cara era do comando. Quando ele chegou lá dentro, já chegou como piloto do prédio...eu o via trocando ideias com os outros irmãos... Aí ele veio e me convidou para entrar no comando, dizendo que eu iria ser seu primeiro afilhado. Mas, como eu tinha sido *sumareado* por uma possível *caguetagem* quando eu entrei no prédio coisa que não se confirmou⁵⁵, o outro irmão o repreendeu colocando meu caráter em jogo. Aí eu cresci para cima dele dizendo que já tinham provado que eu não tinha *caguetado*ninguém...cresci mesmo para cima dele e o acusei de estar me chamando de *cagueta*. Aí o cara disse que eu tinha chegado em um *sumareio* e não que eu era *cagueta*, eu não sabia o que tinha dado, então vou ter que alertar meu irmão.

Neste momento observamos a força e a coesão da nova lógica, na qual cada *irmão* observa o outro, um sendo os olhos do outro. Caso uma informação não chegue a um dos *irmãos*, como aconteceu na desavença acima descrita, o outro *irmão* tem o dever de alertá-lo sobre seu erro. Nesta ética, a humildade é um fator importante que o *irmão* deve ter como conduta e valor (BIONDI, 2010).

Há de se observar também o porquê da preocupação do irmão em alertar sobre a situação do convite feito ao interlocutor, já que, como apontado por Biondi (2010) cada padrinho é responsável por seus afilhados, mas não por todos os atos que o seu afilhado fizer. Isso pode acarretar algum tipo de consequência para o padrinho, e dessa forma o padrinho pensa em muitas situações antes de fazer o convite a alguém. Para que esse convite ocorra, a pessoa ou o candidato a *irmão* deve mostrar que “corre lado a lado com o crime” (BIONDI, 2010), ou nos termos locais, “o moleque tem que ser apetitoso”. É importante ressaltar que esta nova lógica não se sobrepõe a lógica local do crime, mas sim se mesclam formando um novo padrão da criminalidade local, como veremos mais abaixo:

Aí você já vê a união que os caras têm é um defendendo o outro, qualquer coisa que um irmão não está vendo o outro irmão já é informado é um cuidando o outro para ver se ele tá *tapado* se ta acontecendo coisa e ele não ta vendo e é assim que funciona. Bom daí você viu o que aconteceu, ele o cara chegou e fez o convite para mim porque ele me conhecia da rua, dizendo que botava fé em mim, aí, mas o outro irmão o informou do que havia ocorrido comigo que fui *sumariado* ao chegar à faculdade, logo disse que a responsabilidade sobre mim era desse que havia me convidado, e tudo

⁵⁵ Após o *sumareio* foi constatado que o acusador é que foi a pessoa que tinha *caguetado* e não o interlocutor.

que eu fizesse de errado cairia sobre ele. Aí eu fui aprendendo esse tipo de união e principalmente a ética. (este é um exemplo).

Dessa forma lanço a hipótese do reordenamento do crime a partir da interação entre PCC e uma parcela de pessoas que integravam as gangues e estavam presas naquele momento, como também dos que viriam posteriormente a serem presos neste presídio. O gangueiro sendo “educado” com a nova lógica e uma nova ética. Esta hipótese pode ser reforçada com a continuação da entrevista.

Olha, hoje em dia, retornando àquilo que eu dizia sobre as gangues, hoje eu tenho muitos irmãos que antigamente era meu inimigo por causa das gangues. Por exemplo, tem um cara que dormia do meu lado no sela e eu tinha matado o irmão dele, no começo eu não dormia tranquilo para te dizer a verdade, mas com o passar do tempo e o dia a dia com a ética do comando e a própria fidelidade que ele mostrou e eu mostrei para ele a desavença cessou. Mas lá dentro, você sempre tem que ficar ligado porque pode rolar *traíragem* você tem que escalar que vai ficar do seu lado. Eu por exemplo se eu chegar lá de novo, já me dão o piloto do prédio ou do solar de onde eu estiver se tiver outro irmão mais experiente do que eu lá eu posso assumir outras funções. Então quando você cresce dentro do crime, você chega a um lugar já arruma um cargo e o cargo tem que ser valorizado porque qualquer decisão você pode pagar pela mesma.

O cara entra no presídio como gangueiro “ladrão de galinha” – “comédia” – lá dentro ele ganha um novo status (não só entre a “família” / bandidagem, mas entre a polícia), ganha uma posição na “hierarquia⁵⁶” um exemplo em sua fala – “quando eu voltar assumo outra função de destaque” conquista-se uma “carreira” no crime através de seu *proceder* dentro e fora do presídio. Neste momento é que dá a transição da “gangue para o crime”:

Na hora que ele saiu, ele esqueceu tudinho o que ele viveu e aprendeu e o que sofreu lá dentro, mas ele se lembra de tudinho da disciplina, hierarquia ele se lembra do que foi falado lá dentro. Ai quando ele sai, a primeira coisa que ele faz é falar na gangue dele, ai é aonde ele pulou da gangue para o crime, e os gangueiros continuaram lá. Ai eles vão para cadeia e conhecem a ética e assim continua. Às vezes podem até dizer que: - não, eu não entrei para o comando. Aí tá bebendo vem alguém que já deu uma *cruzada* nele aí já vai lá e *sapeca*, mas não é aquele gangueirão que era então volta de novo para lá (cadeia) ou então envolve com os irmãos na rua que já estão roubando... Aí a mente dele já vai mudando.

Novamente notamos a passagem pelo encarceramento, um dos principais indutores dos batizados e da disseminação da nova lógica e ética nas ruas de Corumbá e região em primeira instância. Todo este processo resulta na própria mudança do pensamento do gangueiro em arrumar confusão ou *rolo* com pessoas de outros bairros. A partir desses fatos podemos apontar outra hipótese, de que muitos desses gangueiros também já estavam

⁵⁶ O debate mais aprofundado sobre essas relações de conflitantes entre hierarquia e a negação dela, ver BIONDI,2010.

envolvidos com o comércio ilícito de drogas, facilitando a entrada dessa ética ou nova lógica dentro do comércio independente como foi notado em algumas entrevistas.

4.12 PROCESSO DE EXPANSÃO DO COMANDO EM CORUMBÁ - ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Pesquisador: Mas me diz aí, quantas pessoas você conhece da época das gangues que se batizaram?

Todos de Corumbá que são irmãos foram gangueiros, depois dos batizados e os paulistas irem de bonde, a cidade inteira começou a ouvir falar da ética do comando. Aí é a expansão, você batizou você tem que expandir, dar fruto, foi o que os paulistas fizeram aqui na cidade, foi quando eles passaram o cadastro dos *primos leal* entendeu? E isso deu mais de 200 *primos* cara só aqui em Corumbá; *gangueiro*, traficante todos que apoiavam a ética.

Pesquisador: O que é um *primo*? O *primo* é aquele que corre junto com o comando, está lado a lado com o *irmão* para o que der e vier, sempre respeitando as decisões do *irmão*, mesmo se ele estiver errado, ele vira as costas e vai embora, mas ele vai cobrar do *irmão* depois a decisão. Mas se o irmão falou ele tem que acatar, por que o irmão é o espelho. O *primo leal* às vezes tem muito mais autonomia, autoridade e visão do que um irmão às vezes. Para você ver eu mesmo aprendi toda ética do comando com um *primo*, o cara é mais novo do que eu, e até hoje o cara continua *primo* e é assim cara.

Desta forma o processo de expansão do PCC na fronteira se dá a partir da implantação de uma nova ética do crime/ baseado em modelos de comportamento e vigilância e controle dos/pelos mesmos. O impacto do primeiro cadastramento é de suma importância para entendermos a forma que se deu a expansão. Fruto de um processo de urgência de uma força que pudesse regular as extorsões, que se acaba com a lei dos mais fortes, reordenando assim as relações com o aparato local de enfrentamento da criminalidade e das próprias relações de vizinhança discutidas no início deste capítulo.

Notamos também a importância do *primo leal* nestas relações de alianças e de disseminação da ética e por isso volto dar ênfase para as relações entre o gangueiro e o *primo leal*. Como a função do *primo leal* não é de total submissão à família como no caso do *irmão* já batizado (que tem toda uma série de compromissos que sua posição lhe oferece), a mesma se torna mais atraente para a entrada do gangueiro (nos remetendo ao movimento do comando na rua). Dessa forma, observaremos a lógica comportamental do gangueiro em contraste com a nova lógica do mundo do crime, da delinquência saltando para o crime:

Inclusive tem alguns afilhados nossos ai que nós fomos fazer loucura (é que quando você é batizado, você tem que expandir dar fruto) de batizar eles com 19 e 18 anos, por que esse é o pique do auge, o cara tá bombando ai

nem bem sai da cadeia (após conhecer a ética) ai saíram para a rua sem experiência né cara i chega no meio da gangue dele lá ai já começa a pagar de comando ai toma cachaça tá andando com outro gangueiro do lado, ai sai um tiro ai já quer envolver a família no meio às vezes, por exemplo, eu quando sai da cadeia tinha 3 afilhados, chegou um dia os caras me ligaram de madrugada, pedindo um *aval*, para matar um cara que tinha dado uma latada no rosto de um deles, e esse cara era conhecido meu. Pô! Para eu dar um *aval*, ai eu falei calma ai não é assim.

Sabe por quê? Porque eu não posso dar um *aval* assim do nada, eu tenho que chegar a outra *sintonia* que fecha comigo, tenho que saber a opinião de outros caras primeiro tenho que ver a *sintonia* que fecha comigo antes de tomar atitude assim, dei uma ordem para eles irem para casa deles que eu no outro dia estaria La pela manhã. No outro dia fui a casa deles e os excluí.

Pô o cara me liga de madrugada pedindo um *aval*? Por que o cara tomou uma latada na cara! Por que, que o cara deu uma latada em sua cara? Alguma coisa você fez, ou com que você estava, por que se for para ele te prejudicar ele vai te dar um tiro e não uma latada na cara. Então quer dizer, nós não somos mais gangueiro! Nós somos uma facção. Ai o outro achou ruim, começou a reclamar! Gangueiro também! Mesmo instinto. Quer dizer, se os dois tivessem junto eles fariam merda!

Como o comportamento explícito do gangueiro – com mostras de masculinidade/violência começam a entrar em conflito com o comportamento mais implícito/escondido e “profissional” exigido pelo comando. A visibilidade, o “ser reconhecido” pelo seu rival com o maioral, ou para seu grupo e para as mulheres como o mais forte, ou seja, o ethos masculino que o gangueiro prezava cai por terra diante da nova responsabilidade que assume com a família (após o batismo) e não mais com seu grupo local do bairro. Suas ações serão mais pontuais e maiores em envergadura e quase ninguém poderá ficar sabendo, já que o irmão deve sempre ser o mais humilde, coisa que não aconteceria na lógica do gangueiro que se roubasse uma moto certamente falaria para todo o bairro de sua peripécia.

Essa foi o inicio da disciplina nas gangues, sabe por que, olha só, o gangueiro tá lá 18 anos dando tiro em outro gangueiro, de repente, putz, o pegaram com um revolver! Então ele vai lá para cima, então quer dizer, ele só foi preso com uma arma, ele não matou ninguém para roubar, então ele vai direto para o convívio e é tratado com maior respeito por todos, então ele fica ali só olhando, o que acontece, ele fica ali uns 45 dias ou 6 meses, por porte de arma né, agora nem vai mais preso, ai ele fica ali. E pá! Saiu!

Já teve muitos que a partir disso já chegaram a mim falando que queria morrer rolo em tal lugar, ai eu disse para ele que nós iríamos lá para te ajudar nisso, mas fiz uma ressalva para ele, disse para ele que se os moleques da outra gangue disserem que você voltou a cassar rolo com eles de novo você já era! Ele concordou. E muitos gangueiros param com rolos assim com a ajuda da família, se vê hoje não tem mais gangues o que tem é só uma gurizadinha por que essa gurizadinha já tem uma ideia que é o comando que ta ai, e já pensam, - vou ser gangueiro? Vô sair dando tiro nos outros? Não pô, não pode mais isso. E nesses embalos ai a mente dos caras vai crescendo e vai tendo outra visão.

Neste ponto lanço mais uma hipótese para futuros estudos, que seria, o papel do PCC na “disciplina” das gangues. O “morrer rolo” muito importante em outras horas para o gangueiro poder transitar em outras regiões restritas, eram feitas através de brigas marcadas ou uma retaliação que soasse suficientemente válida entre ambas as partes ou até mesmo uma possível a união entre gangues. Essas questões foram transferidas em algum momento (é necessário mais pesquisas, entretanto) para a família, que no momento estava crescendo, a ponto de haver a concordância de uma gangue inteira em morrer o *rolo* antigo. Esta situação para o comando é de suma importância, já que é uma organização que estava crescendo e precisava de livre acesso nos bairros, e os *rolos* entre as gangues dificultavam este crescimento, morrendo um rolo aqui e ali, difundido a ética aqui e ali, iniciou-se a disciplina entre as gangues.

Neste processo é que ganha importância uma frase que eu escutei de um ex-gangueiro quando diz sobre as gangues “Cara a gurizada hoje não quer mais brigar dar tiro um no outro, ele quer mais é se adiantar, ganhar dinheiro para sair, gastar com mulher ou comprar seu pó” 22/10/2011. O ganhar dinheiro é a lógica do momento, como o trecho abaixo nos mostra:

O gangueiro não liga para porra nenhuma não, o gangueiro vai ali rouba uma corrente e já acha que ele é criminoso, aí a primeira coisa que ele faz, se ele cheira, ele compra pó e cachaça ai de vez em quando ele se lembra de um kennerzinho (chinelo da moda), uma bermudinha. Agora o ladrão já não né, ele quer se adiantar, ele não sai para fazer cena para ganhar menos de 1000 reais não, também dele da uma na semana ou uma no mês, às vezes da uma cacetada ali e ganha 2000 mil reais, o assalariado fica com 2000 mil reais por quatro meses ladrão no outro dia já não tem quase nada, mas você vai ver a casa do cara, ele tem tudo o que ele quer.

Por que o gangueiro ele se preocupa com a visão, ele quer ter fama, ele quer que todo mundo fale dele – putz você viu fulano, ele chegou ao meio de todo mundo e arrancou o revolver e largo bala. Ai o cara fica até rindo, alegre quando fala. Agora o ladrão não, ele gosta de falar assim, ele chega a você e diz – me empresta cinco reais para eu comprar uma carne ali, mas se você olhar no bolso dele ta cheio de dinheiro, a geladeira dele ta cheia, mas ele não gosta da visão, ele quer que todo mundo tire os olhos dele. Mas esse pensamento que eu tenho é depois de muito sofrimento, agora imagina se um guri de 18 anos adquire esse pensamento, ele vai ser o melhor dos bandidos! Chega à minha idade o cara já até abriu uma firma própria para lavar dinheiro.

Essa última parte corrobora a visão de que entrar para o comando significa uma espécie de “profissionalização” do criminoso, um “rito de passagem” do gangueiro para o bandido – representado na ideia de abrir uma firma própria – no que consideramos uma lógica do empreendedor. Enquanto o gangueiro ainda tem um pensamento no momento o bandido tem os olhos no momento e no futuro. A mudança desta visão por parte de muitos gangueiros, a partir da entrada do comando nesta região, está norteada justamente na expansão do

conhecimento da ética no meio das “galeras” dos bairros de Corumbá. Em minhas incursões a campo ouvi menção a um possível *piloto de rua* como o *piloto de bairro*, mas ainda é necessário mais pesquisas para pensar em sua existência como também em sua real proporção na regulação das ações da criminalidade em suas diferentes localidades dessa região.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao encaminhar-me para a conclusão deste trabalho, penso nestes três anos de pesquisa que venho desenvolvendo e penso nas pessoas que conheci nos lugares por onde passei, nas situações tanto vivenciadas quanto percebidas e nas situações familiares de cada pessoa que conheci que cederam seus depoimentos. Dessas pessoas, umas já estão presas, outras continuam na rua, em seu cotidiano de sobrevivência. O meu “eu”, “simples” e intruso, chegando de mochila nas costas, recortando a vida cotidiana dessas pessoas. O meu “eu” observador, na capacidade e prepotência em tentar entender o cotidiano dessas pessoas e passar isso para o papel com seus consentimentos (e sentimentos), na tentativa de dar voz a essas pessoas tão estigmatizadas publicamente como “destruidores de vida”, ou “pessoas perigosas” e que na verdade, em sua grande maioria, nas bocas familiares, se tratam de pessoas comuns, que não necessariamente utilizam da violência no cotidiano, caindo por terra assim aquela visão mitológica que emana das representações a partir do tráfico de drogas do Rio de Janeiro, tão difundido pela mídia. Estas pessoas estão inseridas diretamente no cotidiano da cidade, e, em geral, não são pessoas que desfilam de carros importados pelas ruas, por mais que algumas cifras de ganhos sejam aparentemente altas. Estas são pessoas em sua maioria humildes e que usam o dinheiro ganho em atividades ilícitas como um complemento de sua renda mensal, provinda de um trabalho, seja formal ou informal ou mesmo como única renda de toda família.

O meu medo e precaução sempre foram o meu combustível em estar sempre perseguindo situações que muitas pessoas não se arriscariam, devido ao próprio risco à integridade pessoal, situações essas muitas vezes freadas (em campo) por meu orientador, percebendo talvez minha falta de experiência ou mesmo pela minha gana em tentar conseguir o máximo de material possível para a conclusão deste trabalho.

Desde o início desta pesquisa, um dos focos principais estava justamente na compreensão das dinâmicas específicas de integração funcional decorrentes do comércio de drogas ilícitas nesta região de fronteira e a partir de então, tentar entender o processo de formação das redes ilegais no atacado e principalmente no varejo de drogas na cidade de Corumbá/Brasil, a partir da visão dos atores sociais envolvidos neste tipo de comércio.

Neste sentido o diferencial fronteiriço ao que parece é um dos princípios básicos da formação das redes ilegais nesta região, a partir da integração funcional e suas arestas (interação invisível). O recurso econômico e social e também político, respaldam uma maior integração dos habitantes fronteiriços, as chamadas competências circulatórias se apresentam

através dos fatores de integração dessas redes, criadas a partir dos laços econômicos, por esta interação invisível a partir da qual resultam em complexas redes de trabalhadores (precários) e as simbioses com os agentes estatais.

As transformações do trabalho notadas primeiramente por Ruggiero & South (1996) colocam em voga uma nova perspectiva para os estudos sobre o trabalho e o trabalhador moderno, em que as “mobilidades laterais” resultantes das transversalidades que o trabalhador passa entre o lícito para o ilícito. Esses processos demonstram a própria mudança na postura da moral na realização de determinadas atividades, o que é constatado nos estudos de Vera Telles (2007, 2008, 2010). Estas transversalidades e a imbricação do legal e do ilegal são partes cotidianas da realidade de Corumbá como desta região de fronteira, seja com os moto-taxistas com os comerciantes de drogas ilícitas ou por parte do contrabando formiga (COSTA, OLIVEIRA & CAMPOS, 2012).

Deste modo o “bazar corumbaense” ou sendo mais ousado, o “bazar fronteiriço” desta semi-conurbação que envolve Puerto Suarez-Puerto Quijarro/Bolivia e Corumbá-Ladário/Brasil, está envolto em cenário maior que é o fluxo de mercadorias internacionais que a cada dia aumenta devido ao corredor bioceânico. Toda essa riqueza dos fluxos internacionais que passa por essa região, contrasta com a realidade precária local.

Neste sentido o avanço na economia da droga é constatado a partir do número gigantesco de bocas de fumo (estimativas de mais de 280 bocas, segundo dados da polícia civil) para uma cidade de pouco mais de cem mil habitantes. Dessa forma o “bazar corumbaense ou fronteiriço” toma forma.

A primeira peculiaridade deste comércio nesta região está justamente nas formas e meio em conseguir a droga. Enquanto a droga para chegar a um grande centro urbano torna-se necessário um emaranhado de trabalhadores e uma logística complexa, nesta região, os traficantes (visão do estado) conseguem a droga no país produtor, sem precisar de grandes “esforços”. Lembro-me neste momento a pergunta de um professor quando indagou a seguinte questão: porque em Corumbá até hoje não existe uma cracolândia⁵⁷? Primeiramente respondi corrigindo-o dizendo que o certo seria supor uma “baselândia”, de qualquer forma a minha resposta para isso foi - é porque o “pó” é barato e por conseguinte a base também. Isso nos remete a uma das primeiras considerações importantes deste trabalho, que é o aumento significativo dos usuários de cocaína na cidade. O resultado mais visível deste processo iniciado pelo uso da cocaína são os chamados *pipeiros* (são aqueles que na maioria das vezes

⁵⁷ Em três anos de trabalho de campo eu nunca presenciei o crack nos locais que visitei, somente basta base, apesar de ter visto em um jornal online da cidade uma pequena apreensão de crack com uma pessoa.

que escutei através das entrevistas, não seguraram a ‘onda’ em usar cocaína extrapolando seu uso e desta forma ficando sem dinheiro para comprá-la, acabando assim usando a base que é muito mais barata) que já estão no nível de degradação humana igual ao do crack. A expansão do mercado da cocaína no varejo local é fruto da facilidade em conseguir a droga como também da demanda crescente de usuários, isso também acontece com o aumento de *bocas* que vendem a base. Devido à proximidade com o país produtor e fornecedores, o produto chega com mais facilidade nas *bocas* como também se torna muito barata para a venda ao consumidor, isso é refletido nas variabilidades de preços existentes na “tabela de rua” e que dependendo da ocasião podem ser negociáveis.

Seguindo esta linha de raciocínio, entro primeiramente nas relações de vizinhança, parentesco e proximidade tão presentes na cidade de Corumbá. A lógica do empreendedor, as “pequenas empresas grandes negócios”, são feições locais e que estão inseridas na própria gestão local do crime. Os *boqueiros* que montam seus negócios para escamotear a venda da mercadoria ilícita, ou mesmo aqueles que não conseguem montar seu pequeno negócio lícito, se tornam quase como “guardas da vizinhança local” impedindo ao máximo possível que ocorram roubos perto de sua “quebrada” e desta forma, diminuem a possibilidade de denúncia da *boca* pela vizinhança para a polícia. Nestas relações é que se inicia a dinâmica do “bazar corumbaense”. A *boca*, a vizinhança, a polícia e mais recentemente o PCC.

Neste sentido, novamente coloco em evidência a distinção conceitual entre “indivíduo” e a “pessoa”, que norteia consideravelmente as relações que se dão neste “bazar”, relações de vizinhança, pessoais e o passo seguinte em sua transcendência que seria a mercadoria política. Seguindo a distinção de Da Matta, é curioso como se dão estas transcendências, dependendo das polícias que se situam nesta fronteira, tornando mais complexas essas relações de vizinhança à medida que o aparato do estado aumenta e a rotatividade dos agentes também, ou seja, o jogo das relações de poder como também de respeito que emanam destas relações, tendem a se modificar, dependendo da instituição de fiscalização e segurança que está no momento fazendo uma batida, por exemplo. As situações de uma batida da Polícia Civil e da Força Nacional, certamente serão diferentes na abordagem e também nas negociações que possam surgir, por exemplo: no caso da força Nacional, são agentes que “ninguém” conhece e podem-se gerar outras situações. Seguindo esta lógica, as lógicas das polícias desta fronteira repercutem diretamente nas relações de possíveis trocas

cordiais provindas das relações de vizinhança⁵⁸, como relatado por alguns interlocutores. Essas relações de regulação valem também nas remessas para fora de Corumbá, que exigem um grau maior de complexidade das relações geralmente reguladas pelas mercadorias políticas.

Acrescentando mais um ingrediente neste “bazar”, a entrada dos comandos⁵⁹ nesta região com mais afinco a partir de 2006. A entrada de uma nova lógica do crime de fora da cidade, porém de dentro de uma instituição do estado e sua reprodução dentro dela tornaram mais complexas as relações do crime na localidade.

O sistema de alianças formadas a partir do presídio/rua ainda não se sobrepõe à lógica local do crime e, principalmente, quando se diz nas relações na venda de drogas. O que foi constatado, é que o comando não interfere nas *bocas* independentes, mas existem os sistemas de alianças, já que a nova ética desta ordem está baseada justamente no “espaço para todos”, por que “todos” podem sair ganhando de alguma forma.

Detendo-nos ainda nesta questão da atuação do comando nesta região, a partir do presídio/rua, já é possível apontar para a transnacionalização do PCC, ou seja, bolivianos já podem estar integrando a família, resta saber como funcionam essas relações e suas dimensões.

Neste ponto há muitas perguntas sem resposta como: em qual medida o PCC tem participação no apaziguamento e no possível controle das gangues nos bairros de Corumbá a partir de 2006? Se isso aconteceu, como se dão as regulações de sua ética nas ruas junto das galeras?

Por fim, concluo que observando a conjuntura dessas relações entre *bocas*, PCC, polícia, tornou-se evidente que as regulações da ordem local do crime que passam por essas instâncias estão em fase de transição. É difícil neste momento apontar ao certo como será esta realidade daqui a alguns anos, mas é evidente que devido à entrada do comando nesta região, o nível de organização da criminalidade local tende a se tornar mais complexo, como também suas relações com o aparato estatal.

⁵⁸ Um exemplo foi uma situação relatada por um interlocutor que, em muitas vezes foi alertado por um agente a não dar muito flagrante na venda, porque se não ficaria difícil não prendê-lo, e ele não gostaria de fazer isso porque eram conhecidos de longa data.

⁵⁹ Há indícios de que o comando vermelho atua também nesta região, porém em menor escala.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, S e SALLIA, F. **Criminalidade organizada nas prisões e os ataques do PCC**. Estudos Avançados 21 (61), 2007.
- BATISTA, Vera Malaguti. **Difíceis ganhos fáceis: drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Instituto Carioca de Criminologia. Freitas Bastos, 1999.
- BECKER, Bertha K. 1985. **Fronteira e urbanização repensadas**. Revista Brasileira de Geografia. Rio de Janeiro, ano 47, n. 3/ 4, p.315-476.
- BENTANCOR ROSÉS, Gladys T. **Las fronteras en un contexto de cambios: la vida cotidiana en ciudades gemelas-rivera (Uruguay) y santana do livramento (Brasil)**. Ateliê Geográfico Goiânia-GO v. 2, n. 3 maio/2008 p.18-42.
- BIONDI, Karina. **A ética evangélica e o espírito do crime**. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho. Bahia: Porto Seguro.
- _____. **Junto e misturado: uma etnografia do PCC**. São Paulo : editora Terceiro Nome, 2010.
- BOURGOIS, Felipe. **En busca de respeito: vendendo crack em Harlem**. 1ª ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Editores, 2010.
- DIAS, Camila Caldeira Nunes. **Da guerra à gestão: a trajetória do Primeiro Comando da Capital (PCC) nas prisões de São Paulo**. Revista Percurso: Sociedade, Natureza e Cultura. Ano VIII, No. 10, 2009, Vol. 02, pp. 79-96
- _____. **Estado e PCC em meio às tramas do poder arbitrário nas prisões**. Tempo Social, Revista de sociologia da USP, v. 23, n. 2. p. 213-233.
- CHOMBART DE LAUWE, P.H. **A organização social no meio urbano em Otávio Velho (org.) O Fenômeno Urbano**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1967.
- COSTA, Gustavo Villela Lima. **Contrabando para quem? Controle e (in)disciplina na fronteira Brasil - Bolívia, em Corumbá-MS**. No prelo. Artigo aprovado para o II Congresso do NUCLEAS, 22- 26 setembro de 2010.
- DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 272p. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.
- DORFMAN, Adriana. **Fronteira e contrabando em Santana do Livramento (BR)- Rivera (UY)**. Boletim Gaúcho de Geografia, v. 32, p. 75-92, 2008.
- ESSELIN, Paulo Marcos. **A Gênese de Corumbá. Confluências das Frentes Espanhol e Portuguesa em Mato Grosso, 1536-1778**. Campo Grande: UFMS, 2000.
- FEFFERMANN, Marisa. **O cotidiano dos jovens trabalhadores do tráfico**. Palestra realizada em em 04 de Setembro de 2008. Seminário de Segurança Urbana e Juventude,

Araraquara, v.1, n.2, 2008. Disponível em:
<seer.fclar.unesp.br/seguranca/article/download/1383/1084>. Acesso em: 20 set.2012.

FELTRAN, Gabriel de Santis. **“Trabalhadores e bandidos: categorias de nomeação, significados políticos”**. Revista temáticas, ano 30, vol. 15, pp. 11-50, 2007.

GRILLO, Caroline Christoph. **O “Morro” e a “Pista”: um estudo comparado de dinâmicas do comércio ilegal de drogas**. Revista Dilemas N. 1, Vol. 1 (JUL/AGO/SET 2008).

GRIMSON, Alejandro. **Pensar Fronteras desde lasFronteras**. Nueva Sociedad.n.170. Noviembre-Diciembre. Honduras, 2000.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: noções sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1982. 152 p.

HIRATA, Daniel Veloso. **Sobreviver na adversidade: Entre o mercado e a vida**. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA- IBGE. Disponível em:
<<http://www.ibge.gov.br/home/>>. Acesso em: 08 jan.2013.

MACHADO, Lia Osório. **Limites, fronteiras e redes in:T.M.Strohaecker, A.Damiani, N.O.Schaffer, N.Bauth, V.S.Dutra (org.). Fronteiras e Espaço Global**, AGB. P.41-49.Porto Alegre, 1998.

_____. **Região Fronteiras e Redes Ilegais – Estratégias territoriais na Amazônia Sul-Americana**. LIMES – Revista Italiana diGeopolitica. QuaderniSpeciali, Supllementoal n.3, 2007.p 173-183.

_____. **Movimento de dinheiro e tráfico de drogas na Amazônia**. Em M. M. Ribeiro e S. Seibel (coord.). Drogas. Hegemonia do Cinismo. S. Paulo: Memorial, 1995.p. 217-242.

_____. **O comércio ilícito de drogas e a geografia da integração financeira: uma simbiose?** Em I. Castro e outros (org.). Brasil. Questões Atuais da Reorganização do Território. P.15-64. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1996.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental. Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MARQUES, Adalton. **“Liderança”, “proceder” e “igualdade”: uma etnografia das relações políticas no Primeiro Comando da Capital**. Etnográfica,junho de 2010,14 (2): 311-335.

MISSE, Michel. **As ligações perigosas: mercado informal ilegal narcotráfico e violência no Rio de Janeiro**. Contemporaneidade e Educação, v.1, n.2, 1997. P.93-116.

_____. **Cinco teses equivocadas sobre a criminalidade urbana no Brasil: uma abordagem crítica, acompanhada de sugestões para uma agenda de pesquisas.** Exposição apresentada á mesa redonda: “Violência no publico e no privado”, no seminário “ Violência e participação social no Rio de Janeiro”, realizado em 17/04/1995 no IUPERJ, Rio de Janeiro.

_____. **Rio como um Bazar. A conversão da ilegalidade em mercadoria politica.** Insight Inteligência. Rio de Janeiro: v.3, n.5, 2002, p.12-16.

_____. **O Movimento: construção e reprodução das redes do Mercado informal ilegal de drogas a varejo no Rio de Janeiro e seus efeitos de violência,** in: Drogas e pós-modernidade. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2003.

NORDSTROM, Carolyn. 2007. *Global Outlaws. Crime, Money and Power in the contemporary world.*Berkeley, Los Angeles and London: UniversityofCalifornia

OLIVEIRA, Tito, C. M. **Os Elos da integração: o exemplo da fronteira Brasil-Bolívia.** In: Seminário de Estudos Fronteiriços. Campo Grande: UFMS, 2009.

_____. **Tipologia das relações fronteiriças: elementos para o debate teórico-práticos.** In: **Território Sem Limites.** Estudos sobre fronteiras. Campo Grande: UFMS, 2005.

_____. “A lógica espacial do território fronteiriço – os casos das aglomerações de Ponta Porã-Pedro Juan Caballero e Ládário-Corumbá-Puerto Quijarro-Puerto Suarez. In: SEBRAE (Org). **Mato Grosso do Sul sem fronteiras: características e interações territoriais.** Campo Grande: SEBRAE, 2010. p. 239-255.

OLIVEIRA, Giovanni França & COSTA, Gustavo Villela Lima da.**Alguns Apontamentos em Relação ao Tráfico de Drogas na Fronteira: Corumbá/Brasil – Puerto Quijarro/Bolívia.** Texto apresentado no III Seminário de Estudos Fronteiriços em Corumbá. Anais. ISSN 2178-2245.

_____.**Traficantes, contrabandistas e taxistas: economia “ilegal” e controle na fronteira brasil–Bolívia.** Trabalho apresentado na 28ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 02 e 05 de julho de 2012, em São Paulo, SP, Brasil.

_____. **Redes ilegais e Trabalho Ilícito: comércio de drogas na região de fronteira de Corumbá/Brasil – Puerto Quijarro/Bolívia.** Boletim Gaúcho de geografia, nº 38, n.1-2/ 2011, p. 137-156.

OLIVEIRA, Vitor Wagner Neto de. **Estrada móvel, fronteiras incertas: os trabalhadores do rio Paraguai (1917-1926).** Campo Grande: UFMS, 2005. 204 p.

OLIVEIRA, Adriano. **Tráfico de drogas e crime organizado - Peças e Mecanismos.** Curitiba: Editora Jaruá, 2008, 328p.

PARK, Robert E. **A Cidade: Sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano em VELHO, O. (org.) O Fenômeno Urbano.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1967.

PERALDI, Michel. 2007. **Economies Criminelles et Mondes d'Affaire à Tangier. Cultures e Conflits**, No. 68, p. 111-125.

RODRIGUES, T. M. S. **A infundável guerra americana: Brasil, EUA e o narcotráfico no continente**. São Paulo em Perspectiva, v.16, n.2, p.102-11, 2002.

RUGGIERO, Vincenzo e SOUTH, Nigel. 1997. **The Late-Modern City as a Bazaar: Drug Markets, Illegal Enterprise and the 'Barricades'**. The British Journal of Sociology, vol.48, no.1 (mar. 1997), PP. 54-70.

STEARMAN, Allyn Maclean. **Camba y Colha: migracion y desarrollo em Santa Cruz, Bolivia**. La Paz. Libreria editorial Juventude, 1987, p. 243.

TELLES, Vera da Silva. **Ilegalismos urbanos e a cidade**. Novos Estudos, Julho 2009. P. 153-173.

_____. 2010. **Nas dobras do legal e do ilegal: Ilegalismos e jogos de poder nas tramas da cidade**. in: DILEMAS: Revista de Estudos de Conflito e Controle Social. Vol. 2 – n o 5-6 - JUL/AGO/SET-OUT/NOV/DEZ 2010 - pp. 97-126.

TELLES, Vera da Silva & HIRATA, Daniel Veloso. **Cidade e Práticas Urbanas: nas fronteiras incertas entre o ilegal, o informal e o ilícito**. Estudos Avançados 21 (61), 2007.

_____. 2010. **Ilegalismos e jogos de poder em São Paulo**. Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 22, n. 2, pp. 39-59.

VALCUENDE DEL RÍO, José Maria, CARDIA, Lais M. **Etnografia das fronteiras políticas e sociais na Amazônia Ocidental: Brasil, Peru e Bolívia**. Scripta Nova. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales. Barcelona: Universidad de Barcelona, 1 de junio de 2009, vol. XIII, núm. 292. [ISSN: 1138-9788]. Disponível em: <<http://www.ub.es/geocrit/sn/sn-29>> Acesso em: 10 mai. 2012.

VELHO, Otávio Guilherme. 1979. **Capitalismo Autoritário e Campesinato (um estudo comparativo a partir da fronteira em movimento)**. Difel: São Paulo e Rio de Janeiro.

WHYTHE, William Foote. **Sociedade de Esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

ZALUAR, Alba. **Pesquisando no Perigo: etnografias voluntárias e não acidentais**. MANA 15(2): 557-584, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-93132009000200009&script=sci_arttext> . Acesso em: 10 abr. 2012.

GLOSSÁRIO

Agir: trabalhar.

Arrego: pagamento de propina a polícia.

Arrocho: roubo.

Aval: Autorização para matar

Aviões: São pessoas que carregam consigo pequenas quantidades de drogas para serem vendidas dentro de festas, por exemplo, ou em qualquer outro lugar que propicie a venda.

Bonde: transporte de preses de um lugar para o outro.

Boqueiro: São chamados de boqueiros, os donos do ponto de venda.

Empurrar: Passar adiante o produto roubado, geralmente são celulares, capacetes de motocicletas, máquinas de fotos digitais.

Fita: ação, tarefa.

Cabuloso: aquela pessoa que não se deixar ser subjugado. Caso seja um local cabuloso, denota um ambiente para poucos para os que têm “moral”.

Caguetas: delator.

Caixa: são caixas pequenas de fósforos de cozinha.

Correria: O emprego do significado desta expressão pode variar dependendo da atividade ser feita. Em geral esta ligada a pessoas que tem certa “moral” dentro do mundo do crime local.

Corre: forma de ganhar dinheiro

Crocodilagem: traição.

Cruzão: sem experiência.

Cruzada: porrada

Debate: discussão

Embaçado: situação difícil ou complicada

Flagrantão: ganancioso, não se importa com a polícia.

Frentista: olheiro.

Geral do sistema: posto “hierárquico” do PCC.

Irmão leal: integrante já batizado no PCC.

Maludo: Metido a ser forte e valente, que não teme ninguém.

Mocar: esconder.

Morrer rolo: fim de rixa entre membros de gangues diferentes.

Peças: invólucros de drogas pesando um quilo podem também ser chamados de tijolo.

Paradinhas: São os papelotes onde são colocadas as quantidades de drogas.

Pc: pau no cú, usado para clientes que vão ao bar, mas não “usufruem” dos serviços das garotas.

Pipeiros: Expressão usada para os usuários de base que vagam dia e noite a procura de algum ganho para comprar a droga, também e usada à expressão pipeiros para esses mesmos.

Pichicata: atividades ilícitas.

Pichicateiro: Pessoa envolvida com o tráfico de drogas do lado boliviano da fronteira, sinônimo de “traficante”.

Pr: Programa.

PCC: primeiro comando da capital, também é chamado de família ou partido.

Primo leal: indivíduo que não foi batizado mais corre junto com o comando.

Ratos: Pessoas que na hora de fazer o corre para o usuário tiram pequenas quantidades do papelote.

Rolo: rixa.

Sapeca: atirar com arma de fogo.

Sintonia: regime de relações que permite que uma iniciativa, ideia, ato ou enunciado de alguém acione uma cadeia imitativa que ressoe, não sem resistência e adaptações, entre os que estão “na mesma caminhada”.

Sumareio: levantamento de informações.

Trairagem: traição.

Traíra: traidor.

Zumbis: Expressão usada para os usuários de base que vagam dia e noite a procura de algum ganho para comprar a droga, também e usada à expressão pipeiros para esses mesmos.